Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Roberto Eduardo Carneiro dos Santos

Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha

São Gonçalo
2022

Roberto Eduardo Carneiro dos Santos

Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gomes Moerbeck

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S237 Santos, Roberto Eduardo Carneiro dos.
Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha / Roberto Eduardo Carneiro dos Santos. – 2022.
117f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gomes Moerbeck.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Youtube (Recurso eletrônico) – Teses. 3. Geração Z – Teses. I. Moerbeck, Guilherme Gomes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Roberto Eduardo Carneiro dos Santos

Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 15 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Guilherme Gomes Moerbeck (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

_____

Prof. Dr. Alex Degan

Universidade Federal de Santa Catarina

_____

Prof. Dr. Flaviano Bugatti Isolan

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

“Em algum lugar, alguma coisa incrível está esperando para ser conhecida.”

Carl Edward Sagan

AGRADECIMENTOS

Transpor etapas é sempre algo muito bom, que traz em si uma sensação de dever cumprido, alívio e aprendizado, bem como crescimento enquanto ser humano, o que por sua vez também se apresenta com uma sensação de pequenez, de limitação, de que o conhecimento não pode de fato ser alcançado em sua totalidade, mas que de alguma forma podemos contemplar uma gota de sua imensidão.

Em tempos de desvalorização do conhecimento científico enquanto há uma superexposição à ignorância, o regozijo por uma etapa concluída é mais que satisfatório, mais que louvável, mais que necessário. Pois atualmente, não existe uma divisão entre ideologias, como na época da Guerra Fria, existem divisões múltiplas: de gênero, etnia, religião, entre outras num sentido negativo dos termos, fomentando o ódio e divisões cada vez mais acentuadas. Será que as pessoas se esqueceram de raciocinar? Se esqueceram de buscar o conhecimento?

Este trabalho não seria possível sem o apoio da minha família, principalmente dos meus filhos, aos quais, dedico não só esta dissertação, mas a minha vida, minhas forças e minha vontade de seguir em frente, mesmo nas adversidades e dificuldades diárias, pelas quais passa um professor no Brasil do século XXI.

Estendo meus agradecimentos aos meus amigos Fábio Blanc e Manoela Reis Blanc, amigos que o lado bom da vida me presenteou, os quais me deram valiosas dicas e conselhos, pelas suas experiências de vida e de academia. Posso não lembrar de todos os conselhos, mas lembro, porém, da alegria ao me ver neste mestrado e a preocupação constante no decorrer deste curso.

Não poderia esquecer de forma alguma do professor Dr. Guilherme Gomes Moerbeck, pela paciência, orientação, interesse e tantos outros adjetivos positivos possíveis. Sua orientação para mim foi como uma cura a uma experiência não muito boa que tive no passado, referente à orientação, que me deixou um pouco decepcionado com a atividade acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Finalmente, agradeço aos meus alunos do Colégio Estadual Alice Paccini Gélio, sem os quais este trabalho seria impossível de realizar. Meninas e meninos que mesmo em meio às

dificuldades de aprendizado e à realidade social em que vivem, levam em si a esperança de serem bons cidadãos e pessoas conscientes.

RESUMO

SANTOS, Roberto Eduardo Carneiro dos. *Redes digitais e ensino de História*: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

A presente dissertação tem como objetivo principal discutir as possibilidades de utilização dos canais de ensino de História do YouTube em sala de aula, como forma de apoio pedagógico e na construção e desenvolvimento de uma consciência histórica. No que tange à consciência histórica, discutiremos as possibilidades de sua relação/constituição por meio da História Pública, em particular na utilização de meios digitais, num esforço epistemológico de fazer com que a história possa ser bem recebida por alunos da educação básica. Por isso, far-se-á necessária uma seleção e avaliação de canais voltados ao ensino de história no YouTube que possam obedecer ou estarem de acordo com as possibilidades de uma História Pública de boa qualidade técnica e historiográfica. Além disso, discutiremos também a diferenciação desses canais em relação a outros, criados com vieses ideológicos e políticos que dialogam com outras narrativas históricas, alimentando com *fake news* as redes digitais, patrocinando negacionismos numa era de pós-verdade. Por fim, pretende-se destacar o papel do professor-curador e a importante tarefa de filtrar e mesmo barrar narrativas enviesadas antes de chegar aos educandos. Sendo assim, no primeiro capítulo discutiremos a História Pública, a História Pública Digital e o conceito de Gerações Z e Alpha, bem como nativos e imigrantes digitais. No segundo capítulo apresentaremos uma visão geral sobre os canais do YouTube de ensino de história e os *youtubers.* Finalmente, no terceiro capítulo, apresentaremos a discussão sobre os canais de cunho negacionista, as dificuldades no acesso e permanência do aluno na internet e apresentaremos os resultados do trabalho aplicado em sala de aula, utilizando alguns canais de ensino de história, sobre temas previamente selecionados.

Palavras-chave: Ensino de História. YouTube. História Pública. Gerações Z e Alpha.

ABSTRACT

SANTOS, Roberto Eduardo Carneiro dos. *Digital networks and History teaching*: production, reception and through the internet from the perspective of Public History among students of generation Z and Alpha. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

This dissertation aims, as a main goal, to discuss the possibilities of using YouTubers History channels in classrooms, in particular, as a pedagogical tool and in the construction and development of a historical consciousness. Regarding historical consciousness, we will discuss the possibilities of its relation/constitution by using Public History, furthermore, concerning the use of digital media, as a methodological approach to make the discipline of History well received by the students at high school's public system. Therefore, it is necessary to select and review some history's public channels. In this way, we will also discuss the relation between straight channels, which concern a compromise with the academic historiographical developments; and others, created by people with ideological and political bias which foster revisionists' narratives, usually based on fake news from the digital media, sponsored by denialists in a post-truth era. Ultimately, it is intended to emphasize the history teacher's role as a curator, in regard to the relevant assignment of filtrate or even stop certain biased narratives before it is assimilated by school students. To accomplish so, in the first chapter, we will discuss Public History, the Digital Public History and the concept of Z and Alpha generation, as well as about the concepts of digital natives and immigrants. In the second chapter, we will show an overview about the teaching of history in YouTube channels. Finally, in the third and last chapter, we aim to discuss the denialists' channels, the student's difficulties of access to the internet and present the classroom survey results.

Keywords: Teaching of History. YouTube. Public History. Alpha and Z generations.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	**HISTÓRIA PÚBLICA, SEUS PÚBLICOS E HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E O CONCEITO DE GERAÇÕES: GERAÇÃO Z E ALPHA**	13
1.1	**Nativos e Imigrantes Digitais**	15
1.2	**História Pública e seus públicos**	18
1.3	**História Pública e Consciência Histórica**	20
1.4	**História Pública Digital**	24
1.5	**Geração Z e Alpha**	29
2	**O YOUTUBE E O ENSINO DE HISTÓRIA**	36
2.1	**Os youtubers e os canais de história**	40
2.2	**Análise dos vídeos a serem utilizados em sala de aula**	53
3	**O YOUTUBE TRABALHADO EM SALA DE AULA**	63
3.1	**O combate à desinformação na internet**	64
3.2	**Os dados sobre acesso à internet nos últimos anos**	71
3.3	**Os dados locais**	78
3.4	**Sobre a escola e os alunos, uma visão geral**	81
3.5	**O trabalho aplicado utilizando os vídeos do YouTube**	85
3.6	**O trabalho e seu desenvolvimento conforme a metodologia Webquest**	86
3.7	**Aulas expositivas**	86
3.8	**Período de confecção dos trabalhos pelos alunos**	89
3.9	**Apresentação dos resultados**	90
	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS	99

ANEXO A – Quadro analítico dos canais de História no YouTube, Podcast e outros 102

ANEXO B – Análise dos vídeos a serem utilizados 108

ANEXO C – Pesquisa local relativa ao acesso à internet 114

INTRODUÇÃO

Tecnologias não são somente equipamentos e programas, elas podem de fato influir nos destinos da humanidade, de forma positiva ou negativa, pois a tecnologia em si é amorfa, pronta para ser utilizada das mais diversas maneiras e pelos mais diversos propósitos. Muitos filmes de ficção científica demonstram tal afirmativa, desde "Metrópolis" e sua narrativa utópica de um mundo caótico comandado por máquinas, até "O Protótipo", com suas questões éticas relacionadas à vida e às possibilidades de substituição dela por inteligência artificial.

Entre os extremos apresentados por Hollywood estão os nossos dias, nos quais a internet faz parte da sociedade humana em todas as suas esferas, desde a economia até a saúde, não numa perspectiva – ainda – de Metrópolis, nem mesmo de O Protótipo, mas em ensaios do que pode vir a ser uma sociedade plenamente incorporada ao mundo virtual, onde setores da sociedade só funcionariam integralizados numa lógica informacional conectada ao mundo virtual, à internet 3.0 ou superior. Mas ainda estamos longe de uma realidade otimista proposta pelo historiador israelense Yuval Noah Harari (2016), de um mundo no qual os seres humanos desenvolvam tamanha tecnologia que consigam até mesmo vencer a morte[1]

Não nos cabe aqui falar sobre possibilidades futuristas extremas ou mesmo dissertar sobre a história da informática, não é este o propósito deste trabalho. No entanto, reconhecemos que sem a tecnologia, nem mesmo uma educação de qualidade é viável, com isso, porém, não queremos minimizar o trabalho do professor, pois sem o mesmo, não existe o mínimo que poderíamos chamar de educação, chamamos a atenção para as condições necessárias para um rendimento maior do aprendizado, utilizando-se os meios disponíveis na internet, como por exemplo canais de vídeo que podem servir como ferramentas muito úteis para o professor na árdua tarefa de ensinar às gerações.

Foi com este propósito que começamos a cogitar a possibilidade de agregar essas ferramentas ao ensino de História. Não somos os primeiros a pensar e a estudar essa possibilidade, a utilização de tecnologias virtuais em sala de aula com os alunos já é utilizada há muito tempo, queremos na verdade, contribuir para que o conhecimento seja de fato uma arma contra a ignorância da atualidade. Sempre nos questionávamos o porquê de não haver uma proposta abrangente que incentivasse o uso de vídeos da internet em salas de aula, por

[1] O autor fala da morte como um mal que possa ser controlado e consequentemente evitado por causas naturais, exceto desastres, num futuro não muito distante, dado ao avanço da engenharia genética medicina regenerativa e nanotecnologia (HARARI. 2016. p. 34).

meio de celulares, computadores e *tablets,* o que havia realmente era uma limitação e por vezes proibição de utilizar aparelhos em sala, e ainda há, nós mesmos já incorporamos essa ideia de excluir as tecnologias da sala de aula.

Mas, como ideias podem mudar, começamos a observar que ao invés de proibir, poderíamos utilizar os mais variados meios informacionais a favor do aprendizado do aluno, em especial o ensino de história. Foi observando os diversos canais de história do YouTube desde 2018 que pensamos na possibilidade de utilizá-los como ferramenta auxiliar na prática docente. Muitos dos canais não foram criados com a intenção de utilização na área do ensino, mas como forma de divulgação científica de uma área do conhecimento por vezes negligenciada na sociedade. No entanto, o trabalho do professor não se restringe a manuais e livros didáticos, o docente tem a sensibilidade de encontrar utilidade nos mais diversos materiais para utilizar em sala de aula, a internet não ficaria de fora desse contexto, muito menos nas diversas ferramentas disponíveis no mundo virtual.

Porém, não basta somente utilizar de forma aleatória as diversas ferramentas para o ensino de história disponíveis na internet, até porque, nem tudo que está na rede mundial de computadores pode ser utilizado sem critérios e certa limitação, por questões de segurança intelectual do próprio aluno, num mundo pós-moderno, impregnado de notícias falsas, com objetivos claros de distorções de narrativas, incentivadas por grupos que por algum tempo agiam nas sombras, mas que agora se sentem a vontade para patrocinar ódio, preconceito, homofobia, racismo e outras formas repugnantes de ataques desumanos às pessoas e grupos, pelo simples fato de serem diferentes daquilo que eles chamam de “normalidade”.

Foi com esse cuidado que procuramos pesquisar não só os canais de YouTube que ensinam história, mas de entender sua natureza, para quem falam, sobre o que falam, as ferramentas que utilizam para construir o conhecimento histórico, entre outras coisas. Para ficar de uma forma mais organizada possível, propomos a divisão deste trabalho em três capítulos, nos quais, procuramos analisar de forma detalhada questões relacionadas à teoria, público alvo, forma de construção e manutenção dos canais e estudo de casos utilizando e aplicando metodologias disponíveis nas práticas pedagógicas e na historiografia, para no fim, apresentar um panorama e resultados que possam defender ou não o uso de ferramentas disponíveis na internet para o ensino de história, para além do livro didático ou de currículos básicos.

No primeiro capítulo, discorremos sobre a parte teórica da nossa pesquisa, como toda área do conhecimento, todo objeto tem sua base teórica, de onde emanam as ideias e as formas de como estudar e aplicar tais estudos. Neste capítulo, apresentamos o conceito de

Nativos e Imigrantes Digitais, de Marc Prensky, o qual atribui uma maior desenvoltura no uso da internet e seus componentes a critérios geracionais, isto quer dizer, segundo ele, que quando se nasce num mundo conectado, se aprende mais rápido a utilizar as ferramentas digitais, diferente de pessoas que nasceram num mundo analógico, as quais precisam aprender de forma árdua a linguagem dos jovens atuais, como se fossem imigrantes em países estranhos à sua cultura. Mesmo este conceito tendo sido revisto pelo próprio autor, ele foi um marco importante para a compreensão das relações das novas gerações com o mundo informatizado.

E por falar em gerações, estudamos como essas novas gerações se relacionam entre si e com o mundo ao seu redor, a partir de dinâmicas baseadas em suas interações no mundo virtual, isso quer dizer, como que o mundo é lido pelos jovens do início do século XXI, as chamadas gerações Z e Alpha, pelo olhar do virtual, das telas de computadores, notebooks, *tablets* e *smartphones.* A partir daí, estudamos como a história se apresenta e como é representada neste contexto do mundo 2.0 ou 3.0: a História Pública, que é uma história para além da academia e dos bancos escolares, uma história para todos os públicos, popularizada por plataformas de *streaming*, através de séries épicas e personagens mais humanizados.

No segundo capítulo, apresentamos uma pesquisa mais detalhada possível dos canais de YouTube de ensino de história, com depoimentos inclusive, de criadores e mantenedores de alguns desses canais, suas dificuldades, seus propósitos e suas esperanças nos seus trabalhos na plataforma de vídeos. Analisamos também os vídeos a serem utilizados no trabalho objeto desta dissertação, em sala de aula, fazendo um trabalho de curadoria e filtragem.

Por fim, no terceiro capítulo, descrevemos os alunos da escola onde aplicamos a proposta que foi objeto deste estudo, a saber, a utilização mediada de vídeos em sala de aula, obtendo resultados que nos possibilitem analisar e reconhecer características esperadas e despertadas nos alunos, relativas ao estudo dos agentes históricos, como por exemplo, empatia, solidariedade, crítica social, alteridade e o mais importante de todos, que é o conjunto de tudo isso: a consciência histórica.

1 **HISTÓRIA PÚBLICA, SEUS PÚBLICOS E HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E O CONCEITO DE GERAÇÕES: GERAÇÃO Z E ALPHA**

Trabalhar com educação no século XXI impõe desafios, nunca foi fácil, talvez nunca seja, no entanto, em nossos tempos há elementos novos para tornar a tarefa do ensino-aprendizagem mais empolgante, bem como mais desafiadora. Um elemento central nesse universo de debates, embora haja tantos outros, é a internet. Ela é instrumento vital no presente e se coloca como instrumento essencial em nossa prática cotidiana de ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado pela humanidade. É praticamente impossível pensar a vida em sociedade sem que a internet não se faça presente neste início do terceiro milênio.

Como ferramenta dentro de sala de aula, a internet tem se mostrado cada vez mais presente. Independente se gostamos ou não, ela veio para ficar e mudar os modos e as metodologias pelas quais ensinamos às novas gerações, afinal, não temos como impedir o avanço das tecnologias digitais no ambiente escolar. No entanto, como já fora dito, há desafios no esforço de adequar uma rotina escolar tradicional às inovações digitais. Os desafios podem ser de ordem operacional, pois é uma tecnologia inovadora, mas também de ordem teórica: como ensinar usando a *Web*? Por quais caminhos seguir? Realmente não há respostas simples para estas e outras perguntas. Muito menos queremos propor soluções mágicas ou resolver problemas demasiado complexos, mas apresentar alternativas que possam facilitar o trabalho do professor em sala de aula.

Trabalhando com alunos da rede pública, com a disciplina de História, percebi que há um distanciamento em relação às aulas, o qual pode ser explicado por vários fatores: desinteresse, falta de perspectiva na vida, exemplo dos pais e responsáveis, igualmente sem perspectivas, condições sociais adversas, violência e, principalmente, a não identificação com os temas apresentados em sala. De fato, as metodologias inseridas em currículos escolares para se trabalhar a História, são muito limitadas, quiçá distantes, fora do contexto social dos alunos, gerando assim, certa apatia. O desafio de ensinar por meio do passado já impõe suas próprias dificuldades. Falar de tempos e tradições distantes do dia a dia deles, aliado a metodologias que não se atualizaram com as novas tecnologias, isto torna o trabalho muito mais difícil.

De toda maneira, ao observar que a atenção dos alunos não se dispersa quando estão usando o celular, ou quando se atrai a atenção deles utilizando justamente as mídias nas aulas,

como por exemplo, filmes, percebi uma possibilidade de otimizar o uso dessas tecnologias para o ensino de História. Evidentemente, não sou o primeiro e o único professor a utilizar as mídias para o ensino numa perspectiva positiva, vários colegas já o fazem há muito mais tempo e com bastante êxito. No entanto, gostaria de analisar em sentido específico, como canais digitais, do YouTube, em particular, podem ser úteis para o ensino de história. Hoje em dia, não faltam canais que possibilitam ao aluno acessar temas em História, seja para auxiliá-los nas aulas, ou mesmo por curiosidade. Mas, a análise deste trabalho não se restringirá somente aos canais de YouTube e sua produção, pretende-se avaliar, principalmente, como os alunos se apropriam de seus conteúdos. Igualmente, se eles facilitam ou confundem o entendimento a respeito de temas que foram estudados no ambiente escolar, bem como e a partir de quais referências os discentes conseguem compreender a História e nas possíveis sinergias entre a História escolar e a História Pública digital.

Os tempos atuais trazem consigo desafios e questões importantes a serem pensadas e discutidas. Entre esses questionamentos da contemporaneidade, resta o papel da ciência e sua contribuição na busca de respostas a crescente procura de soluções para os problemas da atualidade. Conflitos étnicos, tensões sociais, pandemias, problemas climáticos, validade *versus* verdade, são alguns destes problemas. Neste sentido, qual o papel da História e do profissional de História em explicar tais crises? Mais além: qual o papel social do aprendizado da História na escola? Seus usos práticos e racionais?

A pesquisadora Sônia Wanderley (2020) discute algumas dessas questões, procurando demonstrar que o conhecimento histórico construído por meio do ensino de História deve ter como um de seus objetivos uma educação humanista, fruto da função pública do conhecimento histórico. Nos tempos atuais, principalmente por meio da internet, muito se questiona em torno de narrativas históricas, atores de diferentes matizes sociais, com intenções duvidosas que se colocam em posição de autoridade para contestar e rejeitar explicações consensuais entre os profissionais de História já há muito tempo. Pior do que isso propõem outras formas de narrativas, criando o que chamamos de revisionismo histórico, sem critérios, sem diálogo com o contraditório, mas muito enviesada.

As ciências como um todo, incluindo-se as ciências sociais, acabam não sendo muito eficazes na tarefa de dirimir esses discursos paralelos carregados de interpretações perigosas sobre o conhecimento histórico, em parte, um dos motivos pode ser o caráter complexo e muitas vezes divergente das explicações científicas. Não que isso seja ruim, é da natureza da ciência essa autocrítica e incompletude nas explicações e definições, o problema consiste no

embate dessas questões metodológicas com o senso comum, mais simples e que busca respostas imediatas, curtas, certas e rápidas (WANDERLEY. 2020. p.1).

Partindo desses pressupostos e de como tudo isso valida e influencia as narrativas do aprendizado histórico escolar, a pesquisadora levanta questões a serem respondidas como por exemplo: qual a importância da história ensinada nas escolas na vida prática dos alunos? Como fazer com que o ensino de história na escola tenha maior importância e seja mais significativo do que o senso comum e as distorções das narrativas históricas revisionistas? E, por fim, o que se espera como um diferencial no aprendizado escolar de História? Uma das hipóteses que seria pensada, a partir do próprio ensino de História escolar, de suas singularidades, a partir da noção de cultura histórica, seria um elo entre o conhecimento científico e o senso comum. Neste sentido, pensar a História escolar voltada para a vida prática do aluno, é também uma forma de manifestação da História Pública (WANDERLEY. 2020. p. 2).

1.1 **Nativos e Imigrantes Digitais**

O conceito de Prensky sobre as diferentes gerações e como elas operacionalizam a informação digital, por meio de ferramentas comuns ganhou bastante notoriedade, a despeito de suas claras limitações, há alguns anos. Toda a discussão dele concerne, o descompasso de organização do pensamento entre pessoas com quarenta anos ou mais, que nasceram numa transição de um mundo analógico para um mundo digital, e as novas gerações, que já nasceram num contexto totalmente informatizado. Pensando o ensino, ele trabalha os processos e os dilemas, bem como os conflitos, entre professores que não se atualizaram no mundo digital e os alunos que se mostram cansados das formas tradicionais de ensino.

Os imigrantes digitais como Prensky mesmo diz: praticam primeiro esse modo de conhecer o mundo através do meio digital para depois compreendê-lo.

> Relativamente a este último, devemos afirmar que, como qualquer imigrante, aprendemos – cada um ao nosso ritmo – a adaptarmo-nos ao meio, mas mantendo sempre uma certa ligação (a que chamo “sotaque”) com o passado. (...) nossos alunos pensam e processam informações de maneira significativamente diferente de seus predecessores. (PRENSKY. 2010).

Embora, diga-se de passagem, a interpretação de Prensky seja demasiado dicotômica, em linhas gerais, os nativos digitais recebem e querem operar com informações de forma rápida; conseguem fazer multitarefas no mundo virtual; preferem textos e gráficos; pesquisam de forma aleatória; trabalham muito bem com a internet, o que lhes traz satisfação ao poder operar conforme tais características, pois compreendem que estão progredindo. Os imigrantes digitais, por outro lado, não valorizam suficientemente este modo de ler e agir no mundo dos nativos digitais, têm medo de se aprofundar no mundo e na linguagem deles e são de alguma forma mais lentos em se adaptar ao mundo digital (PRENSKY. 2010. p.4).

Esse descompasso entre nativos e imigrantes digitais, gera um conflito em termos de ensino-aprendizagem. O professor que não "fala" ou não sabe falar a língua de um mundo quase cem por cento informatizado, acaba por ter dificuldade com seus alunos, que, por sua vez, têm igualmente dificuldade em entender a matéria fora da linguagem digital. Embora seja um exagero, é como se fossem dois estrangeiros que não conhecem o idioma um do outro, tentando se comunicar. Muitos desses professores são um pouco conservadores com respeito a aprender a língua dos alunos, preferem se apegar a seus títulos e sua prática constantemente repetitiva, sem se dispor a colocar elementos novos e mais atraentes para o aprendizado dos alunos.

O mundo digital e sua operacionalização diária, pode mudar comportamentos, com base nas experiências. No entanto, isso não é um processo novo segundo Prensky, mas aquele que o ser humano pratica há milhares de anos. Contudo, nos tempos atuais, esse processo se tornou mais intenso devido ao mundo digital. Note-se que temos que ter cuidado com tais afirmações, pois mesmo com o avanço da internet e das redes digitais, não há garantia alguma de que todos os nativos digitais saibam usar tais ferramentas. Não é certo que o "sentir-se à vontade" com mecanismos digitais signifique um fator distintivo em termos de inteligência e nem mesmo se, necessariamente, um nativo digital conhece mais profundamente as formas complexas de utilizar a internet e programas do que um imigrante digital. Na verdade, o interessante dessas categorias é o seu valor heurístico de aproximação com as clivagens criadas no mundo da educação após a revolução informacional.

A contribuição de Marc Prensky ao debate sobre as diferentes formas que adolescentes e adultos, no atinente à aquisição de conhecimento, lidam com as ferramentas disponíveis no mundo digital para possuir, operar e passar tais conhecimentos foi sem dúvida muito interessante à época de sua publicação. A partir dessa concepção de um mundo do saber dividido entre pessoas inseridas totalmente e parcialmente no contexto digital, da internet, podemos compreender mais profundamente a relação entre professor e aluno, como ensinar

nos novos tempos, bem como aprender nesses novos tempos. Prensky elaborou um conceito que se tornou uma porta de entrada para compreendermos como a relação entre pessoas que trabalham com o conhecimento e aquelas que os adquirem se dá neste início de 3º milênio.

Não obstante, porta de entrada aqui pode significar justamente isso. Apenas um início, um primeiro passo, algo que se abre a possibilidades conceituais mais refinadas. Como tudo que é produzido à luz da ciência, conceitos e teorias são referendadas, criticadas, colocadas à prova e melhoradas no decorrer do tempo. Por causa de novos dados não disponíveis ou impossibilitados de serem analisados à época da primeira pesquisa, erros de amostragens, análises parciais do objeto ou outros inúmeros fatores fazem com que, um conceito possa sofrer revisões que, buscam aprimorar a pesquisa inicial. Essa mesma lógica se aplica ao conceito de Nativos e Imigrantes Digitais, como havia dito neste texto, muito útil como primeira análise, mas passível de revisões críticas.

Essa é a proposta do professor Bruno Leal Carvalho, uma reflexão mais profunda sobre o conceito do pesquisador norte americano, pois as formas como se adquire o conhecimento numa era digital não são estáticas. Além disso, em se tratando de pessoas, muito menos. O professor Carvalho começa sua análise apontando alguns problemas relativos ao conceito de Nativos e Imigrantes Digitais, como os que têm a ver com questões econômicas e sociais. Segundo ele, Presnky analisa uma sociedade plenamente industrializada e rica: a sociedade estadunidense (CARVALHO. 2016. p. 38).

Outro problema apresentado pelo professor Carvalho, tem a ver com a forma um tanto simplista com que Prensky entende os nativos digitais, como um corpo único e uniforme. Entendido como um bloco monolítico, com linguagem única e versáteis em tudo no mundo digital, Prensky não se aprofunda nas diversidades dentro desse grupo. Para o professor Carvalho, portanto, o avanço da internet nos últimos quinze anos, após o lançamento do artigo do pesquisador norte americano, possibilitou uma dinamização das relações e organizações do ciberespaço. Os nativos digitais subdividem-se nos usos que fazem das ferramentas digitais, algumas conforme as gerações. As gerações mais recentes, nascidas entre os anos 2000 e 2010 utilizam com mais frequência para se comunicar as redes sociais, como Facebook e Instagram, diferente das gerações dos anos 1980 e 1990, as quais ainda utilizam o correio eletrônico, mais conhecido como e-mail, para enviar mensagens (CARVALHO. 2016. p.40).

1.2 **História Pública e seus públicos**

Em um artigo publicado em 2019, Fernando Nicolazzi refletindo acerca da relação entre o historiador e seus públicos, tentou compreender, afinal, quem é esse público. Tal historiador considera, principalmente, o campo da recepção das histórias, e como elas podem ou não influenciar os seus ouvintes, apresentando, também, o universo das mídias digitais e de uma modalidade relativamente nova de fazer história: a História Pública.

Recuando à Grécia do século V a.C., ele começa avaliando a relação entre o historiador, a princípio mais próximo dos poetas e aedos, e seus diferentes públicos. Na Antiguidade e mesmo em boa parte do período Moderno, historiadores não formavam um grupo de profissionais definido. Havia um caminho ainda a ser trilhado, que separaria, do ponto de vista das formas da escrita, os historiadores dos poetas, por exemplo, a partir das reflexões de Aristóteles em sua poética, que considerava a história um discurso sobre o particular, ideia revista no século II por Políbio, o qual entendia a história como algo universal.

Deve-se reconhecer que o público do historiador não é passivo ao ouvir e ler as histórias, nem mesmo acrítico. O que deve ressaltar aqui é que cabe ao público, filtrar as histórias e, assim, que reter e julgar aquelas que são críveis ou não. Nesse sentido, a recepção, os variados filtros e os juízos de valor se dão de diferentes maneiras pelos seus ouvintes.

Portanto, a questão da produção de um discurso legítimo em História, não está somente ligada ao rigor metodológico do historiador ou se o seu relato é factível ao tratar dos documentos e narrativas, mas também a como é recebido, apropriado e interpretado pelo seu público. Essa afirmação, no entanto, nos leva a um questionamento interessante: como dar legitimidade ao discurso histórico e ainda ser aceito pelo público dadas as distâncias temporais entre o historiador e seu público? Considerando-se, inclusive, que um historiador, em termos gerais, trata de fatos passados, os narra para um público que não necessariamente viveu estes fatos.

> Relembro a consideração feita por Charles-Olivier Carbonell há duas décadas: “o historiador sabe que sua musa tem cem faces” (Carbonell, 1982, p.13). Podemos, a partir disso, supor que tais faces se alteraram com o tempo e que, justamente por isso, devem ser contempladas em uma perspectiva histórica. (NICOLAZZI, 2019)

Mesmo assim, considera-se, ainda, que se deva haver um esforço maior em termos teóricos para entender essas dificuldades. Por isso, ele recorre a Gérard Lenclud (antropólogo)

e a François Hartog (historiador), para sugerir uma história dentro de diferentes regimes historiográficos, o que poderia explicar, a partir da história da historiografia, as relações distintas entre historiadores e seus públicos. A partir do presente e do estudo de diferentes culturas, ainda apoiando-se em Hartog, Nicolazzi identifica uma relação entre os regimes de historicidade e a produção historiográfica, o que diz respeito à nossa capacidade de estruturar uma escrita do passado, bem como das limitações de nossa relação com ele. Ainda sobre Hartog, podemos entender estes regimes de historicidade como as formas específicas de experiências do tempo, que influem sobre outras formas, como por exemplo, como o passado é retomado pelo presente (NICOLAZZI. 2019. p. 209).

Os regimes de historicidade podem ser entendidos como amplos parâmetros dentro dos quais a historiografia produz suas análises históricas. Neles, há vários modelos/possibilidades de escrita da história e tais modos de expressão podem conduzir a análises distintas. Dentro do regime de historicidade moderno, o autor destaca três regimes historiográficos: regime historiográfico acadêmico, escolar e o campo da História Pública.

Neste sentido, os regimes historiográficos implicam, em termos gerais, considerar as diferentes formas de escrita da história, relacionadas com o tempo e seus contextos, bem como uma reflexão sobre as várias maneiras pelas quais, ela é escrita, ouvida, recebida e compreendida. Por isso, os regimes historiográficos são distintos, obedecendo às demandas distintas de diferentes públicos: acadêmico, escolar, literário, *cyber*, entre outros. Mas o autor deixa este assunto de recepção pelo público em aberto, como uma forma de proposição para futuras possíveis pesquisas.

As estratégias para que o historiador possa, por outro lado, fazer com que seu relato seja crível e aceito, pode demandar uma certa retórica historiográfica, como forma de legitimar o saber histórico e como forma de convencimento, porém, o mais significativo aqui, é o julgamento do leitor. O leitor se convence a partir de um processo de recepção da ideia, isto é, como ela chega ao receptor, produzindo ou não, a crença num discurso histórico legítimo.

Seria tautológico afirmar que a produção histórica só faz sentido de existir se houver um público para isso. No entanto, é relevante se questionar sob quais condições e maneiras essa história pode ser produzida e interpretada. Por isso, o debate público sobre a história vem ganhando dimensões consideráveis na historiografia acadêmica e fora dela também.

1.3 **História Pública e Consciência Histórica**

Há algum tempo, Sara Albieri (2011), refletiu sobre a natureza múltipla da história pública, que pode ser analisada de várias maneiras, mostrando ser um campo amplo da historiografia contemporânea. Ela enfatiza entre outras coisas, a abertura dos arquivos militares e policiais do Brasil nos últimos anos, como exemplo das possibilidades distintas e ricas da História Pública.

Com isso, a História Pública se coloca como uma ferramenta útil aos direitos humanos, por meio do interesse que os arquivos da ditadura despertam na sociedade, bem como aos movimentos sociais, entre outros, enriquecendo a luta por direitos civis e reparações históricas, o que desperta paixões de um lado e negações de outro. Em todo caso, deve-se perceber que a escrita da História Pública não é mais exclusividade do historiador propriamente dito.

Outro ponto que também abrange a História Pública é a abertura de arquivos pessoais. Há pessoas que, em suas trajetórias, foram transformadas em nomes de destaque por algum feito ou obra realizada, e por isso, seus arquivos pessoais se tornaram relevantes para a pesquisa histórica. Esse interesse pode ser oriundo tanto de pesquisadores que intuem reafirmar a importância de tais pessoas, quanto de outros, mais críticos à imagem historicamente construída delas (ALBIERI. 2011. p. 20).

Há outras formas de compreensão da História Pública, formas que podem ser entendidas dentro de um quadro da “educação histórica”, ou da divulgação científica. Decerto há preocupações de educadores não só em despertar o interesse dos alunos pela História, mas, principalmente, que tipo de História deve ser ensinada.

No campo da História escolar, em primeiro lugar, há os livros didáticos como fonte de preocupações dos professores com relação ao ensino de História. Pois, o livro didático, de certa forma, dialoga com a historiografia no decorrer dos anos de produção acadêmica. No entanto, esse “diálogo” é bastante irregular. Assim, é possível ver livros didáticos que se utilizam de perspectivas de uma história tradicionalista; dos grandes homens, impérios, guerras, e outras narrativas históricas; até vieses mais recentes, que valorizaram pessoas comuns, excluídas dos antigos livros, suas culturas e visões de mundo (ALBIERI, 2011. p. 20).

Outra forma de compreensão da História Pública é o que Albieri chama de: “lugares de memória”, termo parafraseado de Pierre Nora, o qual utilizou para organizar um inventário

da história francesa. Esses lugares de memória são museus, monumentos e sítios arqueológicos, que são objetos de políticas de preservação e restauração. Visando conceder um acesso mais amplo, a pessoas cujas formações não são acadêmicas, ou mesmo sem formação, público comum, como forma de interação com a história, tais lugares de memória ganharam importância no que diz respeito às formas em que a História pode ser apresentada à população como um todo (ALBIERI, 2011. p. 21). Ou ainda, uma dimensão conflitiva, haja vista a retirada, a queima, pichação ou destruição de monumentos considerados controversos e que geram tensões de diversas ordens com movimentos sociais.

Mais uma forma de compreensão da história pública é a divulgação científica. Ela se caracteriza por meio de documentários, mas também por exposições em museus e projetos como o Wikipédia, nos quais, dependendo da direção, curadoria ou autor do verbete podem ser mais ou menos criteriosos em suas escolhas. Filmes históricos, romances e histórias em quadrinhos com ambientação histórica, ainda que não necessariamente podem ser pensados dentro do rótulo da História Pública, podem dar acesso a informações históricas, a um vasto público, amplo e diversificado (ALBIERI, 2011. p. 21).

Essa amplitude de conteúdo e suas múltiplas possibilidades ocasionam alguns problemas, segundo a própria autora. Entre eles reside a controversa percepção de que os conteúdos, guardam uma verdade histórica em si, capaz de questionar o conhecimento histórico acumulado e já consagrado pela historiografia, o longo debate entre memória e História é fruto disso. Isso pode ser traduzido em questionamentos por parte de pessoas, a conspiracionistas, de conteúdos históricos encontrados em livros didáticos ou que levam muito a sério romances históricos por exemplo. Note-se que certas formas ficcionais, por mais que possuam uma ambientação histórica, são feitos para vender e entreter, sejam livros, filmes, quadrinhos e outras formas de produção escrita ou audiovisual. Nesse tipo de produção, a decisão sobre quais conteúdos devem ou não entrar, há omissão de alguns e supervalorização de outros, escolhidos de forma proposital, segundo o gênero narrativo, pois eles não possuem e até não precisam ter um compromisso com o rigor historiográfico.

Nesse sentido, a interpretação histórica, já é um processo de correção histórica, pois carrega em si, a opinião de quem a corrige. No entanto, isso não quer dizer que haja liberdade absoluta na interpretação, é necessário se ater a critérios já consagrados pela historiografia para fazer essa crítica aos conteúdos, no entanto, essa é justamente uma atividade que a academia não se preocupa em fazer, ao passo que a produção de jornalistas, cineastas e romancistas obtêm uma grande penetração cultural.

É importante frisar que o saber acadêmico deveria também fazer dialogar com a divulgação científica e com seus divulgadores. Existe uma forma de preconceito com o termo “divulgação científica”, entendido pejorativamente no ambiente das Ciências Humanas, mas muito valorizado nas Ciências Naturais e Exatas, que já fazem este tipo de trabalho há mais tempo, como por exemplo os trabalhos de Carl Sagan, Stephen Jay Gould, e no Brasil, de Marcelo Gleiser e Dráuzio Varela, pessoas com ampla penetração nas mídias, TV’s e jornais (ALBIERI, 2011. p. 23).

Entender que pensar o passado e suas implicações é pensar historicamente, conforme afirma Luís Fernando Cerri é um passo fundamental. A consciência histórica vai além de concepções teóricas políticas ou filosóficas, ela consiste num fenômeno humano que perpassa os afazeres próprios do especialista – o historiador – e os demais sujeitos históricos comuns, mas que estabelecem relações entre si de convivência. Pretendemos neste processo de submissão da pesquisa, investigar se a consciência histórica nos é imanente ou construída? Se ela é uma autoconsciência ou ela só faz sentido a partir da consciência de nossa existência? Não ter consciência significa também não ter consciência histórica? (CERRI, 2001. p.96).

A consciência histórica é própria do ser humano, no entanto, ela muda conforme os sentidos que damos às experiências no tempo. A consciência histórica é também coletiva, partilhada. O indivíduo só tem sentido de existir a partir do grupo, o plural precede o singular. Porém, a identidade desse indivíduo é pressuposto essencial para se ter consciência histórica. Afinal, quem sou eu no grupo em relação ao outro? Em relação ao tempo? Em relação ao meu grupo social? (CERRI, 2001. p.101).

Não é tarefa fácil a compreensão de uma consciência histórica, os grupos, as sociedades e as civilizações no decorrer do tempo agem de formas distintas, construindo identidades complexas. O ensino de História tenta investigar como se dá essa construção, por meio do conhecimento histórico escolar e o acadêmico. No entanto, eles são distintos, em seus métodos e metodologias de ensino. Como compreender então esses campos distintos? Mesmo fazendo parte do campo do ensino de História? Talvez a resposta seja a didática da História, elemento de ligação entre uma história ciência (acadêmica) e uma história escolar (CERRI, 2001, p. 109).

A didática da História como tarefa empírica, pesquisa a elaboração e recepção da História por meio da vivência, transmissão e ensino científico da História, formando uma consciência histórica, enquanto sua tarefa reflexiva, investiga os processos de formação de grupos de indivíduos e os expõe, refletindo sobre seus dramas, mitos, imaginário e outras coisas que constituem as bases das civilizações. A didática da História é importante para não

deixar a ciência histórica se perder em suas especializações, sem problematizar e refletir sobre a relevância da pesquisa histórica. A didática da História analisa os processos cognitivos na construção do conhecimento histórico (BERGMANN, 1990, p. 30, 34).

No entanto, precisamos compreender que o pensamento histórico pressupõe muito mais do que aquilo que pode ser compreendido com o auxílio da didática da História, e mais, se refere a questões além da simples interpretação do passado, uma reflexão sobre seus acontecimentos enquanto questões existenciais. A autoridade pura e simples do historiador, tida como verdade absoluta, sem questionamentos não pode ser a base de um pensamento histórico crítico, a construção de uma narrativa intencional da História sem evidências contraditórias (WINEBURG, 2019, p. 1).

A internet deu mais liberdade criativa às pessoas. Não se leva em conta autorizações de especialistas para publicar ou deixar de publicar algo, a autoridade parece nesse sentido nula, inócua ou mesmo sem importância. No entanto, tanto material disponível na rede pode provocar interpretações errôneas ou enviesadas sobre pessoas e fatos históricos, não tanto *Fake News* a princípio, mas ideias que passadas pelo crivo metodológico da historiografia, seriam invalidadas. Como podemos então chegar a conclusões sensatas à luz da História? Um desses caminhos pode ser a investigação de documentos e a forma com que instigamos nos alunos a curiosidade, a pesquisa, o ensino de um pensamento histórico mais profundo, que consiga ler nas entrelinhas (WINEBURG, 2019, p. 2).

Por fim, embora não menos importante, Peter Lee (2003), destaca um ponto interessante para que os alunos entendam o conceito de consciência histórica: a empatia. Para o autor, a compreensão do passado não significa necessariamente compreender racionalmente como as pessoas no passado pensavam, viviam, passavam seus dias, mantendo um distanciamento como se esses humanos de tempos antigos não fossem exatamente iguais a nós, não sentissem as mesmas emoções e agissem de forma calculada. Compreensão do passado para Lee pode significar desenvolver a empatia com o outro distante no tempo e no espaço (LEE, 200, p.19).

No entanto, quando falamos em empatia, nos referimos mais a características do que ao simples ato de se colocar no lugar do outro, conforme definições do termo no senso comum. Ter empatia dentro da consciência histórica significa entre outras coisas, compreender os efeitos das ações do passado e suas consequências no presente. Não queremos afirmar, no entanto, que a empatia significa aceitação ou compartilhamento dos exemplos do passado, sejam eles bons ou ruins, mas os elos entre motivações e ações das pessoas. Empatia em consciência histórica significa, portanto, a compreensão de como os

agentes históricos do passado pensaram e agiram sobre situações específicas, de forma intencional, lançando mão de crenças, moralidades e tradições, e como tudo isso transformou as histórias particulares e sociais da civilização (LEE, 2001, p. 20).

1.4 **História Pública Digital**

Serge Noiret (2015), trabalha a ideia ainda nova, de uma História Pública digital. A partir do que ele chama de “virada digital”, a transformação de um mundo analógico, em digital, da internet, o qual requer do historiador, uma mudança no tratamento dos documentos.

Não há uma metodologia clara, algo novo para fazer o tratamento das fontes e documentos históricos, de forma inovadora, diferente das formas antigas e suas metodologias, mas as possibilidades se apresentam ao profissional, de forma desafiadora, questionando de alguma forma, suas metodologias já usadas e consagradas.

A história digital mudou a forma como os profissionais da história, tratam o acesso e a armazenagem dos dados. O historiador, então, é desafiado à inovação, à uma reinterpretação de suas metodologias, nesse mundo digital, pois as informações circulam de forma mais rápida, sendo apropriadas por pessoas que não são propriamente historiadores (NOIRET, 2015. p. 30).

Essas mudanças não podem, em princípio ser entendidas como boas ou ruins, mas simplesmente como necessárias, num mundo que muda a toda hora. Mas, o ato de saber usar o computador, não faz do historiador um historiador digital, mas alguém que compreende as mudanças e procura se ajustar às mesmas.

A era digital provoca uma mudança de hábitos, em uma cultura digital, possibilitando ao historiador e aos demais profissionais operar suas metodologias de modo a adequá-las ao mundo digital, formando o que o autor chama de humanidades digitais, termo criado em 2010, em Paris, por Marin Dacos, na *The Humanities and Technology Camp,* (NOIRET, 2015. p. 31).

Em linhas gerais, humanidades digitais são as tradições históricas e filosóficas, aplicadas às ferramentas digitais, formando um novo modo de compreender os dados históricos nessa sociedade das redes e dos computadores. Essa nova sociedade digital, criou uma cultura digital também, como Manuel Castells designa, o produto das mudanças

provocadas pelo advento da internet, a qual formou um novo estatuto disciplinar, pela comunicação via *Web* (NOIRET, 2015. p. 33).

A história digital, neste contexto de uma cultura digital, proporciona ao historiador a possibilidade de uma pesquisa mais ampla na rede, por diferentes fontes, narrativas, por meio de ferramentas auxiliares, bancos de dados, bibliotecas digitais e arquivos abertos.

A história digital, campo das humanidades digitais, não se resume a uma nova forma de trabalhar com os dados, não é somente uma ferramenta pela qual o historiador trabalha de forma tradicional suas teorias e metodologias. Ela em si, se apresenta como algo distinto, novo, como outra forma do profissional se relacionar com seu objeto, modificando inclusive, os parâmetros de pesquisa do profissional.

Os historiadores podem atuar na história digital, mas nem sempre são reconhecidos como historiadores digitais, pois alguns não conseguem operar as ferramentas digitais ou estão aprendendo a manipular ainda. Talvez por não reconhecerem na era digital um paradigma de mudança ou por serem mais resistentes às transformações.

A influência digital na História pode ser tamanha, que os historiadores podem refletir se seus métodos, já consagrados, podem dar conta ou serão suficientes para trabalhar com essa mudança cultural, provocada pela cultura da rede. A relação com o passado será a mesma? Porque a internet de alguma forma, modificou a distinção acadêmica e as práticas públicas sobre o passado, disponibilizando mais acesso a documentos históricos na rede (NOIRET, 2015. p. 33).

Essas novas práticas de se relacionar com o passado por meio da internet, principalmente a partir de 2004, com a internet 2.0, segundo Noiret, se baseiam em novas modalidades de escrita na *web*, como por exemplo: blogs, os quais fazem uma aproximação entre quem escreve e o leitor, praticamente sem intermediação alguma, provocando uma interação maior entre os dois atores, quem produz e quem consome. Este consumidor tem um acesso amplo às distintas fontes documentais, algo que há algumas poucas décadas, era quase que exclusiva dos historiadores acadêmicos (NOIRET, 2015. p. 34).

A história digital é um campo da historiografia que organiza e disciplina a relação entre as tecnologias da rede de computadores e a História enquanto disciplina. O acesso e a amplitude de possibilidades, estão agora com uma grande parcela da população, mas também, proporcionaram o surgimento dos historiadores públicos digitais, os quais são responsáveis de organizar e mediar as narrativas dentro da *web*.

A *web 2.0* também abriu o caminho para uma maior liberdade de pesquisa, ainda mais fora do controle acadêmico. A história e a memória, não são exclusividades de uma

comunidade acadêmica. Qualquer pessoa pode, em tese, se dedicar ao estudo do passado com facilidade, por meio das ferramentas disponíveis em rede. É, portanto, uma História Pública, interativa, ao alcance de todos os que tiverem acesso à rede (NOIRET, 2015. p. 35).

A internet com suas redes sociais e conexões, proporcionou oportunidades para o ensino de História, principalmente no que diz respeito ao ensino de História Antiga, período histórico muito delicado e com suas especificidades. Trata-se, pois, de um período muito amplo, do qual muita coisa em termos de documentos se perdeu, sendo necessário a ajuda de outras ciências auxiliares, como por exemplo a Antropologia, a Arqueologia, a Linguística, entre outras, para se tentar "preencher" as lacunas deixadas pelo tempo.

Outro ponto importante sensível é com o uso distorcido da Antiguidade nos filmes, quadrinhos, desenhos, documentários e outros, às vezes misturando fatos com mitologia, sem a devida separação ou explicação das diferenças entre essas duas formas narrativas encontradas no mundo antigo. Por ter um apelo midiático forte em filmes principalmente, a História Antiga corre o risco de ser mais relacionada à ficção ou à fantasia de um período extremamente importante e basilar para a criação e desenvolvimento de todas as civilizações da atualidade.

Preocupados com isso e principalmente com as possibilidades quase que infinitas trazidas pela era digital para se ensinar História Antiga, os pesquisadores Guilherme Moerbeck e Thaís Rocha se propuseram a pensar e discutir as mais variadas formas de se ensinar sobre o mundo antigo no campo da História Pública. Até que ponto a História Antiga pode ser ensinada por meio da História Pública? Quais são suas dimensões e potencialidades? Como refletir e ensinar sobre Antiguidade na realidade brasileira? A História Antiga pode ser usada como forma de se obter o conhecimento histórico e a consciência histórica? Essas são algumas das indagações levantadas pelos referidos autores (MOERBECK e ROCHA, 2021. p. 2).

A História Pública pode servir como uma possibilidade de se pensar a História enquanto suas mais diversas e dinâmicas interpretações. No entanto, é necessário compreender melhor a História Pública. O que é, afinal? O que ela não é? Onde ela está estruturada, quais são os seus campos? A princípio, não é acadêmica, científica e também não escolar. A História Pública é a História aplicada ao presente, enquanto sua metodologia está voltada ao público mais amplo, com o objetivo de comunicar-se a esferas não atingidas pelas outras formas historiográficas. Estaria ela presente em filmes com ambientação histórica, principalmente romances históricos? A História Pública como gênero literário? Neste caso, não se correria o risco de se cometer anacronismos, pois ela não dialogaria de forma adequada

sobre problemas e situações da época, mas com visões enraizadas no contemporâneo? Como ficção científica, porém, o cinema histórico está mais para o campo da cultura histórica, com suas especulações e anacronismos, mesmo que seu enredo possua argumentos históricos. Ele, portanto, se distancia da História Pública e se aproxima mais da divulgação científica. Esses são exemplos entre os mais variados possíveis de uso da História Pública (MOERBECK e ROCHA, 2021. p. 4 e 5).

Como outras possibilidades de uso, desde a década de 1970, quando deu seus primeiros passos enquanto uma forma de pensar o passado na atualidade, a História Pública foi utilizada para investigar a história de corporações, das lutas comunitárias, do patrimônio público, dos espaços públicos de memória entre outros. A História Pública passa então a se popularizar mais entre as pessoas que não eram especialistas, como algo em que elas poderiam consumir algo até então muito abstrato: o passado. A era digital, na qual se consome praticamente tudo, a História Pública torna-se mais popular ainda, pois o advento da internet, e principalmente da internet 2.0 intensificou as possibilidades de consumir as narrativas do passado. No entanto, ainda que a informatização mundial por meio da internet, impulsionada pela globalização tenha propiciado um terreno fértil à História Pública, não houve a democratização tão esperada e prometida pelos computadores, por causa principalmente de particularidades e dificuldades geopolíticas e econômicas (MOERBECK e ROCHA, 2021. p. 6).

Mesmo que a tecnologia tenha facilitado o estudo de História, ela não substituiu o rigor analítico dessa área do conhecimento. O que houve principalmente foi que as possibilidades trazidas pela era digital possibilitaram problematizar e refletir mais sobre os conteúdos da História. A era digital transformou a forma como a História é produzida, as ferramentas de leitura, pesquisa, armazenamento e outras coisas. De certa forma, tornou o trabalho do historiador mais produtivo, mesmo com algumas dificuldades técnicas, como manutenção, internet oscilante ou lenta, quedas de energia elétrica, para falar das principais. Tais dificuldades não impedem o debate e principalmente a possibilidade de o profissional de História estar mais inserido neste mundo digital em constante mudança, se colocar como ponto central dessa discussão (MOERBECK e ROCHA. 2021. p. 7).

Contudo, a internet 2.0 não é lugar exclusivo do historiador. Ela proporcionou a inserção e a atuação de outros atores sociais na área da produção de conhecimento histórico. Entre estes autores, os que mais se destacam principalmente nas plataformas de vídeos, são os youtubers, alcançando milhões de visualizações e executando seu trabalho de modo relativamente simples. Os espaços ocupados pelos youtubers são muito diversos na

plataforma, de canais de História propriamente dita, a nas mais distintas áreas do conhecimento. Essas iniciativas ampliam as possibilidades de atuação da História Pública, pois como vimos, ela não é patenteada pela academia ou mesmo pela educação básica, o que pode torná-la mais livre em termos de alcance para o público (MOERBECK e ROCHA. 2021. p. 8).

As ferramentas pelas quais a internet dispõe para ensinar história são várias, vídeos de YouTube, podcasts, redes sociais, enfim, são quase uma infinidade de possibilidades e, dentre essas, há a possibilidade real de usar algo que se tornou muito popular na internet nos últimos anos: o meme.

A pesquisadora Cíntia Beñák de Abreu pensou nessa possibilidade que por sinal, se mostra bastante produtiva num contexto em que as ferramentas disponíveis na internet, proporcionam a utilização de imagens e desenhos, mais fáceis de serem interpretados e associados pelos jovens atualmente. No entanto, as imagens por si só não podem ser utilizadas como único meio de aprendizagem histórica, mas podem ser uma das ferramentas mais promissoras para que possamos atingir o objetivo de formar uma consciência histórica crítica no aluno.

Como qualquer código de comportamento socialmente construído no decorrer dos séculos, os quais impigem mudanças comportamentais de hábitos e de regras culturais, modificando-se os costumes por meio das dinâmicas culturais – que efetivamente muda, se adapta e se diversifica – surgem novos conceitos e ideias. O meme pode ser compreendido como uma dessas modificações culturais, ou mesmo como um dos fatores pelos quais as mudanças culturais evoluem de forma mais eficaz de uma maneira do que de outras. Os códigos de assimilação mais simples se tornam mais fáceis e repassados a outras gerações, o que não acontece com outras formas (ABREU, 2020, p. 21).

Os memes na era da internet, das redes sociais, podem divertir, conter mensagens satíricas, mas, de certa forma, levam seus interlocutores a refletir sobre praticamente tudo por meio de informações contidas neles, nos desenhos, nas charges e demais conteúdos que podem ser submetidos a memetização (ABREU, 2020, p. 24).

Os novos tempos digitais se apropriaram do meme, dando novos significados, formatos e principalmente funções aos desenhos e frases cômicas. Isso acaba por fazer com que os memes sejam apreendidos de uma forma quase natural, incorporados à cultura quase inconscientemente. Talvez isso se dê por conta da naturalização diária do convívio num mundo conectado, uma cultura digital nasce a partir daí. E essa cultura digital também se

reflete na escola, na própria cultura escolar, que obviamente não é um organismo afastado do mundo (ABREU, 2020, p. 25).

Com todo o exposto, pretendo trabalhar de forma a entender como o ensino de História pode se utilizar de ferramentas e meios digitais, para construir pelo aprendizado do aluno, uma consciência histórica crítica. Assim, fazê-lo entender que a história não está parada no tempo e espaço, mas se apresenta a ele de forma constante e ativa, nas plataformas digitais, criando uma consciência de pertencimento ao tempo, à sociedade e à cultura.

1.5 **Geração Z e Alpha**

Por fim, como referencial teórico, pretendemos abordar o conceito de geração Z e Alpha. Sabemos, no entanto, que a apreensão dos conteúdos por meios digitais depende de vários fatores, os quais, talvez, neste trabalho não se consiga dar conta de explicar de forma satisfatória. No entanto, é inegável que estamos lidando com mentalidades distintas, de origem socioeconômica diversas, ora agregadoras ora excludentes, tudo isso é influência dos comportamentos e atitudes dos adolescentes e das crianças.

A título de análise teórica, o conceito de geração pode ser uma ferramenta útil para compreendermos mudanças de comportamento, influências externas, como por exemplo, as mutações pelas quais o mundo passou nos últimos cinquenta anos, enfim, como essas mudanças influem de forma social e individual na mentalidade dos adolescentes de hoje. É claro, essas mudanças sempre ocorrem num contexto de desenvolvimento e crescimento dos aparelhos de informática, microcomputadores, tablets, notebooks e celulares, bem como da rede mundial de computadores, a internet.

Maysa Rangel (2020), chama a atenção, para o fato de que o conceito de gerações não pode ser usado como uma forma de generalização ou mesmo de um nivelamento para analisar o comportamento de indivíduos, mesmo que tal conceito seja muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais:

> Embora seja utilizada em algumas áreas das Ciências Humanas e Sociais para apoiar reflexões sobre comportamentos e atitudes de determinados grupos e delinear perfis, é sabida a impossibilidade de generalização e de estabelecer um padrão de representação e conduta dos sujeitos, uma vez que, os mesmos só podem ser comprometidos no contexto da sociedade em que estão inseridos, e esse, é apreendido de maneira própria. (RANGEL, 2020).

Assim, a teoria das gerações, cujos pilares remontam a August Comte e Wilhelm Dilthey, delimitando uma faixa etária média de 30 anos entre as gerações, está apoiada numa concepção de dois alicerces: do tempo e das relações sociais. São os elos entre os indivíduos ligando uma geração à outra, que influenciam os comportamentos das gerações, considerando-se as próprias influências dos momentos históricos pelos quais esses indivíduos estão inseridos (RANGEL, 2020. p. 28).

Com atualizações e interpretações que perpassam Ortega Y Gasset, Karl Mannhein e Philip Abrams, o conceito de geração foi encurtado em 15 anos, tornando os vínculos mais sensíveis, as experiências individuais mais valorizadas, os recursos disponíveis e sua importância e significado para as pessoas que vivenciam essa passagem tempo. Certo é que cada geração tem características culturais únicas de seu tempo, como uma marca, contudo, não podemos negar que fatores sociais influenciam essas gerações (RANGEL, 2020. p. 29).

Entre as influências externas ao indivíduo, está o fenômeno da pós-modernidade. Essas gerações atuais não nasceram do nada, mas de toda uma gama de mudanças sociais, culturais, econômicas, bem como tecnológicas, que se intensificaram a partir da década de 1970. Frutos da globalização, do consumo e do desenvolvimento tecnológico, criando um novo conceito de gerações. A pós-modernidade, se é que esse termo ainda é um conceito benéfico à análise, mudou a vida como até então era vivida, por trocar as narrativas e urgências da época por outras, até então ignoradas, como por exemplo, as preocupações com um futuro mais sustentável.

As certezas até então inabaláveis nas tradições e na ciência como fatores absolutos, foram trocadas por uma reflexão mais subjetiva acerca do mundo. Isso, no entanto, não quer dizer um mundo sem ordenamento social, mas que havia algo nesse ordenamento em transição e readaptação no tocante a novas urgências. Uma das evidências mais fortes desses novos tempos é, justamente, a das inovações tecnológicas, principalmente no mundo da informática e do que seria mais tarde conhecido como mundo virtual.

Esse mundo seguia para uma nova era comandada principalmente pela intensidade e rapidez das informações. Algo impossível sem a globalização, que foi o seu principal fator, pois interliga regiões, povos e culturas por meio da tecnologia, influenciando processos econômicos, culturais e históricos, bem como os sociais, sendo preponderante, igualmente, para a transformação do comportamento das pessoas. Nos últimos anos, com o relativo rompimento da crença na verdade, o subjetivismo foi colocado como alternativa, incentivando uma reflexão constante dos indivíduos, mas sendo influenciados por fatores externos e suas consequências. Isso quer dizer que ao refletirmos de forma autônoma na pós-modernidade,

podemos tomar como referência fatores externos, coisas que acontecem fora do nosso local de convivência, da nossa área de influência e da nossa comunidade local.

O mundo quase totalmente integrado pela globalização, com novos valores sociais e culturais, mais subjetivista e reflexivo, foi construído principalmente em cima do desenvolvimento tecnológico, capitaneado pelo surgimento e crescimento de equipamentos e programas de computador, bem como de todo um ambiente propício para que hoje possam existir indivíduos que seriam impensáveis sem os mecanismos e ambientações que tornaram a geração Z e Alpha possíveis: a *Cibercultura*.

O aprendizado histórico mudou nestes novos tempos da internet 2.0? Podemos ensinar da forma como sempre fazíamos ou as redes digitais podem oferecer uma nova ferramenta para o trabalho do professor de História? Como compreender a mentalidade dos jovens das gerações Z e Alpha, para melhorar o ensino da matéria, fugindo da mesmice das aulas tradicionais de copiar a matéria, decorar os nomes, as datas e eventos históricos? São questionamentos que o professor de História precisa ter em mente sempre, pois os alunos atuais exigem abordagens condizentes com o nosso tempo. E quando dizemos abordagens atuais, queremos dizer que as aulas tradicionais, feitas exclusivamente por meio do livro didático, matéria no quadro, exercícios, avaliações e correções, não chamam mais a atenção dos jovens, os quais em sua maioria, participam das aulas por pura obrigatoriedade pedagógica.

Antes mesmo de propor práticas eficientes para que nossos alunos possam sair de uma aula aprendendo, principalmente o que é consciência histórica, é necessário compreender seus pensamentos, seus anseios e suas preocupações, bem como o contexto em que se desenvolveu essa sociedade da informação. As pesquisadoras Flávia Caimi e Bárbara Nicola (2005), também observaram essas mudanças, estudaram suas origens e implicações nos jovens e, apresentaram propostas coerentes a fim de contribuir para o debate sobre a aprendizagem histórica em tempos de informação em excesso e reflexão escassa.

Quando nos referimos à informação em excesso, queremos apontar o que as pesquisadoras chamaram de “obesidade informativa”, texto originalmente criado por Juan Ignácio Pozo, para discutir novas formas de aprendizagem. De forma geral, nas últimas décadas do século XX, a sociedade foi capaz de produzir, armazenar e distribuir uma quantidade enorme de informações, organizadas em grandes bancos de dados, de praticamente todos os computadores do mundo, informações estas que podem ser acessadas de qualquer canto do planeta, de forma instantânea, mas desorganizada. Essa revolução da informação tem reflexos sensíveis nos modos como as pessoas se organizam enquanto sociedade. Há a

necessidade de novas estratégias de organização social com relação à aprendizagem. A repetição e memorização já não são mais suficientes. Os seres humanos passaram a se organizar e interagir conforme o mundo estava se conectando, impulsionados pela facilidade de acesso e opções de informações disponíveis a um toque (CAIMI e NICOLA, 2005, p. 62).

Os novos tempos e as mudanças comportamentais provocadas por ele são tão sensíveis e intensas que alguns pesquisadores consideram que a era da informação provocou uma evolução nos seres humanos, comparada à evolução pela qual passamos quando nós, seres humanos, dominamos o fogo, fabricamos ferramentas e criamos a civilização. Os pesquisadores, Bem Wrakking e Wim Veen, criaram o termo *homo zappiens,* caracterizado por indivíduos que nasceram e cresceram cercados pela TV, computador, celular, iPod, mp3, tablets e outros equipamentos tecnológicos, em outras palavras, uma nova espécie originária das experiências cotidianas no ciberespaço. Por si só, tais fenômenos já têm importância tamanha para ser estudado e a necessidade de compreensão desse novo público também se torna urgente, mais ainda a tentativa de se adequar às suas demandas no campo educacional, dentro da escola (MEISTER, 2010. p. 62).

A internet é um fato social que transformou e transforma as formas com que os seres humanos se relacionam em sociedade, prova disso são as formas de comunicação e as palavras surgidas graças a rede mundial de computadores. “Dar um Google”, por exemplo, se tornou sinônimo de pesquisa, não importa o tema ou as circunstâncias, “dar um Google” significa buscar alguma informação que até há uns vinte anos só estaria acessível a quem procurasse as bibliotecas.

Essa revolução proporcionada pela internet e de que modo ela influencia a sociedade, foi objeto de estudo do sociólogo espanhol Manuel Castells. Mesmo escrevendo seu livro “A Galáxia da Internet” em 2001, quando a internet ainda caminhava a passos um pouco mais lentos do que hoje, Castells já notava mudanças significativas nas relações humanas, tão notáveis naquele momento como se fosse um prelúdio da revolução informacional e comportamental que viria pelos próximos anos.

Na época, como tudo o que é novo, a internet despertava algumas desconfianças. Entre essas desconfianças, Castells argumenta que seria a contradição entre as mudanças sensíveis no comportamento das pessoas que poderia aproximá-las, fazer com que elas não se limitassem a fronteiras físicas ou culturais e interagissem mais. Além disso, alguns estudos apontavam a rede de computadores como uma fomentadora de um novo tipo de individualismo e distanciamento social. Os paradigmas das relações e interações sociais trazidos pelo crescimento e popularização da internet: construção de uma interação social em

comunidade mais abrangente, além das limitações físicas e um número crescente de isolamento social, falha na comunicação pessoal (física) e familiar, dando lugar a um tipo de sociabilidade aleatória segundo o autor, levaria a uma troca de uma identidade real por uma inventada, construída de forma fantasiosa, fora da realidade. No entanto, para Castells, as afirmações ou hipóteses baseadas nestes estudos de que a internet provocaria um isolamento e individualismo são fracas e não se sustentam, pois elas poderiam reproduzir estereótipos de indivíduos já existentes, como nerds e pessoas que gostam do isolamento, mas não necessariamente associando esses comportamentos sociais a utilização da internet (CASTELLS, 2001, p. 98).

Podemos concordar com Castells no tocante à necessidade da busca de uma identidade social se apresentar mais intensa na adolescência, época em que os jovens moldam seu caráter e fazem suas escolhas. Mas podemos ter certeza de que a vida em rede não altera a personalidade e nem cria uma nova? Ela simplesmente reproduz a vida que já existe? São questões muito delicadas e para as quais ainda não temos respostas definitivas (CASTELLS, 2001, p. 101).

Então a internet pode ter um efeito positivo na personalidade dos adolescentes? Essa sociabilidade é construída pela forma na qual as ferramentas são utilizadas? Ou os usuários mais novatos da internet podem ter mais frustrações e por isso ter suas personalidades alteradas, construindo mundos e natureza próprios para interagir no mundo virtual, às vezes confundindo com o mundo real? Essas questões construídas há mais de vinte anos continuam sem respostas, pelo menos a maior parte delas. Embora a relação com os videogames em rede venham sendo objetos de estudos e de preocupações com a saúde mental de adolescentes, como ficou claro, recentemente, em relação ao jogo *Formatar*[2] (CASTELLS, 2001, p. 104).

A pesquisadora Isabella de Araújo Garcia Simões (2009), analisa essas ideias novas fazendo um diálogo entre Manuel Castells e Pierre Lévy, dois dos principais pensadores que estudaram este fenômeno de um mundo integralizado e em transformações históricas e sociais a partir de uma sociedade informatizada e informacional, Castells a denomina *Sociedade em Rede* e Lévy, *Cibercultura*.

Seja a abordagem marxista de Castells ou a antropológica de Lévy sobre este novo mundo da *Cibercultura*, elas convergem, no entanto, para o fato de a tecnologia praticamente comandar quase todos os aspectos da vida humana em sociedade. Um mundo totalmente dependente da geração e propagação das informações, o qual faz uso de linguagens próprias,

[2] Ver: https://ge.globo.com/esports/fortnite/noticia/fortnite-caso-blackoutz-acende-alerta-sobre-saude-mental-de-profissionais.ghtml

novas percepções sensoriais, identidades e trocas simbólicas, evidenciando um *modus vivendi* e *operandi* próprios desses novos tempos (SIMÕES, 2009. p. 2).

Na *Cibercultura*, o bem mais valorizado, sem dúvida, é a geração da informação, bem como a capacidade com que essa informação circula na sociedade, chegando até mesmo a alterar nossa percepção do real. Conforme aponta a pesquisadora sobre como isso pode acontecer:

> Isto é possível a partir de certas características que o meio propala da simulação, abstração e interação. Os mecanismos de interligação de dados se estabelecem a partir da hipertextualidade, ou seja, através de uma leitura não linear. E embora saibamos que o universo digital é composto por qualquer sistema organizado por dígitos binários, é a partir da internet, com os dispositivos de transferência de arquivos, correio eletrônico, fóruns de discussão e, principalmente, com a *Word Wide Web*, que todas essas experiências são potencialmente vivenciadas. (SIMÕES, 2009).

Como disposto acima, o grande marco dessa transformação e da criação de uma *Cibercultura*, contendo um *Ciberespaço*, que são as relações entre os indivíduos dentro desse espaço, se deu pelo advento da internet. É neste espaço virtual que surge e se desenvolve os indivíduos da geração que pretendemos analisar, a geração Z e a geração Alpha.

Não estabelecendo um marco temporal e de faixa etária, até porque a discussão sobre onde começa ou termina cada geração ainda está em aberto, podemos demarcar a geração Z como os indivíduos nascidos entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000 (REIS e TOMAÉL, 2016. p. 37). Eles são indivíduos que cresceram em meio às transformações já mencionadas e que estabeleceram o mundo da *Cibercultura*, são jovens que estão terminando o Ensino Médio ou ingressando no mercado de trabalho. Essa geração usa a comunicação instantânea em sua totalidade, aprenderam a consumir de forma quase desenfreada a tecnologia disponível nos dispositivos eletrônicos como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, pelos quais, retiram sua principal fonte de conhecimento e informação. Utilizam a tecnologia de forma muito abrangente e até imediatista, característica principal da geração dos nativos digitais, onde tudo ou quase tudo se apresenta a um click de distância, na palma de suas mãos.

A geração Alpha, diferente da anterior, não precisa crescer junto com um mundo em desenvolvimento e crescimento da rede de computadores, os seus integrantes já nascem inseridos nesse mundo, não fizeram a transição e nem fazem parte da primeira geração de nativos digitais, são ao contrário, a segunda geração. Alpha são indivíduos que nasceram a partir da década de 2010 (OLIVEIRA, 2019. p. 29), crianças que nasceram praticamente monitoradas por câmeras, com telas dispostas na sua frente. Elas são em termos educacionais,

estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental, possuem habilidades mais rápidas do que a geração anterior, são plenamente conectados e talvez por isso, possuem uma percepção mais ampla dentro deste ciberespaço no qual nasceram, tendo uma mentalidade coletiva.

Vale, no entanto, lembrar que na nossa análise, nem sempre poderemos encontrar correspondentes perfeitamente encaixados nessas teorias das gerações, pois estaremos trabalhando com alunos de diferentes realidades socioeconômicas, os quais praticamente possuem um acesso limitado às benesses da tecnologia, quando o possuem. Essas características não podem ser esquecidas, sob risco de fazermos um trabalho muito limitado, demasiadamente esquemático e fora da realidade regional brasileira. É relativamente mais cômodo aplicar essas teorias a estudantes de países ricos ou de regiões com uma infraestrutura mais consistente, o desafio será analisar como que a internet pode influenciar no ensino de História por meio das redes digitais onde se há uma deficiência crônica desses serviços ou o alcance deles.

2 **O YOUTUBE E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Como professores, devemos sempre procurar formas de dinamizar a aprendizagem de nossos alunos. O mundo em transformação requer um profissional que de certa forma, acompanhe essas transformações. De certa forma, pois as dificuldades que se apresentam todos os dias em nosso fazer pedagógico acabam por desanimar muitos colegas, provocando frustrações e fazendo com que se sintam obsoletos e desnecessários. No entanto, acreditamos que podemos aproveitar os recursos disponíveis das tecnologias contemporâneas ao nosso favor, utilizando-as para facilitar sempre que possível, o ensino aprendizagem.

Por isso, procuraremos apresentar neste capítulo, esforços de mulheres e homens, preocupados em fazer com que a tecnologia seja uma aliada na multiplicação do conhecimento e na formação de uma consciência histórica. Através de pesquisas e entrevistas feitas com criadores de canais de ensino de história no YouTube, apresentaremos um panorama das possibilidades, dos sucessos e das dificuldades de se ensinar história por meio das mídias digitais, questionando como os *youtubers* podem contribuir na construção do conhecimento histórico, bem como analisando seus vídeos que serão objeto de utilização em pesquisa na sala de aula.

A ideia de mídias digitais e da internet não foi algo que nasceu no século XXI, antes, as condições e as possibilidades para que tudo isso fosse possível, foi construído no decorrer do século XX, principalmente no período da Guerra Fria entre os anos de 1950 e 1960. Nascida no âmbito militar, a internet foi pouco a pouco sendo usada de forma comum, principalmente nas universidades. Foi, no entanto, a partir de 1991, segundo Luís Mauro Sá Martino (2015), quando Tim Berners-Lee, juntamente com seus colegas do Centro Europeu de Pesquisas Nucleares desenvolveram a *"World Wide Web"*, que ficou famoso pelas três letras juntas, "WWW", essenciais para qualquer busca na rede de computadores. Foi a partir daí que houve uma verdadeira explosão em termos quantitativos e qualitativos, daquilo que chamamos, hoje em dia, de *cyberespaço* (MARTINO, 2015, p. 12).

No entanto, foi mesmo no decorrer da última década do século XX e início dos anos 2000 que a internet se tornou popular. A Web 2.0, com plataformas mais dinâmicas, se transformando intensamente, graças à interação crescente de seus usuários, revolucionou a internet e permitiu com que ela entrasse de vez e para ficar, no cotidiano da sociedade. O *Google*, as redes sociais e as mídias digitais são alguns dos exemplos de ferramentas que tornaram essa expansão possível. Vale ressaltar, porém, que havia – e em muitos lugares do

globo ainda há – uma barreira digital, ocasionada principalmente pelo alto custo dos equipamentos digitais na época e pelas suas limitações. Com a invenção e disseminação dos *tablets, smartphones* e similares, no entanto, a internet tendeu a se popularizar mais ainda. Associado a isso, temos o barateamento desses equipamentos, que os tornou mais acessíveis a uma parcela cada vez maior da população (MARTINO, 2015, p. 13).

Nesse contexto de revolução tecnológica de início do século XXI, no qual surgiram sites e plataformas de compartilhamento de vídeos, mesmo que curtos e de baixa qualidade, até porque os primeiros vídeos postados nesses canais primitivos não eram feitos por profissionais do audiovisual, mas por pessoas comuns, que nem mesmo possuíam qualquer conhecimento técnico ou experiência em filmagem e edição de vídeos.

Qualquer objeto de pesquisa por si só é complexo, características que se desdobram e se comunicam (ou não) entre pontos de investigação tão extensos que se nos aprofundarmos muito, poderemos levar anos pesquisando somente determinados objetos secundários, talvez até mesmo nos perdarmos na pesquisa. Pesquisar canais de produção de conteúdos de vídeos, como o YouTube, por exemplo, não está muito distante dessa afirmativa. A rede mundial de produção e divulgação de vídeos é uma das mais utilizadas no planeta; no Brasil, fica somente atrás do Facebook. Nada mais do que 127 milhões de usuários entre 18 e 65 anos utilizaram o YouTube em 2021, assistindo e postando vídeos.[3]

Criada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio virtual PayPal, a plataforma não era a única opção de compartilhamento e visualização de vídeos na internet, no entanto, a proposta dos seus criadores era facilitar a acessibilidade e a produção dos conteúdos da rede, tornando a navegação mais simples e por consequência, mais popular. Por simples, compreende-se interfaces fáceis de manusear, sem a necessidade de conhecimentos técnicos em informática, e com quase nenhuma restrição tecnológica a outros canais de vídeo da época, sem contar que a plataforma poderia se encaixar nas limitadas bandas largas de velocidade, de uma internet 2.0 tão comuns na primeira década dos anos 2000. Entre outras inovações, estava a capacidade de compartilhamento rápido e fácil de vídeos, comunicação entre usuários por meio de comunidades e a criação de códigos URL e HTML nos vídeos, facilitando seu compartilhamento com outros sites (BURGESS e GREEN. 2009. p. 18).

O maior sucesso, no entanto, veio pouco mais de um ano após sua fundação. Em outubro de 2006, o Google adquiriu a plataforma de vídeos YouTube por 1,65 bilhão de

[3] 10 Redes Sociais mais usadas no Brasil [2021] (resultadosdigitais.com.br), Pesquisado em 29 de janeiro de 2022

dólares, investindo e melhorando o site que já em 2008, figurava entre os dez mais visitados no Reino Unido, e com cerca de 85 milhões de vídeos assistidos em abril do mesmo ano. Alguns dos fatores para o sucesso após a aquisição pelo Google, se devem ao fato da incorporação de vídeos relacionados aos assistidos, compartilhamento de e-mails e comentários, tornando a plataforma mais interativa e assim, dando mais percepção de poder aos seus usuários (BURGESS e GREEN, 2009, p. 19).

Com tantas inovações e facilidades, não era de se duvidar que a rede social cairia no gosto popular, proporcionando uma alternativa à TV, limitada e controlada por grupos empresariais que definem seus conteúdos e suas programações. O YouTube veio, portanto, como uma alternativa às pessoas comuns que sempre sonharam em fazer parte do mundo virtual, de produzir conteúdos que pudessem ser assistidos por várias pessoas em diferentes partes do mundo.

Com tantas possibilidades, não demoraria muito para que o YouTube fizesse parte de outras áreas da sociedade, não somente a do entretenimento. Em pouco tempo, vídeos tutoriais educativos apareceram na rede, indicando que o potencial do YouTube poderia se tornar muito mais amplo e diverso do que um simples site de compartilhamento de vídeos engraçados, clipes musicais ou outra forma de diversão virtual. Esse compartilhamento de vídeos tutoriais fez crescer o conhecimento em rede, o que ficou conhecido como inteligência coletiva.

Inteligência coletiva, de modo algum, deve ser confundida com inteligência artificial, esta última construída e desenvolvida por cientistas da computação, no intuito de dar mais autonomia aos computadores, facilitando, em princípio, a vida dos seres humanos. Inteligência coletiva tem a ver com a circulação, transformação, edição, de acordo com demandas específicas de situações determinadas. Nas comunidades do ciberespaço, há um número quase infinito de interações de informações e conhecimento, os usuários contribuem de alguma forma com informações, construindo um conjunto de saberes livres, que não pertencem a ninguém, mas circulam livremente no ciberespaço, principalmente nos canais de YouTube. Como, por exemplo, tutoriais de culinária, mecânica, engenharia e outros do tipo “faça você mesmo”. Não que tais saberes desprezem ou queiram modificar o conhecimento técnico ou erudito, mas eles contribuem para a dinâmica das transformações das informações, dentro das práticas e relações humanas (MARTINO, 201, p. 32).

As pessoas, portanto, poderiam interagir entre elas, compartilhando conhecimentos práticos, conhecimentos do dia a dia, elaborando uma extensa rede de comunicação e troca de experiências. Era algo novo, uma possibilidade de passar adiante aprendizados distintos. No

entanto, na área da educação – educação formal – a internet ainda provocava alguma desconfiança, mesmo antes de ferramentas como o YouTube passarem a ser usadas para a educação. Era algo novo, uma interação desconhecida, uma cultura que parecia autônoma, quase sem ligação com as definições tradicionais de cultura na Antropologia.

Pierre Levy (1996), escrevendo sobre educação na realidade francesa da época, previu que a internet poderia ameaçar o sistema de educação, isso porque a ideia das mídias digitais sendo utilizadas por alunos em aula, para o aprendizado parecia um tanto distópico, algo mais ligado ao mundo da ficção científica do que ao mundo real. Isso, no entanto, sabemos que não ocorreu de fato, não existe um mundo 100% conectado, isso se dá muito por causa das diferenças socioeconômicas entre as sociedades mais ricas e as mais pobres. Porém, Levy percebia algo novo, as relações humanas agora sendo definidas pelo que ele chamou de *cibercultura.* Para simplificar, *cibercultura* é a reunião das relações sociais, produções artísticas, intelectuais, éticas, articuladas em redes interconectadas de computadores. Não significa, porém, um marco civilizacional, uma revolução no sentido de tirar o que temos de humano e colocar algo novo, nada mais é do que a cultura humana em toda sua amplitude, acontecendo dentro do ciberespaço, por meio da internet (MARTINO, 2015, p. 27).

No entanto, segundo Levy, a *cibercultura* não determina as ações humanas, elas continuam acontecendo como sempre aconteceram desde que nos constituímos como seres humanos, a diferença agora, é que há uma estrutura física que separa a cultura da *cibercultura*: a estrutura técnico-operacional, ou o *ciberespaço,* onde a *cibercultura* se define como conjunto de práticas culturais propagadas pela rede de computadores. E por estar sempre em transformação, a tecnologia permite um acesso cada vez maior às redes de computadores, expandindo o *ciberespaço*. Nessa expansão, mais indivíduos são inseridos, mais grupos conectados, gerando e trocando informações, criando condições para que novos saberes sejam criados e desenvolvidos (MARTINO, 2015, p.28).

Não demorou muito para que as desconfianças com relação ao uso de ferramentas digitais no ensino aprendizagem perdessem força. As possibilidades de utilização do YouTube como um facilitador do professor dentro de sala de aula se tornaram cada vez mais comuns. Particularmente, pelo menos nas últimas duas décadas, o ensino de história encontrou no YouTube um aliado poderoso, não só para passar o conhecimento histórico adiante, mas, principalmente, para combater distorções e revisionismos históricos tão comuns nos últimos anos, o que cede margem a falácias travestidas de historiografia, dando voz a grupos extremistas ao redor do mundo. Grande parte do esforço de fazer com que o conhecimento histórico fosse reafirmado como a ciência do homem no tempo se deveu a

historiadoras e historiadores corajosos que criaram canais no YouTube, de forma descompromissada ou intencional, para passar a diante o fato histórico como ele deve ser realmente estudado. Esses homens e mulheres além de suas formações como historiadores, são conhecidos como youtubers.

2.1 **Os youtubers e os canais de história**

No decorrer de nossa pesquisa, examinamos vários canais de YouTube sobre história, desde canais grandes, com mais de 5 ou 3 milhões de inscritos e uma média de 200 mil visualizações por vídeo, até canais com pouco mais de cem inscritos e 50 visualizações em média por vídeo. Pesquisamos, em princípio, 18 canais criados e mantidos por youtubers historiadoras e historiadores, ou simplesmente pessoas interessadas em divulgação científica e que encontraram na história a ferramenta ideal para multiplicar esse tipo de conhecimento. A quantidade relativamente grande de canais analisados foi assim feita, para termos uma visão macrovisão da realidade desses canais, para só depois, ao fazermos entrevistas com os youtubers, pudéssemos analisar de forma mais pontual (ANEXO A).

Ao analisarmos estes canais, descobrimos. em primeiro lugar o destinatário, ou melhor dizendo, o público-alvo. Na maioria deles, 13 dos 18 canais eram dedicados ao público em geral – alguns deixavam isso bem claro na descrição inicial – uma demonstração de que o esforço de seus criadores estava concentrado na democratização da história, para além de uma disciplina escolar ou acadêmica, os canais procuravam atrair um público diverso, não somente estudantes e profissionais da área, mas principalmente curiosos e pessoas interessadas em história. Uma forma que achamos bem interessante para atrair públicos diversos é o tempo de duração médio dos vídeos, algo em torno de 10 a 15 minutos cada, estes, possuíam mais visualizações e interações que vídeos com mais de 20 minutos.

Outro ponto interessante foi a idade média de criação de cada canal. A maioria foi criada entre os anos de 2010 e 2020, no entanto, havia alguns mais antigos, de 2006, 2007 e 2008, quase o mesmo tempo de vida do YouTube. Isso demonstra de certa forma que o ensino de história soube se adaptar rapidamente a plataforma de vídeos, acompanhando praticamente o nascimento e desenvolvimento dela. Dentro dessa perspectiva temporal de criação e desenvolvimento dos canais, podemos levantar algumas discussões e reflexões sobre o ofício do historiador no mundo digital.

A era digital pode necessariamente ser uma mudança de rumo ou de paradigmas no teórico *metier* do historiador? A historiografia tende a sofrer uma transformação metodológica por causa das ferramentas utilizadas atualmente na área da informática? E a internet? Pode significar o fim da profissão de historiador ou o oposto, uma ressignificação da profissão frente às mais diversas ferramentas disponíveis?

O pesquisador Bruno Grigoletti Latiano (2020) analisa os questionamentos trazidos pela era digital à prática cotidiana do historiador. Apresentada como uma disrupção, a era da internet pode a princípio significar uma interrupção abrupta nos meios e na metodologia das historiografias há muito utilizadas pelos profissionais da história, no entanto, isso pode significar oportunidades, adaptações e ressignificações necessárias para se lidar com a pesquisa e o ensino de história.

A adaptação à era digital pode ser necessária para a nova geração de historiadores, segundo Anthony Grafton (2014), principalmente na plataforma do YouTube, onde os profissionais terão necessariamente que dominar códigos e linguagens, programações e competências informacionais para poderem trabalhar e continuarem produzindo. Essa produção inclusive, segundo Grafton, sofrerá transformações, uma vez que até mesmo os livros poderão passar para o formato digital, como de fato está acontecendo atualmente (LAITANO. 2020. p. 172).

Essa perspectiva de uma história e um profissional historiador digital não são preocupações atuais, pelo menos há quase sessenta anos atrás, quando os computadores eram mais limitados e a internet começava a dar os primeiros passos, mesmo que restrita a entidades militares e governamentais, já se pensava o ofício do historiador num futuro próximo como um programador digital, porém, as transformações porque passaram a história pública entre os anos de 1970 e 1990, e principalmente com as inovações no campo das interações sociais no advento da internet 2.0, mudou um pouco essa perspectiva (LADUIRE, 1968). Essa é uma visão prognóstica e profética de Grafton e Laduire, este último inclusive, promoveu grande informatização na Biblioteca Nacional da França enquanto esteve à frente da instituição, entre 1987 e 1993 (LAITANO, 2020. p. 173).

O prognóstico do historiador programador que Grafton e Laduire previram, de certa forma entusiástica, encontrou problemas desde então para se firmar como um fato. Um deles, talvez um dos principais, foi que, em quase cinquenta anos da previsão de Laduire, os cursos superiores de História quase não se adequaram no sentido de oferecer disciplinas voltadas para a inserção do historiador na era digital. Nesse sentido, segundo Laitano, o prognóstico de

um profissional da história digital se tornou frustrado, pois poucos profissionais têm afinidade com as ferramentas digitais (LAITANO, 2020. p. 173).

As tecnologias avançam tanto que, em primeira análise, as palavras revolução e progresso, parecem perder seus significados clássicos, como algo que se impõe como limite entre uma ordem e outra. Elas parecem ser substituídas neste sentido pela palavra "atualização", mas que adaptadas ao mundo digital, não faz muito sentido entendê-la como algo novo, mas um presente contínuo, sem rupturas. Parece, em princípio, que o descompasso entre estar atualizado num mundo digital e as metodologias clássicas de pesquisa e produção nos cursos de História, podem gerar pressões pela atualização do profissional, gerando ainda um sentimento de estar obsoleto, ultrapassado, se levarmos o pensamento de Grafton e Laduire literalmente. No entanto, essa frustração, não necessariamente pode decorrer de uma distinção entre a disciplina e o digital, mas pela falta de formação digital nos cursos superiores de História (LAITANO, 2020. p. 173).

Há historiadores por outro lado, que veem com reservas essa tentativa quase profética de uma atualização forçada dos historiadores às novas tecnologias. Para estes, com visões mais pessimistas, as novas tecnologias não contribuem de forma positiva a reinvenção do campo da história, por outro lado, podem contribuir para descaracterizá-la, transformando as tradições humanistas e os clássicos das ciências humanas. Mesmo assim, tais historiadores, como Robert Danton (2010), por exemplo, defendem uma preservação das tradições. Essa preservação não quer dizer, no entanto, um abandono do digital e uma ode aos documentos físicos, mas uma forma de fazer com que a tecnologia mesmo que inevitável, sirva como ferramenta de conservação dos clássicos, preservando-os e tornando-os acessíveis ao público. Igualmente, pensa Roger Chartier (2002) um pouco além. Para ele, as tecnologias devem ser guardiãs das grandes obras do passado, não seus algozes. A digitalização deve manter vivas as tradições, não as apagar. Eles e tantos outros concordam que por mais que seja inevitável a utilização de tecnologias, deve-se sempre estar duvidando de suas promessas proféticas (LAITANO. 2020. p. 174).

De qualquer forma, seja por um viés otimista ou pessimista, a era digital é uma realidade e veio para ficar, mesmo que em sua ascensão traga inquietações e dúvidas para os profissionais das ciências humanas. Os dispositivos físicos (*hardwares*) e os programas (*softwares*) fizeram com que pesquisadores trocassem seus cadernos e máquinas de escrever por computadores, *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, editores de textos, aplicativos de pesquisas etc. Em termos de comunicação, *e-mails* e mensagens de texto rápidas como as de WhatsApp, se tornaram ferramentas muito úteis para comunicação entre professor e aluno.

Não há, portanto, visto a popularização informacional, motivo algum para pensar que as humanidades são contrárias à utilização das ferramentas digitais. As ferramentas são muito úteis para pesquisa e o ensino. A preocupação aqui, não está na rejeição dessas tecnologias, mas em como utilizá-las de forma proveitosa para fomentar o conhecimento (LAITANO, 2020. p. 175).

No caso das redes sociais, mais precisamente o YouTube, a produção de conteúdos de história nos canais não se dá de qualquer forma, pelo menos na maioria deles. Há a pesquisa, a leitura, a interpretação dos textos, praticamente todo o *modus operandi* de pesquisa acadêmica é utilizado para se construir um vídeo de dez, quinze ou vinte minutos. Essas iniciativas nos últimos anos têm feito muita diferença na forma como a história é recebida pelo público, com linguagens mais acessíveis, configurações visuais mais chamativas e, principalmente, feitas para o público jovem, que é quem mais consome conteúdos digitais. E, em se falando de consumo, uma das ideias centrais é atrair um grande público; por isso, se faz necessário que a história além de sua metodologia própria, tenha um diálogo amplo com técnicas de comunicação, essenciais para a popularização dos canais de YouTube voltados para essa área do conhecimento (LAITANO. 2020, p. 180).

Ao pesquisar os canais, procuramos fazer contato com seus criadores e mantenedores. Enviamos e-mails, mensagens na própria plataforma e pelo WhatsApp. No entanto, só obtivemos retorno de um desses canais, o Historiar-se. O canal Historiar-se foi criado em 2018, por Anita Natividade Carneiro, mestranda, licenciada e bacharela em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Carlos Eduardo Barzotto, formado em História e mestre em Educação pela mesma universidade, sendo também professor da rede pública de Guaíba/RS. O canal produz vídeos periódicos, voltados, principalmente, para o público em geral, estudantes e professores da área, tendo em média quase seis mil inscritos e duas mil visualizações por vídeo. Enviamos um questionário com onze perguntas a respeito do canal e das motivações, bem como dificuldades encontradas ao criar o empreendimento virtual. Colocaremos algumas respostas a seguir, no entanto, fazemos uma ressalva muito importante: as opiniões dos criadores deste canal, não devem servir de regra para o pensamento de outros *youtubers*, muito menos podemos afirmar que os demais criadores de canais concordem em tudo ou em parte do que pensam os criadores do Historiar-se, pois como fora dito antes, somente este canal respondeu às perguntas enviadas. No entanto, suas respostas estão alinhadas com a descrição do canal, bem como de outros canais pesquisados:

Qual ou quais foram as motivações para a criação do canal?

> "As motivações que levaram à criação foram, na época, a pouca produção de historiadores e historiadoras nas redes sociais em relação ao volume de conteúdos produzidos por pessoas que não são da área. Então, surgiu a ideia do canal como esse contraponto e trazer um novo significado para nossa formação, para não ficar apenas restrito ao âmbito da sala de aula."

Os motivos segundo eles, foram os de encontrar formas de representação de profissionais habilitados da área, frente à escassez de produção histórica veiculadas nas redes sociais e para ter mais uma opção fora da sala de aula, no ensino de história.

Qual público pretende alcançar?

> "O público do Historiar-Se é bem diverso, gostamos de definir ele como o público que tem interesse em História independente da formação. Por estar na internet, o conteúdo acaba chegando em alunos da educação básica, em estudantes de História, em professores. Tem conteúdos que acabamos direcionando para alguns públicos, então é um trabalho bem diverso para atingir muitas pessoas. Ao longo do período de quarentena, vimos crescer muito o público de professores que buscam dicas ou que buscam se atualizar sobre determinados assuntos também."

Um dos destaques da resposta é a percepção da utilização do canal como suporte a alunos e professores, principalmente no período da pandemia do novo Coronavírus, quando a realidade material da sala de aula foi transportada para uma realidade virtual.

Ao ouvirmos falar em "virtual", nossa consciência primeira, pautada principalmente pelo senso comum, faz uma divisão entre um mundo "real" em oposição ao mundo "virtual", mas tal percepção se deve ao fato de separarmos, melhor dizendo, confundirmos o termo "real" com o termo "físico", aquilo que é palpável, que existe só porque o tocamos, o mundo material. Levy (1996) esclarece, no entanto, que "virtual" de maneira alguma, deve ser associado à fantasia, a algo falso ou mesmo sem existência definida. Para ele, "virtual", em sentido específico do mundo digital, tem a ver com as informações ainda não acessadas, mas que estão lá na rede, as quais, a partir do momento que são acessadas, tornam-se reais, tais quais as informações do mundo físico. O mundo virtual neste sentido é uma possibilidade de existência que se torna visível quando acessado, tão real quanto o mundo físico (MARTINO. 2015. p. 31).

Teve dificuldades para criar o canal? Ou tem dificuldades para manter? Qual (is)?

> "Para criar acredito que não, para manter si, pois é um trabalho bem puxado tanto na construção dos roteiros e na hora de gravar os vídeos. Bem como na parte de chamar pessoas para participar, para manter organizado precisamos sempre estar com dois meses à frente de programação de conteúdos. Além disso, como é um trabalho não

> remunerado, nós trabalhamos em outras coisas, e é complicado produzir tanto conteúdo quanto gostaríamos, não só para o YouTube, mas também para as redes sociais como Instagram".

A resposta dos criadores do *Historiar-se* demonstra que o trabalho de criar e manter um canal de YouTube não é uma tarefa fácil, como alguns leigos no assunto poderiam imaginar. Longe de ser *youtubers* badalados, com mais de 30 milhões de seguidores inscritos, patrocínios e com apelo de mídias, os criadores de canais voltados para a área da educação, no caso, o ensino de história, não dispõem de nenhum apoio financeiro governamental ou da iniciativa privada, exceto quando conseguem uma quantidade significativa de inscritos, os quais podem contribuir de forma voluntária ou ainda com anunciantes que patrocinam diretamente o canal em troca de terem seus anúncios veiculados. Sem contar que os equipamentos para uma gravação de qualidade razoável não custam barato, além de programas de edição entre outras coisas.

Manter um canal se torna difícil por causa da impossibilidade de se dedicar cem por cento a ele. Como no exemplo dos criadores do *Historiar-se*, eles possuem outras atividades educacionais que ocupam boa parte do seu tempo. As atividades de pré-criação dos vídeos também demanda trabalho intenso, como criação de roteiros e preparação das gravações, um trabalho que se assemelha ao de uma rede de TV, só que em miniatura.

Você (ês) acha(am) que o ensino de História por meios digitais é promissor? E que medida o seu canal pode auxiliar nesse processo?

> 'Acreditamos que sim, não apenas em meios digitais, claro, mas um ensino de História que esteja conectado com os formatos digitais. Não há razão para nos fecharmos quanto a isso, estaríamos perdendo muitas ferramentas e formas de análise da História em sala de aula, se ignorássemos os meios digitais. O Historiar-Se colabora nesse processo sendo um canal de produção de conteúdo que preza pela qualidade e respeito à pesquisa histórica. Em um mundo de fake news e desconfiança sobre informações, a gente quer ser um projeto que gere confiabilidade nas pessoas.'

A pandemia do novo coronavírus que atingiu o mundo a partir de 2020, transformou, ou melhor dizendo, intensificou os processos de transformações que já estavam em curso há algum tempo. Não foi o vírus o causador, como os pesquisadores Anita Lucchesi, Pedro Telles da Silveira e Thiago Lima Nicodemo (2020) defendem, mas um catalizador dessas mudanças que dia sim dia não, fatalmente transformariam nossa sociedade. Entre as transformações mais sensíveis, podemos mencionar as relações de trabalho precárias, que ficou conhecida pelo termo "uberização", o desenvolvimento de inteligência artificial, o

ressurgimento de ideologias de extrema direita, varrendo governos locais e nacionais, e o fenômeno não tão novo, mas intensificado pelas mídias sociais, das *fake news* (LUCHESI, SILVEIRA e NICODEMO, 2020. p. 162).

Diante disso, os pesquisadores citam o filósofo sul-coreano Byung-Chul Ham (2020) que levanta esses questionamentos, em oposição ao otimismo de Slavoj Zizek, que acredita numa transformação positiva do capitalismo no decorrer e pós pandemia. Para Ham, há possibilidades de que essa nova "normalidade", com o vírus controlado, num futuro próximo, afete de forma psíquica nosso relacionamento, nosso comportamento e nossas relações sociais. Segundo o filósofo, as mudanças por ele pontuadas tendem a se agravar durante o período de reclusão forçada pela quarentena. Ele, inclusive, questiona um retorno às aulas presenciais pós pandemia. Levanta alguns questionamentos como, por exemplo, se professores e alunos serão os mesmos, após passar pelo período de aulas remotas, haveria inclusive uma transformação espacial? Com uma intensificação ou num processo que em muitos locais já havia começado, uma diminuição das salas de aulas físicas por virtuais? (LUCHESI, SILVEIRA e NICODEMO, 2020. p. 162).

De toda maneira, esses novos tempos podem trazer consigo novas abordagens, principalmente no campo da História. As aulas *on-line*, de certa forma, forçaram historiadores a trabalhar com o mundo digital, com ferramentas até pouco tempo, mais usadas por programadores de computadores do que profissionais das humanidades. Alexandre Fortes e Leandro Guimarães Marques Alvim (2020) apontam para elementos que interferem na produção do historiador, como por exemplo, metodologias oriundas de Inteligência Artificial e suas possibilidades para o campo da história (LUCHESI, SILVEIRA e NICODEMO, 2020. p. 163).

Em meio às disrupções tecnológicas e as fricções entre o mundo digital e a história enquanto disciplina apontadas por Laitano (2020), os autores lembram dessa discussão em Miguel Barboza Castro (2020), que aponta temas sensíveis em história, no mundo digital, utilizando discussões da história pública e fazendo reflexões desses temas no ambiente digital. Num mundo permeado por negacionismo de todo teor e forma, inclusive negando ou "aliviando" feridas da humanidade como o Holocausto ou as Ditaduras, Castro traz uma possibilidade de respeito e busca por justiça social, bem como um resgate da memória factual, que nestes temas em questão, são muito dolorosas para se negar ou substituir por narrativas construídas sem nenhum compromisso humanitário (LUCHESI, SILVEIRA e NICODEMO, 2020. p. 164).

Há ainda outras possibilidades de trabalhar a história por meios digitais, como, a fotografia (Ramos Filho, 2020). Essa pode ser um meio de utilização da memória pública, através das imagens digitalizadas e algumas delas recuperadas ou ainda colorizadas digitalmente. Pedro Toniazzo Terres e Lucas Tubino Pitantá (2020), discutem o conhecimento acumulado e digitado na Wikipédia, a maior fonte virtual de informações públicas disponível. Os autores analisam como as histórias são construídas na plataforma e como elas se colocam no ambiente multilinguístico da plataforma. Há ainda os sites que possibilitam visitas virtuais a museus do mundo todo, os quais foram muito acessados na pandemia, especialmente em locais que fizeram um *lockdown* rigoroso. Alexandre Teneketzis (2020) trata desse tema no seu texto, chamando a atenção de como a História da Arte utiliza de recursos digitais para apresentar os museus e as obras de arte neles contidas ao público (LUCHESI, SILVEIRA e NICODEMO. 2020. p. 164).

Estas e outras possibilidades de usos da tecnologia digital pelos historiadores podem dinamizar o ensino e a pesquisa em história. As tecnologias digitais não precisam ser encaradas como novas metodologias, mas como ferramentas que podem fazer da prática do historiador algo mais produtivo e que possibilite mais horizontes de reflexão, alcançando mais públicos.

Quais as perspectivas no futuro para o ensino de História na opinião de vocês, pela internet?

> "Anita: Penso que só tem agregar na sala de aula, pois existe uma potencialidade enorme de trabalho com educandos e educandas que às vezes pensam que História ainda é só ler, copiar e escrever de um quadro o conteúdo. Agregar por exemplo visitas virtuais em museus, fontes de pesquisa em que você consegue aproximar e distanciar a imagem, trabalhos com vídeos e músicas. Isso tudo fica mais fácil com o acesso à internet".
> "Cadu: Além do que foi dito acima pela Anita (com a qual eu concordo plenamente), acredito que o Ensino de História não mudará sozinho se não houver firmes ações do poder público. É necessário, ainda mais no contexto em que vivemos, reforçar laços entre famílias e escolas, melhorar as condições físicas (desde a merenda até a biblioteca e a sala de informática) para que o ensino possa avançar enquanto um todo. Se não, será apenas formado de casos excepcionais".

Não sendo muito prolixo, mas reafirmando o que já foi dito anteriormente: o digital está presente de fato em todos os aspectos da vida cotidiana. Sob um olhar específico, com relação à história, o digital faz parte do ofício do historiador, o qual sem as habilidades, ainda que poucas, de manusear ferramentas digitais dentro do campo virtual, seu trabalho se tornaria mais difícil e mais lento. É partindo do ponto de vista da naturalidade do digital nos dias

atuais e sua relação com o ofício do historiador que Alexandre Fortes e Leandro Guimarães Marques Alvim (2020) discorrem sobre o posicionamento dos historiadores neste mundo digital e o desafio de dominar as ferramentas virtuais para além do simples consumo delas (FORTES e ALVIM. 2020. p. 209).

Esse posicionamento de que falam os autores faz referência a como se situar num mundo informatizado, em constante conflito entre grandes corporações multinacionais da área da informática. Essas grandes corporações monopolizam, além de *softwares,* ferramentas de pesquisa e publicações acadêmicas que limitam o acesso democrático a publicações importantes. Movimentos globais militam pelo acesso livre aos mecanismos de pesquisa científica e, ainda, pelas ações de ativistas digitais que, de certa forma, hackeiam publicações, até então, disponíveis apenas mediante inscrição e pagamento de taxas. Agora, não mais, devido à luta por um livre acesso a tais publicações, visando uma democratização da produção científica (FORTES e ALVIM. 2020. p. 210).

Como forma de atestar a importância do ofício do historiador, bem como seu caráter essencial no mundo digital, os autores propõem resgatar reflexões de grandes historiadores do século passado, como Marc Bloch e. P. Thompson, para legitimar a essência artesanal do profissional, passando ainda pela perspectiva da história como uma ciência da informação e, finalmente, uma reafirmação dos processos tradicionais do ofício do historiador como forma de decodificar o excesso de informações, produções e visões de mundo distintas, infladas numa realidade virtual (FORTES e ALVIM. 2020. p. 210).

Bloch (2001) e Thompson (1981), escrevendo cada um à sua época e inseridos em contextos próprios concordam que os historiadores criam um conhecimento para além da objetividade e determinismo, eles dialogam com a realidade, orientando a ação humana no presente. Bloch destaca ainda que a produção histórica não é um saber normativo, mas uma classificação racional e inteligível das informações do processo histórico. Eles frisam que a utilização de fontes distintas, tende a aproximar mais a realidade às situações complexas dos atores históricos; e mais, a problematização e a indagação dessas fontes, conduzem ao conhecimento histórico (FORTES e ALVIM. 2020. p. 211).

Pode-se concluir, a partir das perspectivas de Bloch e Thompson em relação com a revolução digital e seu impacto sobre a pesquisa histórica, que o historiador é capaz de classificar de forma racional as múltiplas informações, advindas das mais diversas fontes e, o historiador é o profissional mais capacitado para refletir sobre as várias fontes, originárias de vários contextos sociais e temporais, gerando novos conhecimentos. Isso é imprescindível na era digital, devido à enxurrada de informações desencontradas, descontextualizadas e

inseridas de forma intencional para gerar conflitos políticos e sociais por meio de *fake news.* Concordando com os autores clássicos citados, Jo Guidi e David Armitage (2014) acrescentam que o domínio das ferramentas digitais, podem fazer com que os historiadores sejam os profissionais mais gabaritados para lidar com o excesso de informações tão característico do mundo digital (FORTES e ALVIM. 2020. p. 211). Um tipo de habilidade que pode e deve ser ensinadas aos jovens em sala de aula, como pondera Sam Wineburg (Wineburg. 2019).

Outro fator de grande importância é a linguagem. Toda informação é passada por meio de códigos construídos em narrativas na linguagem, os seres humanos até onde se sabe, têm a capacidade de passar a informação por meio de códigos linguísticos e gráficos, estes últimos constituem a parte documental – não só à escrita, mas também imagética e monumental - da produção cultural da humanidade. É sobre o documento que o historiador se debruça, criando para si, a fim de facilitar a contextualização de sociedades há muito extintas, uma interpretação de pensamentos e representações das pessoas da época. O historiador, portanto, é o profissional mais apto a fazer essa leitura racional do passado. Nesse sentido, o questionamento que se faz na era digital é: se o desenvolvimento de novas tecnologias, transformam ou invalidam essa prática de análise do passado pelos documentos feita pelo historiador. Segundo Hobsbawm (2012), essa transformação nada mais é do que o curso normal do desenvolvimento de tecnologias de informação produzidas pela humanidade, em outras palavras, é um processo de desenvolvimento tecnológico normal que o historiador consegue dar conta, assim como conseguiu com as demais tecnologias inventadas antes, durante e após as revoluções industriais (FORTES e ALVIM. 2020. p. 212).

Além dos depoimentos que obtivemos diretamente dos criadores do canal *Historiar-se*, queremos discorrer sobre outros pontos relativos ao ensino de história pelas redes digitais, principalmente pelo YouTube. Para tanto, se torna relevante os apontamentos do professor Icles Rodrigues, mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e criador do canal *Leitura ObrigaHISTÓRIA*, canal que analisamos também. O canal foi criado pelo professor Icles em parceria com Luanna Jalles, historiadora formada pela mesma universidade, Mariane Pisani, também formada pela UFSC em Ciências Sociais, com mestrado em Antropologia também pela Federal de Santa Catarina e doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo – USP.[4]

[4] Leitura ObrigaHISTÓRIA - YouTube Pesquisado em 06/02/2022

Com quase quatrocentos mil inscritos e uma média de visualizações de vídeos que varia entre 12 e 180 mil por vídeo, o canal *Leitura ObrigaHISTÓRIA* é um dos canais produção e divulgação histórica mais relevantes no YouTube atualmente. Os vídeos são produzidos de forma temática e conceitual, como por exemplo: escravidão; direita e esquerda; Revolução Russa; entre outros. As impressões a respeito do ensino de História, utilizando as mídias digitais, são apresentadas pelo professor Icles Rodrigues por meio de um capítulo no livro: *Novos embates pela História – Desafios, Ensino,* organizado por Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, e lançado pela Editoria Contexto em 2021.

Na introdução, Rodrigues (2021), fala de um dos motivos, ou o mais relevante deles, que leva o professor de história a utilizar os recursos das mídias digitais como forma auxiliar, muitas vezes principal, para ensinar história: a pandemia do novo coronavírus. Ele destaca a facilidade e a popularidade do YouTube, como possibilidades promissoras para auxiliar o docente no seu trabalho num contexto de precariedade gerado pela pandemia e a necessidade de adaptação de metodologias clássicas, utilizadas em sala de aula, transpostas para o mundo virtual da internet (RODRIGUES. 2021. p. 175).

No decorrer do capítulo, o professor Rodrigues elenca algumas possibilidades, características e caminhos para que o docente de história possa utilizar o YouTube como ferramenta de apoio, mesmo em contextos, lembrado por ele, de diversas situações e realidades sociais tão difíceis no Brasil. O capítulo se apresenta como um manual para professores de história que desejam se atualizar sua prática, adequando-a à realidade de um mundo cada vez mais conectado, principalmente nos sistemas educacionais. Alguns pontos importantes, vale destacar para refletirmos:

O fazer histórico e as fontes

Neste ponto, o autor inicia sua exposição fazendo uma crítica à natureza da informação. Segundo ele, uma informação, mesmo oriunda de fontes confiáveis, não é garantia ou antídoto para combater a desinformação. Ele lembra que os alunos possuem acesso rápido a uma quantidade incalculável de informações, mas, por isso, nos últimos anos principalmente, fez com que eles se tornassem cidadãos conscientes e críticos. Não adianta de nada dá-lhes informação, é preciso traçar estratégias para despertar no educando a consciência histórica, fazer com que eles aprendam que informação não é um objeto neutro, que tem implicações boas ou más, conforme o interesse de quem usa. Como sugestão, o professor Rodrigues propõe que o docente de história que utiliza as redes digitais para o ensino, leve o

aluno a entender como se faz história, como um historiador constrói o conhecimento histórico, fomentando assim, o respeito ao cientificismo na História (RODRIGUES. 2021. p.181).

Não é uma tarefa fácil, principalmente no contexto educacional brasileiro, no qual ocorre o total abandono por parte da administração pública, das políticas educacionais. Ele lembra que pode ser fácil aplicar essa metodologia de conscientização do fazer histórico em escolas das grandes capitais, principalmente dos estados mais ricos, mas, o mesmo não se pode dizer de regiões mais carentes. Mesmo assim, ele destaca três pontos importantes para tentar fazer com que o aluno possa ser capaz de desenvolver uma consciência histórica: 1) entender como as fontes são trabalhadas. Para tanto, é necessário que as informações factuais da história estejam referendadas em fontes, e que elas estejam acessíveis. 2) Não sendo possível, compreender também a natureza lacunar da história, que nem sempre acharemos uma fonte que responda alguma situação chave, pois muito se perdeu durante anos, décadas, séculos e milênios, no entanto, isso não nos dá carta branca para preencher essas lacunas com qualquer tipo de informação. 3) Dar importância à bibliografia. Praticamente não existe nenhum assunto em história que não tenha sido objeto de pesquisa, pesquisa séria, feita por historiadores comprometidos. Fazer com que o aluno compreenda que uma boa bibliografia pode até mesmo preencher algumas lacunas, mas não todas (RODRIGUES. 2021. p. 182).

Os três pontos levantados pelo professor Rodrigues têm a ver com a desconstrução da aparência de autoridade. Por mais bem produzido que um vídeo possa ser, por mais enfática a defesa de um assunto por parte de quem o produz, não podemos ter certeza da veracidade das informações contidas ali. Isso também vale para textos e livros. Uma forma, segundo o autor, de desconstruir essa noção de autoridade é a análise por pares, um assunto ou um conceito submetido a outros profissionais, a fim de dar validade ao objeto estudado ou denunciar sua natureza falaciosa. A internet possui um número quase ilimitado de pseudo-pesquisadores, que reclamam uma autoridade para si, isso é muito perigoso, pois dá margem a distorções e revisionismos históricos, base de muitas *fake news* nos últimos anos (RODRIGUES, 2021, p. 183).

Recurso à alteridade

A multiplicidade de informações disponíveis na internet pode ser usada em benefício do professor que se dispõe a utilizar os recursos digitais em sala de aula, como o YouTube. Para o professor Rodrigues, um dos caminhos possíveis para ensinar história por meios digitais é a comparação de vídeos em sala de aula para que sejam levantados debates de ideias sobre temas apresentados nos vídeos. No entanto, seria interessante, segundo ele, que o

professor previamente escolhesse esses vídeos, principalmente em se tratando de produções internacionais, com visões e interpretações da sociedade de quem está produzindo este material, o que implicaria trabalhar com a questão da alteridade, de entender o pensamento do outro. Se os vídeos não estiverem legendados, o professor poderia fazê-lo, com a ajuda de programas de tradução e legenda, pois a maioria dos alunos não tem domínio de outros idiomas (RODRIGUES, 2021, p.184).

A utilização desses recursos se faz necessária a cada dia, dado ao fato de que na maioria das vezes, não conseguimos dar conta do conteúdo da matéria dentro do calendário letivo no ano. Logo, esse recurso serviria como uma forma de auxiliar o ensino, bem como torná-lo mais dinâmico e com boa recepção pelos alunos. Saber trabalhar com conteúdos produzidos fora do Brasil, principalmente no tocante ao que outras nações pensam a nosso respeito, seria de grande valia para fazer com que o aluno entenda a diversidade de pensamento, de concepções e mesmo de preconceitos de uns povos sobre outros povos, principalmente se tratando de temas sensíveis, como o Holocausto, a escravidão e a colonização (RODRIGUES, 2021, p.185).

O professor curador

Em tempos de embates altamente ensandecidos na internet, vídeos produzidos de forma duvidosa, cheios de revisionismos históricos, com apelo a autoridade até mesmo de quem nunca fez sequer um período do curso superior em História, uma função extra a um professor de história, pode ser a curadoria. Deixar o aluno “solto” no mundo virtual, sem uma orientação, principalmente quando se pede trabalhos ou estudos para avaliações, pode ser muito perigoso, pois ele pode ser uma presa fácil de eventuais canais de YouTube que propaguem ódio e distorções históricas. Ainda que tais canais sejam produzidos com base em fontes, elas podem sofrer distorções e ressignificações com base em leituras enviesadas.

Seria necessário, segundo Rodrigues, que o professor relacionasse uma quantidade de canais produzidos por profissionais sérios, comprometidos com uma historiografia sensata, para apresentar a seus alunos, direcionando-os para os assuntos aos quais deseja que eles tomem conhecimento de forma correta à luz da História. Isso, na verdade, é um trabalho de curadoria no qual o docente, antecipadamente, pesquisa e analisa conteúdos de vídeos do YouTube para passar aos alunos. Isto, é o que o autor defende como “chegar na frente”, na frente do negacionismo, do revisionismo, tão comuns na internet dos dias atuais. Chegar primeiro não significa que o docente tem que prever onde e quando surgirão tais conteúdos enviesados, mas que a produção séria em História pelos canais do YouTube deve combater

tanto ou mais rápido as informações falsas, quanto os canais de conteúdo duvidoso a propagam (RODRIGUES. 2021. p. 187).

Os relatos de criadores de dois canais aqui apresentados, o ***Historiar-se*** e o ***Leitura ObrigaHISTÓRIA***, demonstra um alinhamento de ideias e metodologias no ensino de história, principalmente em alguns pontos muito relevantes para a construção de uma consciência histórica. Com base nisso, propomos um trabalho com alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Alice Paccini Gélio situado à Rua Concílio Ecumênico, S/N, Parque São Vicente, Belford Roxo, RJ, utilizando canais de ensino de história do YouTube, nos quais pudemos perceber uma preocupação deles, na construção de boas práticas, utilizando historiografia respeitada, crítica aos documentos e contextualização apropriada, respeitando os critérios próprios da profissão de historiador. Falaremos dos resultados desse trabalho no próximo capítulo, antes, porém, apresentaremos, a seguir, a escolha do tema norteador em história, a partir da análise do mesmo por três canais escolhidos.

2.2 **Análise dos vídeos a serem utilizados em sala de aula**

Antes de aplicar à turma o objeto, no caso, o tema, que norteará o desenvolvimento do trabalho e sua conclusão por parte dos alunos, assistimos aos vídeos: “100 anos das Revoluções Russas”, do canal *Nerdologia;* “REVOLUÇÃO RUSSA I – Da queda do Czar à Revolução Branca”, “REVOLUÇÃO RUSSA (Parte 2)” e “REVOLUÇÃO RUSSA (Parte 3)” do canal *História ao Quadrado* e “Breve história da REVOLUÇÃO RUSSA” do canal *Leitura ObrigaHISTÓRIA.* Questionando as informações contidas neles, com base em questões levantadas e aplicadas aos canais, a fim de avaliar se os mesmos serviriam para utilização como material de apoio no ensino de história, conforme características que devem ou deveriam fazer parte de canais que se propõem a ensinar uma história crítica, com alteridade e humanidade (ANEXO B).

O tema escolhido para analisar os vídeos dos canais foi a Revolução Russa, ou podemos chamar de Revoluções Russas. Dado ao fato de ter sido um processo complexo, não há consenso na comunidade de historiadores com relação ao título, no entanto, a maioria concorda que o processo revolucionário não pode se resumir somente aos fatos ocorridos em 1917, mas a uma gama de fatores que tiveram suas origens ainda na segunda metade do

século XIX, que desembocaram nos conflitos que causaram as transformações sociais nas décadas seguintes.

Mesmo que tenhamos previamente analisado os dezoito canais, obviamente não os utilizamos para aplicar o trabalho proposto à turma citada; ora, isso seria praticamente impossível, pois lidamos com uma fração de tempo restrito para aplicar os demais conteúdos contidos no currículo escolar, sem contar o tempo exíguo dentro da grade horária no ano letivo oficial. Como fora dito, a grande quantidade de canais analisadas serviu, simplesmente, para termos uma visão macro da realidade do YouTube relativa à divulgação científica em história. Para analisar o tema, escolhemos três canais de ensino de história: ***Nerdologia, História ao Quadrado*** e ***Leitura ObrigaHISTÓRIA***. Os critérios pelos quais pinçamos somente três canais, se devem ao fato de que cada um utiliza estratégias diferentes, narrativas e formas distintas de trabalhar as fontes que podem facilitar, quando combinadas, a aprendizagem dos conteúdos, possibilitando uma maior capacidade de entendimento e, consequentemente, desenvolvimento de uma consciência histórica crítica.

O canal ***Nerdologia*** é, hoje, um dos maiores canais de divulgação científica da internet. Criado em 2010 possui mais de 3,22 mil inscritos e uma média de 80 a 150 mil visualizações por vídeo.[5] O canal não é voltado exclusivamente para o ensino de história, ele contempla também biologia, tecnologia e sociedade. Em seus anos iniciais, os vídeos eram produzidos e divulgados por dois profissionais: Atila Iamarino[6] e Filipe Figueiredo[7]. Os vídeos, em sua maioria, eram sobre biologia, sociedade, tecnologia e história, esta última, ficando a cargo de Filipe Figueiredo.

Não só nos vídeos sobre conteúdo histórico, mas em todos os outros, o canal procura mesclar as informações e estudos científicos, fazendo referências a filmes, séries, desenhos, músicas e demais produtos da indústria cultural, principalmente àqueles voltados para a cultura nerd, como relata o próprio canal em sua página de apresentação no YouTube. Nas primeiras décadas do século XXI, a cultura nerd ganhou muito espaço na TV, cinema e na internet, despertando a atenção da indústria cultural, que enxergou nesse nicho a oportunidade de grandes lucros. O canal ***Nerdologia*** soube entender as demandas desse grupo social e utilizá-lo para fazer e divulgar ciência e conhecimento de forma rápida, acessível e simples, sem deixar de lado o rigor científico, principalmente as referências às fontes de pesquisa.

[5] Nerdologia - YouTube Pesquisado em 06/02/2022.
[6] Bacharel em Biologia e Doutor em microbiologia pela Universidade de São Paulo: Busca Textual - Currículo Lattes (cnpq.br) Pesquisado em 06/02/2022.
[7] Bacharel em História, pela Universidade de São Paulo: Netunoweb (usp.br) Pesquisado em 06/02/2022

História ao Quadrado é um canal único entre os dezoito canais de ensino de história no YouTube que analisamos. O canal alia história e imagem, no entanto, essas imagens são desenhadas em forma de histórias em quadrinhos, conhecidas no mundo nerd como HQ's. O canal foi criado em 2007, possui 25,6 mil inscritos e uma média de mil visualizações por vídeo.[8] Contudo, o canal não se resume somente ao YouTube, ele é o que podemos entender como um braço do site de mesmo nome, que dispõe os materiais desenhados na plataforma de vídeo, para quem tiver interesse em baixar e utilizar em sala de aula, desde que se faça um cadastro prévio e se torne membro, pagando uma mensalidade específica.[9]

O site e o canal do YouTube foram criados por Giovani Marcos Bernini, graduado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, especialista em Política e Sociedade, pelo Centro Universitário Barão de Mauá e mestre em Ensino de História pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, pelo programa ProfHistória.[10] Um contato mais próximo com este profissional seria muito bom, pois assim como nós, ele também voltou parte de sua pesquisa no ProfHistória para as redes digitais.[11] Chegamos a enviar uma mensagem de contato ao e-mail que consta no canal, mas infelizmente não obtivemos retorno.

Por fim, o canal ***Leitura ObrigaHISTÓRIA*** foi o terceiro escolhido. Já falamos anteriormente sobre o canal e seu criador, o professor Icles Rodrigues.[12] Uma informação adicional que pode ser conferida tanto nos vídeos como na descrição da página é que um dos objetivos do canal é a divulgação da produção acadêmica para o público em geral, utilizando-se de estratégias voltadas para a divulgação científica, por meio da história pública.[13] O interesse pela escolha do canal se deveu pela proposta da diversificação de metodologias. Enquanto o ***Nerdologia*** faz um link da cultura pop com a história e o ***História ao Quadrado*** se utiliza de histórias em quadrinhos, o ***Leitura ObrigaHISTÓRIA*** faz a produção acadêmica ser conhecida por quem não é da área.

A seguir, vamos discorrer sobre a análise dos vídeos relativos às Revoluções Russas, examinados antes de aplicá-los aos alunos da turma citada, com o objetivo de compreender as possibilidades de utilização desse material visual por parte dos docentes de história. As

[8] História ao Quadrado - YouTube Pesquisado em 06/02/2022
[9] História ao Quadrado – Resumos, Mapas Mentais e conteúdos de história para desenhar e colorir. (historiaaoquadrado.com) Pesquisado em 06/02/2022
[10] Busca Textual - Currículo Lattes (cnpq.br) Pesquisado em 06/02/2022
[11] PROFHISTÓRIA (ufrj.br) Pesquisado em 06/02/2022
[12] Busca Textual - Currículo Lattes (cnpq.br) Pesquisado em 06/02/2022
[13] Leitura ObrigaHISTÓRIA - YouTube Pesquisado em 06/02/2022

análises foram elencadas utilizando-se uma planilha com pontos a serem questionados dentro dos vídeos. A planilha está disponível no ANEXO A:

Vídeos sobre as Revoluções Russas

Com relação aos eventos:

Nerdologia: As revoluções de outubro, criação da Duma e dos Sovietes, a guerra civil após as revoluções. Exposição dos fatos de forma simples, dando ênfase aos elementos de causa e consequência.

História ao Quadrado: A revolução de 1905, o Domingo Sangrento, os bolcheviques e os mencheviques. A narrativa se dá em forma de história em quadrinhos, que são desenhadas enquanto acontece a explicação do autor.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: Antecedentes da sociedade russa no século XIX, as revoluções russas até 1917, o tratado de Brest-Litovsk.

Com relação às narrativas históricas, sua organização e seleção de eventos:

Nerdologia: Não há preferência por um tipo somente de evento, procuram apresentar os mais relevantes. As narrativas se organizam em ordem cronológica e relativa aos fatos políticos. Os fatos e as narrativas podem fazer o leitor refletir historicamente, pois muitas vezes apresentam comparações temporais e sociais, principalmente quando apresentam as desigualdades sociais do período absolutista do império russo.

História ao Quadrado: O foco e as principais referência dos vídeos gira em torno muito mais nos eventos do pós-revolução de 1917, as primeiras reformas implementadas pelo estado soviético após os eventos da revolução. As narrativas se organizam em formas de história em quadrinhos, com traços muito simples e colorido ao final. O vídeo é produzido de forma muito técnica, destacando de forma superficial os principais acontecimentos. Mesmo na apresentação do narrador, não se encontra uma fala mais enfática que leve à reflexão social, por exemplo.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: Não há preferência por determinado evento, no entanto há delimitação do evento de assinatura do tratado de Brest-Litovsk como o fim da narrativa dos acontecimentos. A narrativa histórica disposta no vídeo está em ordem cronológica, recuando até meados do século XIX para contextualizar a sociedade russa. Mesmo o autor narrando os fatos de forma quase acadêmica, durante o vídeo ele procura embasar os eventos com teorias e contextos da época. A reflexão histórica se dá pela narrativa das dificuldades sociais e econômicas da Rússia pré e pós-revolução.

Com relação à noção de tempo histórico:

Nerdologia: O tempo é organizado como o de curta duração, focado nos eventos da revolução de 1917, mas regredindo um pouco para contextualizar a situação política da Rússia pré-revolução. O vídeo também explica e diferencia o calendário juliano (usado pelo império russo na época) e o gregoriano, para marcar o desenrolar dos fatos.

História ao Quadrado: O tempo é apresentado como de curta duração, o período da revolução ou das revoluções russas, 1905 a 1917. O tema é dividido em três vídeos sequenciais. Não há muito retorno aos antecedentes, apesar de a parte imagética dos desenhos estarem bem divididos em conceitos, contexto histórico e acontecimentos.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: A temporalidade que organiza o vídeo é de curta duração, delimitando de forma muito clara o início e o fim das narrativas, segunda metade do século XIX e o ano de 1917. Mesmo que o vídeo tenha um espaço de duração de 41 minutos, o autor prefere essa delimitação de tempo para organizar as ideias, os conceitos e os contextos.

Com relação à causa e consequência:

Nerdologia: Causa e consequência são utilizadas sempre no vídeo, praticamente a construção dele tem por base o conceito de causalidade. Um evento é narrado em consequência de uma causa anterior a ele, principalmente dando ênfase nas ações do Czar Nicolau II.

História ao Quadrado: A relação causal é muito utilizada nos três vídeos, como dito antes, divididos em esquemas de desenhos conceituais, onde um acontecimento necessariamente leva a uma consequência.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: Recuando a situações e eventos ainda no século XIX, a relação de causa e consequência fica mais bem construída. Os acontecimentos e as narrativas se entrelaçam numa trama produzindo sentido aos fatos.

Com relação às motivações dos agentes históricos:

Nerdologia: As motivações apresentadas no vídeo relativas aos atores históricos são em sua maioria individuais, mas há coletividades, como por exemplo, as ações dos mencheviques e da Duma. Os contextos da época muito utilizados são o da guerra com o Japão e o da Primeira Guerra Mundial, que de certa forma, são gatilhos para ações de alguns agentes históricos.

História ao Quadrado: Os sujeitos da narrativa dos vídeos são motivados por questões políticas. Há menção a indivíduos, como Stalin, Lenin e Trotsky, bem como às ideologias dos grupos por eles representados: mencheviques e bolcheviques. Um dos principais conceitos utilizados para contextualizar a explicação é a questão social, principalmente as lutas de classes.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: As motivações dos agentes históricos apresentados no vídeo são políticas e ideológicas, os conceitos socialistas sempre aparecem dando um pano de fundo teórico às discussões apresentadas pelos agentes. Se utiliza com certa regularidade, dos escritos e das teorias socialistas de Marx e Engels para explicar as ações das pessoas envolvidas na narrativa.

Com relação às mudanças e continuidades:

Nerdologia: O vídeo não trata muito de mudança e continuidade, foca mesmo no evento histórico da revolução, no entanto, há alguns memes que, de certa forma, "cutucam" o presente autoritarismo do governo russo; uma montagem de uma mensagem do Twitter com a bandeira russa dizendo que não existe mais absolutismo na Rússia, aparece no vídeo para contextualizar de forma cômica a explicação: "LAST!!!! ... Não, pera..." aos 4 minutos e 15 segundos de apresentação.

História ao Quadrado: Como o vídeo dá mais ênfase ao período imediatamente pós-revolução, nota-se um paralelo das condições sociais antes e depois das revoluções. A questão econômica, é explorada com mais frequência neste sentido.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: O autor procura apresentar os fatos fazendo links com o panorama político da atualidade, às vezes explicando alguns conceitos mais teóricos. No entanto, o vídeo foca mais nos acontecimentos próprios das revoluções russas do que em fazer paralelos com os dias atuais.

Com relação à criação de empatia:

Nerdologia: A empatia se dá ao trabalhar o tema da pobreza, autoritarismo de Estado, luta de classes e tomada de poder dos trabalhadores. A reflexão neste sentido faz o espectador se questionar se, nos dias, atuais as desigualdades ainda estão presentes, bem como o autoritarismo.

História ao Quadrado: Por explorar mais os eventos e as ações imediatamente após 1917, o vídeo dá destaque às condições precárias vividas pela população, no entanto, talvez

pela natureza da linguagem da apresentação, em quadrinhos simples, ele tenha um pouco mais de dificuldade em despertar empatia.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: A empatia se dá de forma muito peculiar neste vídeo, quando o autor cede parte do seu tempo para outra professora explicar o papel das mulheres nos eventos e nas tramas das revoluções russas. O lugar de fala das mulheres que participaram das revoluções é apresentado e representado por uma mulher.

Com relação à relevância do tema:

Nerdologia: O vídeo foi feito em 2017, marco de cem anos das revoluções russas. Como relevância podemos destacar a própria Rússia atual governada por Vladimir Putin, cuja reputação política no Ocidente está mais próxima da de um Czar russo do que um revolucionário bolchevique. Há um vídeo da BBC Brasil, publicado no seu canal do YouTube em julho de 2021, contando a história do líder russo e como sua imagem foi construída dentro e fora da Rússia, fazendo-nos pensar sobre as formas de autoritarismo ainda existentes no mundo.

História ao Quadrado: Os vídeos produzidos em 2020 possuem um significado importante no sentido de que apresenta um tema complexo, tratado de forma muito simples em sua exposição. Não é possível afirmar, no entanto, que sua relevância esteja associada às comemorações do centenário das revoluções, pois foram feitos três anos após o marco centenário. De qualquer forma, os vídeos podem ser uma forma mais simples e introdutória para se apresentar este tema muito comum na historiografia contemporânea.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: O vídeo foi feito em outubro de 2017, praticamente cem anos após a revolução. A relevância se dá justamente por isso, o centenário dos acontecimentos de outubro de 1917. Seu significado se torna essencial, dada a organização, técnica, teoria, bibliografia e indicações das fontes que serviram de base para a produção do conteúdo. Num tempo e numa plataforma recheada de notícias e vídeos falsos, esse vídeo traz mais um conhecimento válido para o ensino aprendizagem.

Com relação às fontes: sua utilização e natureza:

Nerdologia: As fontes são imagéticas. O historiador narra os eventos apresentando imagens: fotos da época; gráficos comparativos; fotos de documentos; memes e referência à cultura pop em filmes, por exemplo. Como ocorre com o filme estrelado por Sean Connery; “Caçada ao Outubro Vermelho”, recurso utilizado para fazer referência às revoluções de outubro (aos 6 minutos e 51 segundos). Bem como ao clássico filme de Sergei Eisenstein: “O

Encouraçado Potemkin", fazendo agora referência direta ao fato histórico da revolta dos marinheiros (aos 3 minutos e 51 segundos). As fontes, no entanto, são referenciadas nas informações do vídeo.

História ao Quadrado: Não há referência ou bibliografia indicada nos vídeos do canal sobre o tema, só mesmo a apresentação explicada por um professor de história. Não podemos afirmar ser ele quem faz os desenhos, não há nenhum indicativo disso, e mesmo ao fim da apresentação quando ele se mostra, não diz nada sobre a autoria dos desenhos em quadrinhos.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: O vídeo utiliza mais de vinte fontes indicadas na bibliografia no link da descrição, trechos de documentos da época são lidos inseridos em determinados temas, como por exemplo, a carta de abdicação do Czar Nicolau II. Um recurso interessante utilizado no vídeo pelo autor é apresentar notas de rodapé no decorrer da exibição, toda vez que se faz necessário explicar um conceito ou dar alguma informação adicional. Há também a utilização de fotografias e filmes curtos da época, alguns colorizados digitalmente.

Com relação à construção de narrativa e consciência histórica:

Nerdologia: A articulação da narrativa, fontes e eventos do vídeo apresenta de forma simples, muito embasada em imagens, uma visão mais palatável sobre os acontecimentos, principalmente se o leitor do vídeo for um adolescente, muito afeito a imagens e poucos ou nenhum texto. Percebe-se o esforço para que a narrativa histórica possa ser entendida de forma direta, principalmente nas referências com a cultura pop e com acontecimentos políticos contemporâneos.

História ao Quadrado: Uma articulação possível se dá ao destaque feito durante os três vídeos às condições precárias do povo russo à época das revoluções, tema usado pelo autor como motivador dos conflitos. No entanto, voltamos a dizer que pela natureza do vídeo, feito só em imagens de quadrinhos, não se pode afirmar que há uma relação entre passado e presente, muito menos uma menção à situação política da atual Rússia.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: Sendo o vídeo apresentado na forma jornalística, ou seja, o autor narra os acontecimentos como se descrevesse fatos acontecidos atualmente, as interpretações podem ficar a cargo da imaginação do espectador. Imaginar como foram os eventos, as reações das pessoas, a passividade ou intrepidez dos agentes envolvidos e que mudaram os rumos da história russa e mundial.

Com relação à linguagem utilizada:

Nerdologia: A apresentação do tema pelo autor do vídeo claramente editado para não ser prolixo e muito longo, se dá de forma técnica, no entanto não muito formal. Mesmo quando não se pode fugir de algum termo técnico, o autor se preocupa por explicar da forma mais simples possível.

História ao Quadrado: Não há jargões e muito menos gírias ou linguagem informal, o professor apresenta o tema como se estivesse dando aula para um curso pré-vestibular, explicando de forma simples e direta cada conceito e os contextualizando.

Leitura ObrigaHISTÓRIA: O autor não se utiliza de gírias ou jargões, procura narrar os fatos de forma bem técnica, teórica, mas utilizando-se de uma fala simples e direta, fugindo de uma retórica empolada e difícil de entender.

Finalmente, pudemos perceber com esse levantamento dos canais, as respostas devolutivas dos *youtubers*, as pesquisas e as análises dos vídeos, que o ensino de história pelas redes digitais, principalmente nos canais do YouTube, tem grande potencial e oferece várias possibilidades. Longe de se apresentar como um substituto, os conteúdos nas plataformas servem como um complemento que atende às demandas de professores e pesquisadores, na tarefa da popularização da história, na divulgação científica e na ampliação da História Pública para pessoas interessadas nessa área do conhecimento.

Não existe, no entanto, uma regra, um manual de como fazer um bom canal de vídeos que dê conta do ensino de História em sua totalidade, os canais existentes fazem uso de diversas ferramentas e conseguem de alguma forma, fazer com que haja uma produção histórica de qualidade, obedecendo aos critérios próprios dos pesquisadores da área. Evidentemente, nem tudo são flores, existem canais que se intitulam de história, mas que estão longe de o serem. Distorções, revisionismos, preconceito disfarçado de análise e criação de narrativas perigosas, que nada mais fazem do que criar e manter discussões vazias e cheias de ódio, mantendo cativas pessoas que por algum motivo, não compreendem as limitações de suas opiniões e muito menos entendem a dinâmica da história. Para estes canais, concordando com o professor Icles Rodrigues, o historiador sério precisa fazer um bom trabalho de curadoria, filtrar os canais e vídeos com intenções duvidosas, não deixando que alunos tomem tais interpretações como fato.

Há muito trabalho para ser feito, principalmente na realidade brasileira. Tudo que demonstramos nestas linhas é uma bela teoria de um mundo perfeito, mas a realidade é muito mais cruel do que se imagina. Por melhor que as propostas possam parecer, ainda há um longo caminho para que uma educação voltada para uma conscientização histórica possa

lograr êxito. Numa realidade dos grandes centros, com escolas bem equipadas, independentemente se públicas ou privadas, as ferramentas das quais mencionamos, como o próprio YouTube, podem muito bem tornar o trabalho do professor mais dinâmico, mais produtivo, e igualmente fazer com que os alunos desenvolvam uma consciência histórica empática, que respeite o outro. De toda maneira, infelizmente, na maior parte do país, o que reina é a precariedade, a falta de estrutura e de pessoal habilitado para se trabalhar o mínimo. Discorremos aqui sobre possibilidades de uso de tecnologias, enquanto na maior parte dos municípios brasileiros, o professor sonha em pelo menos ter um quadro negro, carteiras em bom estado ou mesmo sonham em ter alunos para ensinar.

A partir de então, com os dados previamente colhidos, podemos executar a tarefa proposta neste trabalho de utilizar os vídeos em sala de aula para o ensino de História. A aplicabilidade, o processo de coleta de dados e os resultados preliminares e finais, serão apresentados no próximo capítulo, no qual, apresentaremos também um panorama descritivo e analítico da realidade socioeconômica dos educandos, necessário, pois o uso de tecnologias ou a oferta precária dela, pode facilitar ou dificultar o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

3 **O YOUTUBE TRABALHADO EM SALA DE AULA**

Trabalhar com adolescentes é sempre desafiador, principalmente na área da educação. Por melhor que tenham sido nossos cursos de licenciatura, principalmente na parte concernente às disciplinas pedagógicas, usos de recursos didáticos, apoiados em teorias muito bem elaboradas, frutos de décadas ou séculos de pesquisas, a realidade no chão da sala de aula se mostra única, cheia de possibilidades, mas também de inquietações. E não há currículos escolares capazes de trazer um mundo perfeito para as carteiras e bancos escolares.

O quê ensinar? Qual a melhor forma de fazer os alunos se interessarem por temas às vezes tão distantes da realidade deles? Bom, não é essa a proposta deste trabalho; solucionar problemas pedagógicos relativos ao ensino aprendizagem, muito menos apresentar um estudo complexo sobre como resolver tais problemas, pois nem mesmo isso seria possível, dada a diversidade de ambientes escolares, inseridos em realidades socioeconômicas únicas, e ao tema bem específico da presente dissertação.

Apresentaremos nas próximas páginas, da forma mais detalhada possível, uma proposta de intervenção pedagógica voltada para o ensino de História, utilizando canais de YouTube voltados para o ensino de História e à divulgação científica, bem como apresentar os resultados da aplicação de trabalhos práticos, criados especificamente para se trabalhar as noções de consciência e cultura históricas, tão necessárias e porque não dizer, centrais enquanto expectativa de colheita de resultados ao se ensinar História. O aluno deste novo milênio deve estar preparado para os desafios que aparecem quase que diariamente a ele, desafios referentes à interpretação de várias narrativas criadas e desenvolvidas no mundo da informação, algumas mais antigas, por vezes requentadas e repaginadas, outras mais recentes, mas, todos frutos de uma era que alguns filósofos concordaram em chamar de pós verdade.

Antes, contudo, procuraremos discorrer sobre o problema das *fake news*, e como a desinformação pode ser prejudicial, os caminhos pelos quais os canais de revisionismo histórico, como o Brasil Paralelo, por exemplo, percorrem e se estruturam, atingindo um grande número de usuários, com a proposta de um revisionismo histórico perigoso. Não podemos deixar de mencionar também, em seguida, as dificuldades pelas quais passam os alunos ao acessar à internet, as causas socioeconômicas que dificultam os alunos de escolas públicas a utilizar de forma proveitosa, os recursos disponíveis na rede para seu aprendizado e a construção de um conhecimento histórico, a fim de desenvolver uma consciência histórica e crítica.

3.1 **O combate à desinformação na internet**

Não querendo aprofundar muito o tema; mas, segundo Ralph Keyes (2018), pós-verdade significa numa perspectiva simplista, o ato de manipular a verdade sem culpa, fenômeno que transita segundo o autor, numa “zona ética crepuscular”, na qual o indivíduo pode dissimular sem se sentir culpado, e essa dissimulação tem como uma de suas bases a inversão dos fatos e o apreço pela própria imagem, quase uma necessidade de ser visto, de ser notado (KEYES, 2018, p. 20).

Apresentaremos também um perfil da escola na qual realizamos os trabalhos, da comunidade escolar ao seu redor, bem como uma análise dos alunos enquanto suas características socioeconômicas. Igualmente, no que se refere às interações entre eles e o mundo digital, suas dificuldades e perspectivas de trabalho com as tecnologias virtuais no ensino de História. Achamos importante a execução deste trabalho, dadas as transformações culturais e econômicas pelas quais a sociedade vem passando desde pelo menos as duas primeiras décadas do século XXI.

No entanto, vale refletir um pouco sobre a pós-verdade, mais especificamente em relação ao seu principal produto: as *fake news*. No capítulo anterior, procuramos apresentar um levantamento e a análise feitas nos canais de YouTube, produzidos por pessoas comprometidas com as boas práticas consagradas pela historiografia no ensino de História. Mesmo que algumas dessas pessoas não sejam profissionais da área, elas respeitam a prática do fazer histórico para a divulgação científica, isto quer dizer que, mesmo sem as ferramentas adquiridas nos cursos de bacharelado ou licenciatura em História, elas reconhecem o conhecimento histórico como válido e científico.

Contudo, há pessoas que não possuem tal compromisso, usam de distorções de narrativas, revisionismos históricos e demais formas interpretativas para tentar substituir um conhecimento já consagrado na comunidade científica por outros sem critérios definidos ou mesmo duvidosos enquanto sua produção e legitimidade. Esses supostos conhecimentos, ou como alguns gostam de afirmar, outras interpretações dos fatos, são reproduzidos de forma rápida e eficiente, se tornando virais. Num mundo conectado, construído pela internet, não possuindo muitos mecanismos de controle e filtragem (pelo menos não havia muitos até bem pouco tempo), esses virais acabam por atingir uma quantidade considerável de pessoas. Mas o que é um viral?

Segundo Luís Mauro Sá Martino (2021), viral é um elemento, geralmente um meme, um vídeo, uma fotomontagem, um link, que pode se espalhar de forma rápida e quase sem limites nos mais diferentes ambientes virtuais. Ainda segundo o pesquisador, os virais devem seu sucesso a simplicidade da informação, à carga emocional envolvida, e o humor em alguns casos. Quando falamos em carga emocional, nos referimos ao impacto emotivo de quem o recebe e repassa, gerado por títulos apelativos, capazes de despertar emoções variadas. Um viral pode portar uma *fake news,* característica comum na era da pós verdade, que inclusive já decidiu destinos políticos de países inteiros, por meio de informações falsas que foram capazes de mudar resultados de eleições majoritárias.[14]

Somadas as características que tornam uma *fake news* viral, reportagem do portal Uol de notícias de 09 de novembro de 2020, elenca mais três fatores pelos quais, as pessoas repassam notícias falsas: viés de confirmação, quando suas crenças sociais e políticas são confirmadas pela notícia falsa recebida, pelo fato desta notícia ir ao encontro ao seus desejos de ver suas crenças reproduzidas na sociedade; robôs e algoritmos, *softwares* de inteligência artificial que simulam as ações humanas, levando as pessoas a acreditarem ter recebido determinada notícia de fontes confiáveis; pacote ilimitado de dados, pacotes de telefonia móvel celular, aparelho muito usado, às vezes até mais do que microcomputadores, que dá acesso ilimitado às redes sociais, tornando o acesso e compartilhamento de mensagens das redes sociais, falsas ou não, mais fácil, simples e rápido, pois não há a preocupação de que o fluxo de dados possa ser tarifado, como no caso do acesso aos sites comuns, inclusive das mídias oficiais de notícias.[15]

Mas se ficarmos somente nas definições superficiais de uma *fake news,* podemos correr o risco de não descobrir de fato, para que servem, porque foram criadas e por quais motivos são compartilhadas. André Bonsanto (2021), aprofunda a investigação sobre o fenômeno das *fake news,* algo que segundo ele, é mais amplo e vai além de definições comuns. Seu objetivo é ampliar este fenômeno, para assim problematizar suas motivações sociais e políticas (BONSANTO, 2021, p. 1).

Conforme demonstra no seu texto, o fenômeno das *fake news* pode ser compreendido como narrativas "historiográfico-midiáticas", pois são mais do que simples notícias falsas, são alternativas de narrativa apresentadas como notícias jornalísticas, mas que na verdade querem inserir, ou mesmo modificar, as narrativas tradicionais. Para ele, o problema está no uso

[14] Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais? | Internacional | EL PAÍS Brasil (elpais.com) Pesquisado em 17 de abril de 2022.
[15] Como fake news se tornaram um problema sério no Brasil? Saiba evitá-las - 09/11/2020 - UOL TILT Pesquisado em 12/03/2022

indiscriminado do termo *"fake news"*, por ser um termo instável, usado em contextos distintos, por isso ele propõe tratar *fake news* como narrativas "historiográfico-midiáticas", termo que, soa mais adequado para se utilizar na análise do fenômeno da pós-verdade, pois legitima estratégias políticas e discursos conservadores. As narrativas "historiográfico-midiáticas" possuem a função, entre outras coisas, de deslegitimar o conhecimento histórico de base científica e, em seu lugar, substituir por outras narrativas e atores sociais (BONSANTO, 2021, p.2).

Notícias falsas não são novidades na história da humanidade, elas sempre existiram e nem sempre foram criadas ou compartilhadas com motivos obscuros, o problema atual das *fake news*, no entanto, reside na descrença que as narrativas tradicionais adquiriram na sociedade e na emergência de novos atores sociais, portadores dessas notícias falsas, principalmente na esfera digital, os quais favorecem a criação e disseminação de outras narrativas, muitas delas negacionistas e revisionistas. Ainda nessa linha de pensamento, outra preocupação e que gera desconfiança, não é a notícia falsa em si, mas o engajamento de quem consome e compartilha, dentro de grupos específicos no WhatsApp, Instagram, Twitter ou Facebook, grupos que, a cada dia, se tornam mais compactos e homogêneos (BONSANTO, 2021, p.3).

Dentro desses grupos de engajamento, a legitimação de uma notícia não depende do peso racional e científico dela, mas do afeto de quem recebe tal notícia no seu grupo social, o discurso hegemônico dentro desses grupos se sobrepõe à lógica, mesmo quando se trata de assuntos de interesse social e de saúde, como as vacinas contra a COVID-19, por exemplo, as quais sofreram os mais diversos ataques por causa da propagação de notícias falsas. Esses grupos, que podemos chamar também de bolhas de informação, são quase impermeáveis, difíceis de serem convencidos a partir de uma racionalidade mesmo que rasa (BONSANTO, 2021, p.3).

Essas bolhas de informação, formam basicamente um ecossistema paralelo, nas palavras de Bonsanto, um "ecossistema mediático", com base na desinformação revisionista e populista, as quais se fundamentam em premissas, como por exemplo: 1) mensagens produzidas a partir de agendas personalizadas, como se fossem feitas sob encomenda, visando determinada personalidade ou certos grupos; 2) simulação de um interesse humano caloroso, onde o apelo às paixões nacionalistas, políticas e moralistas são lugares comuns nas narrativas; produção de um conteúdo anti-intelectual e anti-establishment, patrocinando basicamente uma ode à ignorância, à negação da ciência e aos poderes constituídos de forma democrática; 3) regresso a um passado idílico, saudosista e nostálgico, na esperança de que

estes tempos considerados por eles perfeitos, retornem; 4) o assassinato de reputações, a tentativa de acabar com opositores e; 5) a preservação de laços fortes por meio do mundo virtual (BONSANTO, 2021, p.6).

As narrativas falsas, criadas por esses novos atores nestes grupos, têm por finalidade não um jornalismo investigativo ou sério, ao contrário, por meio de notícias falsas, tentam atacar e colocar em xeque os meios de comunicação tradicionais, até mesmo o próprio jornalismo, pois levantam uma discussão com base no argumento da "outra visão", "opinião independente", entre outras construções narrativas. Estes atores de que fala Bonsanto, criam uma estratégia de embate político na qual a sua informação não está desvinculada de um apelo à autoridade e à legitimação simbólica. Isto quer dizer que, quem cria a informação falsa luta para que sua narrativa seja a "verdadeira", aquela que realmente traria ao público um jornalismo "isento" de opiniões (BONSANTO, 2021, p.6).

As *fake news* e sua pretensa disposição "jornalística", não significa um ataque ao jornalismo em si, mas a criação de um cenário complexo, no qual novos agentes, com linguagens e formatos diferentes, disputam uma autoridade e hegemonia nas narrativas. Para tanto, nessa lógica das *fake news*, aquilo que se diz não precisa ser verdadeiro, mas ter a capacidade de convencimento das pessoas, principalmente de pessoas que pensam e agem seguindo parâmetros contrários à ciência, à história e à verdade. Vale lembrar, no entanto, que *fake news* não é jornalismo, não é história, não é ciência, são narrativas que precisam se apropriar desses discursos, combatendo-os e refutando-os. Não se trata, portanto, de uma dicotomia sobre "fato" ou "*fake"*, mas de um projeto de poder e de autoridade, que busca seu reconhecimento custe o que custar (BONSANTO, 2021, p.7).

Recorremos a essa reflexão, pois é uma forma de compreender as *fake news* e seus atores, para alertarmos sobre conteúdos que podem contaminar plataformas virtuais, principalmente os canais de YouTube, objeto deste trabalho. Assim como investigamos canais sérios e compromissados com a historiografia já consagrada pela academia, nos deparamos também com canais e páginas na internet voltadas para a propagação de *fake news*, debaixo de um verniz de informação, jornalismo e entretenimento. Essa reflexão sobre o *modus operandi* das *fake news*, soa mais como um alerta aos alunos das nossas escolas, indivíduos que sabem muito bem operacionalizar o mundo digital, usam as redes sociais melhores que pessoas de meia idade ou idosos, no entanto, são presas fáceis de sites mal intencionados, os quais utilizam o poder de comunicação e compartilhamento dos jovens para espalhar narrativas que distorcem a lógica, que não têm apreço pela ciência e que pretendem dominar e mudar a História segundo seus próprios parâmetros.

Entre os canais e sites deste tipo, podemos citar a “Brasil Paralelo”, empresa de entretenimento e educação, conforme eles próprios se denominam, criada em 2016 no Rio Grande do Sul, e que tem por finalidade, “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. Eles se consideram como orientados pela busca da “verdade histórica”, e “sem qualquer tipo de ideologização”,[16] como se o fato de não ter uma ideologia e considerar que na história só há uma verdade, não fosse uma forma de tomar partido ou uma narrativa, entre tantas outras, mas que se quer verdadeira.

A Brasil Paralelo surgiu como um apoio intelectual da direita brasileira, principalmente entre os anos de 2015 e 2016, cruciais na história recente brasileira, culminando com o impeachment da ex-presidente Dilma Roussef. Trata-se de uma época em que a direita e por tabela a extrema direita, cresceram de forma considerável em praticamente todos os setores sociais, públicos ou privados, no entanto, não era um fenômeno exclusivamente brasileiro, mas um sintoma da onda extremista de direita que varreu o mundo a partir de primeira metade da década de 2010. A Brasil Paralelo, assim como o Movimento Brasil Livre – MBL, o Vem Pra Rua, entre outros, descobriram e souberam aproveitar um nicho de mercado em crescimento, o que alguns pesquisadores como por exemplo, Flávio Henrique Calheiros Casimiro (2018), chamam de a “Nova Direita”.

Ainda segundo Casimiro, isso faz parte de um “processo de reorganização da estratégia de ação política da burguesia” (...), tida como uma base de sustentação da estrutura de uma multiplicidade de aparelhos privados, voltados para a criação de um projeto de poder e defensores de uma ideologia de mercado. Isso basicamente quer dizer que a Direita se reinventou nas últimas décadas, para dominar se não todos, vários nichos não só de mercado, mas sociais, culturais, educacionais, entre outros (CASIMIRO, 2018, p.16).

Não nos cabe aqui aprofundar essa discussão, até porque não é o objetivo central do presente trabalho, mas é interessante notar os meios pelos quais, houve um crescimento de narrativas repaginadas, com vieses novos, mas que no fundo procuravam uma hegemonia na ação política em todos os níveis. No caso da Brasil Paralelo, nos meios culturais e educacionais, houve a tentativa de fazer com que sua narrativa, impregnada de revisionismo histórico, fosse a dominante.

Sobre revisionismo histórico, não é novidade que ele exista, e há mais tempo do que sua utilização recente. Revisionismo na história é compreensível e aceito, pois dá margem a outras abordagens historiográficas. No entanto, quando o revisionismo é utilizado para impor

[16] Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Pesquisado em 12/03/2022.

uma única visão de mundo, não aceitando o contraditório e as inúmeras possibilidades historiográficas, não há como considerá-lo como uma história crítica, mas sim apologética, quase confessional, beirando o discurso religioso (BONSANTO, 2021, p.8).

As narrativas revisionistas não necessariamente negam os fatos históricos, mas procuram instrumentalizá-los a fim de justificar ações políticas no presente, trabalham de forma que o entendimento do presente necessariamente passe por deslocamentos e omissões de fatos no passado, o que, em caso contrário, poderia fomentar discussões historiográficas críticas. E é isso que o revisionismo histórico como a da Brasil Paralelo faz, a crítica não tem espaço nesse rearranjo historiográfico. Ao apresentar uma narrativa revisionista, sem margem à crítica ou outras interpretações, o agente que detém tal narrativa, se insere como uma alternativa plausível à uma história já legitimada, contudo, no uso de novas tecnologias da informação, este agente procura fazer com que sua narrativa tenha mais credibilidade que as outras ou mesmo que ela seja a única (BONSANTO, 2021, p.9).

Essa forma de atuação descrita acima, pode ser notada no canal do YouTube da Brasil Paralelo, o qual contém muitos vídeos que oferecem uma narrativa revisionista como uma alternativa à historiografia profissional[17] Entre os vídeos desse tipo, está a série de documentários em sete episódios "A Cruz e a Espada"[18], que conta a história do Brasil por outro viés, carregado de revisionismo histórico. Como dito antes, revisionismos na história são tolerados quando apresentam outras visões críticas sobre os fatos históricos, não quando tentam impor uma só visão, pautada num só discurso histórico. Os episódios dessa série da Brasil Paralelo, não apresentam nenhuma referência histórica, no entanto, há depoimentos de Leandro Narloch e Olavo de Carvalho, jornalista e astrólogo recentemente falecido, autointitulado filósofo, respectivamente, declaradamente revisionistas e saudosistas do Império e da Ditadura Militar Brasileira.

Os vídeos veiculados pela Brasil Paralelo, à primeira vista, com uma proposta informativa, documental, como se fosse qualquer outro canal com uma proposta educacional e jornalística, fazem parte, na verdade, de um projeto de disputa por espaços hegemônicos. A narrativa desses vídeos teêm por objetivo o alargamento da bolha informacional de viés revisionista na procura de espaços de aceitação e reconhecimento de suas interpretações como se fossem legitimadas e corretas (BONSANTO, 2021, p.10).

Existem, de fato, muitas produções boas, comprometidas com uma historiografia aceita e revisada por pares, legitimando dados e informações sobre atores sociais no passado,

[17] Brasil Paralelo - YouTube Pesquisado em 12/03/2022
[18] Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada - YouTube Pesquisado em 12/03/2022.

como nós testificamos ao fazer o levantamento para este trabalho. De toda maneira, um problema a ser levantado para estudos futuros relaciona-se ao fato de os canais criados com a proposta de apresentar uma "visão diferente" da história, receberem muito mais aporte financeiro do que outros canais comprometidos com um viés cientificamente racional da história. Não podemos legitimar as informações contidas no site da Brasil Paralelo, mas eles alegam ter alcançado 15 milhões de espectadores em 2021[19], no canal do YouTube possuem 2,51 mil inscritos[20]. É claro, os números altos de expectadores se devem também pelo formato, não sendo restrito às plataformas de vídeos, mas também de áudios, como o Spotify, Amazon Music e o Deezer.[21]

Nessas plataformas, a Brasil Paralelo divulga e vende cursos e assinaturas de onde, basicamente, são originadas suas fontes de renda. Talvez, por ser uma plataforma multimídia, isso quer dizer, estar presente não só no YouTube, ela consiga alcançar uma quantidade considerável de assinantes, pouco mais de 208 mil, com um crescimento exponencial em 2020, segundo seu site[22]. Esse crescimento, provavelmente se deve à pandemia do novo Coronavírus, cujas atividades presenciais foram transformadas em atividades remotas, principalmente na área do entretenimento e da educação.

Notamos algo interessante na comparação entre a Brasil Paralelo e os demais canais do YouTube pesquisados para este trabalho: uma das diferenças entre o alcance destes canais e o da Brasil Paralelo, reside principalmente na estratégia de marketing. Em quase nenhum canal que pesquisamos, encontramos uma abrangência deles em outras plataformas. Em alguns deles, há uma atuação em canais de podcasts, mas muito tímida na maioria dos casos. Claro que não podemos deixar de lado a natureza empresarial da Brasil Paralelo, responsável também pelo alcance deles nas plataformas, no entanto, talvez, se os canais pesquisados tivessem essa mesma proposta de marketing empresarial, seu alcance seria maior. Por outro lado, não podemos esquecer que estes canais se sustentam com dificuldades e, entre suas metas, a parte financeira não aparece como prioritária, entretanto, em condições adversas, uma boa estratégia de propaganda de mercado poderia impulsionar a viabilizar um maior alcance dos seus vídeos.

De qualquer forma, uma coisa não podemos desprezar: a facilidade de acesso às plataformas digitais que os alunos podem acessar. Seja dentro ou fora das salas de aula, a internet utilizada pelos telefones celulares se tornou algo muito comum, mesmo com as

[19] Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Pesquisado em 13/03/2022
[20] Brasil Paralelo - YouTube Pesquisado em 13/03/2022.
[21] Sobre Nós | O que é a Brasil Paralelo? Pesquisado em 13/03/2022
[22] Idem.

proibições legais dentro de sala aula,[23] originadas de preocupação legítima relativa à atenção dos alunos no decorrer da aula. O instrumento de comunicação móvel se tornou muito popular e, hoje em dia, é um componente muito importante no processo de ensino-aprendizagem.

3.2 **Os dados sobre acesso à internet nos últimos anos**

O cenário atual relativo ao acesso e permanência dos jovens na internet é mais promissor do que no início do século, mesmo com algumas dificuldades persistentes, como por exemplo, a falta de condições financeiras para acessar à internet de uma parcela considerável da população, a qualidade do fluxo de dados, a velocidade da internet, entre outros. Gilda Olinto (2007) fez um estudo sobre as desigualdades no acesso à internet no Brasil na primeira década deste século, com base nos dados da PNAD Contínua do IBGE de 2005[24].

Abordando temas sobre as desigualdades sociais no acesso e o uso da internet, a pesquisadora foca na questão da educação. Utilizando-se de dados da PNAD de 2005, ela faz um grande estudo que tenta compreender como os brasileiros lidavam com essa tecnologia em constante evolução, dadas as dificuldades sócio econômicas e regionais do Brasil. Olinto já observava que o uso da internet estava se tornando elemento central na sociedade, principalmente na área do conhecimento, mesmo com as desconfianças próprias geradas quando uma tecnologia nova está em expansão, o uso da internet já começava a se consolidar na sociedade, o problema, contudo, era a democratização ou não do acesso a todos os estratos sociais (OLINTO, 2007, p.2).

Com o contínuo avanço do acesso à internet, alguns pontos se apresentam como relevantes para a pesquisa: como se acessa a internet? De que forma? As condições socioeconômicas são relevantes para ter acesso? Estes e outros, na época (e hoje também) eram centrais para entender o fenômeno das mudanças conjunturais que se aproximavam pelo uso da internet. Aliado a essas questões, outro questionamento se tornou importante: as tecnologias da informação podem transformar as realidades sociais adversas ou elas perpetuam as desigualdades? (OLINTO, 2007, p.3).

---

[23] Lei 5222/08 | Lei nº 5222, de 11 de abril de 2008, Governo do Estado do Rio de Janeiro (jusbrasil.com.br) Pesquisado em 13/03/2022.
[24] sintesePNAD2005_s_link.indd (ibge.gov.br) Pesquisado em 13/03/2022.

No decorrer da pesquisa, alguns dados preliminares já demonstravam algumas diferenças significativas. Fatores sociais que tradicionalmente são determinantes para a inclusão social ou não, como por exemplo, gênero, renda, estrutura familiar entre outros, podem, da mesma forma, ser condicionantes para o acesso às TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação), nomenclatura técnica que faz referência ao acesso aos meios digitais de comunicação. Entre os fatores determinantes, no entanto, a educação era um dos principais a pressionar as diferenças no acesso à internet, de certa forma, perpetuando as desigualdades (OLINTO, 2007, p.4).

Segundo Olinto, interpretando os dados do IBGE, as desigualdades relativas ao acesso à internet pelo telefone celular na primeira década dos anos 2000 são relativas à escolaridade: mais anos de escolaridade, em média 15 de instrução, era responsável por 76,2% de acesso à internet em comparação aos que tinham pelo menos 7 anos de instrução, o que, em percentagem da população, era algo em torno de 12,6%. Claramente, quem tinha mais instrução acessava mais do que os mais jovens com menos instrução. Cabe uma observação relevante aqui: o acesso à internet por meio de celulares estava em desenvolvimento na primeira década deste século, bem como a tecnologia e *design* dos aparelhos (OLINTO, 2007, p.5).

Focando os alunos da educação básica agora, a média de acesso à internet continuava alta, pois 26,62% de alunos do ensino fundamental e 44,01% do ensino médio acessavam à internet com alguma frequência. E, mais uma vez, a finalidade do acesso desses alunos era voltada à educação: 23,84% no ensino fundamental e 39,43% no ensino médio. (OLINTO, 2007, p. 10). Nota-se também, nos mesmos dados, um aumento expressivo na percentagem de alunos do ensino médio que utilizavam a internet para se comunicar, 31,52%. Provavelmente, isso se deve ao fato da chegada e popularização das primeiras redes sociais, como por exemplo, o extinto Orkut e o Fotolog[25] .

Entre a pesquisa de Olinto e os dias atuais, houve avanços significativos, tanto nas formas de acesso, na permanência, nos objetivos acessados, entre outros. O desenvolvimento de tecnologias, a simplificação dos acessos, a velocidade e a capacidade de armazenamento de dados possibilitaram uma abrangência considerável de pessoas que acessam à internet regularmente, consolidando ainda mais sua importância na vida social, laboral e educacional da população. Na última década, entre os anos de 2010 e 2020, novas possiblidades surgiram para o uso da internet em tudo que ela possa oferecer de facilidades.

[25] Qual foi a primeira rede social da história? - Canaltech Pesquisado em 13/03/2022.

Boa parte desse desenvolvimento se deve à emergência de políticas de acesso à internet no Brasil, mesmo que tímidas, mas significativas. Isso é o que mostra o estudo feito pelo pesquisador Sivaldo Pereira da Silva (2015) sobre as políticas de acesso à internet, suas características e desafios. Um estudo interessante, o que nos ajuda a compreender a importância da rede mundial de computadores no dia a dia, e principalmente na educação.

O Brasil dos últimos anos se consolidou como sendo um dos países que mais acessou a internet. Em 2015, ocupava a quinta posição em números de usuários, representando, na época, 40% de pessoas regularmente conectadas na América Latina. Porém, ser um dos países que mais acessa a internet, não significa que dentro de seu território, ele seja universal, abrangendo de forma uniforme a maioria da população. Ainda há problemas relativos à exclusão digital no Brasil, problemas que atingem, principalmente, a população mais carente. Ainda que a internet seja parte essencial do dia a dia destas pessoas, não são incluídas de forma democrática ao ambiente digital (SILVA, 2015, p.151).

Um avanço gradual e significativo se deu no acesso à internet na primeira metade da década de 2010. Dados da *Pesquisa brasileira de mídia 2015,* mostram que, naquele ano, 49% das pessoas usavam a internet com certa frequência, números confirmados pena PNAD do IBGE, 49,4%. Aos poucos, o brasileiro começava a normatizar o uso da rede mundial de computadores no seu cotidiano, tornando o Brasil, como dito acima, um dos maiores países em acesso contínuo à internet (SILVA, 2015, p.152).

No entanto, ao aplicar um olhar mais atento aos números, podemos observar algumas estratificações. Mesmo com o crescimento nos números relativos ao acesso à internet, este acesso não conseguiu, até então, transpor as divisões regionais e socioeconômicas, relativas principalmente à renda. Pode-se notar na pesquisa que a maior faixa de acesso a internet, levando-se em conta a moradia advém dos centros urbanos, locais mais ricos e, consequentemente, com mais capacidade estrutural. Ao mesmo tempo, somente 15% das casas das áreas rurais possuíam acesso à WEB. E dentro dos centros urbanos, há divisões também. Até 2015, 98% das famílias comumente conhecidas como pertencentes à Classe A possuíam acesso à internet, índice que cai consideravelmente nas Classes B (80%), C (39%), D e E (8%) (SILVA, 2015, p. 154).

Tais números deixam claro que não havia uma universalização no acesso regular à internet, os motivos mais comuns segundo Silva, conforme dados da pesquisa, são: idade mais avançada, menor escolaridade e moradores de áreas rurais, todos, no entanto, componentes das classes C, D e E. A divisão imposta pela renda, ou pela falta dela, determina neste caso,

uma inclusão universal ou não, algo que nem mesmo o avanço de tecnologias de acesso pôde transpor.

Sobre os motivos pelos quais o brasileiro acessava a internet, o principal era a busca de informações e notícias, 67%, como forma de passar o tempo, 38% e 24% acessavam no intuito de adquirir conhecimento ou estudar. Importante frisar que são números gerais, não relativos a grupos determinados, como estudantes, por exemplo. As atividades de comunicação estavam ganhando força entre os usuários de internet, as redes sociais eram as mais acessadas nesta categoria, 77% afirmaram participar de redes sociais. E com relação às redes sociais enquanto uma amostragem das mais utilizadas, o Facebook aparecia na liderança, com 83% de usuários regulares, seguido pelo WhatsApp, 58% e o YouTube que já configurava em terceiro, com 17% (SILVA, 2015, p.158).

É importante notar alguns pontos de análise sobre a universalização da internet, isto é, como podemos reconhecer se uma população tem ou não acesso universal à rede mundial de computadores. Estes pontos podem ser definidos como: acesso restrito; acesso massificado e acesso universal.

Acesso restrito é quando somente uma pequena parcela da população possui acesso ao serviço de internet de forma satisfatória, em todas as suas funcionalidades, equipamentos próprios e velocidade de dados. Em suas origens, esse acesso quase pleno à internet era restrito a pessoas das classes sociais mais altas, governos e pesquisadores, foi basicamente no início da internet, mas entre as classes mais abastadas, esse acesso restrito enquanto disponibilidade de suas funcionalidades ainda existe, está restrito portanto, a quem pode dispor de quantia considerável de dinheiro para ter um acesso satisfatório a internet.

O acesso massificado consiste em um alargamento da oferta de internet para além das classes mais abastadas, denota a fase comercial da internet, quando seu uso foi expandido para a população em geral na década de 1990. No Brasil, o Acesso massificado se dá quando o serviço passa a ser disponibilizado pelas empresas de telecomunicações, nos anos 90, iniciando a popularização do serviço de internet no país, proporcionando, mesmo que teoricamente na época, um acesso cotidiano ao cidadão comum, que não faziam parte das classes mais ricas, não eram membros de governos e não eram pesquisadores.

O acesso universal pressupõe que a internet tenha um alcance a todas as classes sociais de forma igualitária enquanto trânsito de dados, velocidade, acessibilidade, preços justos e acessíveis e qualidade dos serviços. Essa perspectiva de acesso considera a internet um serviço essencial à humanidade, e, como tal, não pode ser propriedade de determinados grupos sociais ou ser demasiadamente cara e de má qualidade. A rede mundial de

computadores, segundo este viés, precisa atingir a totalidade das pessoas, transpor barreiras regionais e econômicas para, de fato, fazer jus a sua importância social.

A universalização da internet é uma pressão dos governos imposta às empresas de telecomunicações que operam esses serviços, o objetivo é forçá-las a atender regiões remotas, zonas rurais com populações mais escassas e com poucas condições econômicas, regiões não são atraentes para as empresas deste setor, que preferem os centros urbanos, já que consideram o serviço de internet não como um bem universal, mas como um produto na lógica comercial da oferta e procura (SILVA, 2015, p. 161).

Partindo dessa premissa, a universalização da internet deve atender, segundo o autor, três premissas: 1) disponibilidade: atender a todas as regiões, sejam elas centros urbanos ou zonas rurais, com oferta pública ou comunitários; 2) acessibilidade: serviço disponível a todos os cidadãos, independente de condição social, gênero, limitações físicas, ou outras características que os tornem excludentes dentro da sociedade e; 3) preço acessível pelos serviços: se a internet como fora afirmado anteriormente, caminha para se tornar um serviço essencial para a humanidade, ela precisa estar disponível a todas as pessoas por um preço justo, que garanta seu acesso em todas as regiões. Ser um dos países com mais acesso à internet, não significa necessariamente uma universalização dos serviços, pois ela para na falta de infraestrutura, falta de legislações regulatórias e pela lógica de mercado (SILVA, 2015, p. 162).

Os problemas de infraestrutura afetam o acesso à internet, pois não há investimento em tecnologias capaz de baratear os custos do produto final. Não há uma estrutura organizada que suporte o tráfego de dados, como também as políticas públicas existentes de acesso à internet são tímidas, o que torna a disponibilidade de serviço de internet universalizado uma característica de regime privado, voltado para o lucroe não para o bem comum, para o bem público. Além disso, a renda média do brasileiro é baixa, o que o torna quase incapaz de usufruir de um serviço de qualidade e universal, aliada aos preços elevados dos planos de dados.

As dificuldades e os desafios para se obter acesso universal à internet, e, consequentemente, sua utilização de forma satisfatória na educação em todas as suas esferas, são obstáculos que devem ser transpostos diariamente. Num mundo conectado, as possibilidades de aquisição de conhecimento por meio desta ferramenta são enormes, mas, evidentemente, desde que tenhamos meios para alcançar esse uso universal. No entanto, durante a segunda metade da década de 2010, houve um crescimento significativo nos indicadores de acessibilidade à internet, seja pelo desenvolvimento de tecnologias físicas de

acesso, como por exemplo, a popularização dos aparelhos celulares tipo *smartphones*, bem como o advento e o crescimento da acessibilidade à rede por meio das tecnologias de banda larga 3G e 4G e, mais recentemente, a chegada ao país da tecnologia 5G.

É cedo afirmar que esses fatores mencionados anteriormente foram os principais responsáveis por uma maior acessibilidade à internet, entretanto, dados da PNAD Contínua do quarto trimestre de 2019[26] demonstram algumas mudanças interessantes neste início dos anos 2020, principalmente com relação ao uso de aparelhos celulares no acesso e navegação pela rede. Isso é muito significativo, pois demonstra uma mudança de cultura informacional com relação aos meios pelos quais o brasileiro utiliza a internet, sua permanência e os motivos pelos quais ele faz uso da rede.

Segundo a pesquisa periódica do IBGE, 78,3% dos brasileiros acessaram a internet em 2019, um aumento de 3,6% em relação à 2018. Destes, a maioria do acesso em relação ao sexo é o das mulheres, 79,3%, contra 77,1% dos homens. Um dado que nos chamou a atenção e de forma alguma deve ser desprezado, pois é uma informação essencial ao nosso trabalho, 88,4% das pessoas que acessaram a internet, independente de sexo, a utilizam para assistir vídeos, programas, séries e filmes, percentuais que só ficaram atrás de enviar e receber mensagens de texto, 95,7% e conversar por vídeo chamada ou vídeo, 91,2%. Assistir a vídeos na internet já é uma realidade entre os brasileiros, informação que diz muito sobre como as pessoas obtêm suas informações e a leitura que elas fazem do mundo, inclusive no que diz respeito às *fake news.*

Este percentual alto de acesso à internet teve como principal responsável os aparelhos celulares: *smartphones* e *iphones.* Eles representaram 98,6% em 2019, no entanto, já em 2018 este índice também era alto, 98,1%. Nota-se também que os aparelhos celulares em relação às outras formas pelas quais se pode acessar à internet, lideram de forma isolada esta categoria, configurando em primeiro lugar absoluto e com uma diferença de 52,4% para o segundo colocado, os microcomputadores (46,2%). Talvez, se estes números continuarem crescendo no caso dos celulares e caindo, no caso dos microcomputadores, estes últimos, muito em breve, tornar-se-ão obsoletos para o acesso à internet.

A disponibilidade de internet nos lares brasileiros também cresceu de forma significativa. 86,7% das casas no Brasil que ficam na área urbana possuem acesso à internet, no entanto, este número é incrivelmente baixo se olharmos para a área rural, 55,6%, reafirmando o que fora exposto anteriormente na pesquisa de Sivaldo Pereira da Silva, com

[26] liv101794_informativo.pdf (ibge.gov.br) Pesquisado em 18/03/2022

relação à falta de interesse comercial das operadoras de telefonia móvel nesse nicho de mercado, fazendo com que haja essa grande diferença nos percentuais.

Nas áreas urbanas, além da infraestrutura melhor e interesse comercial, as operadoras facilitam o acesso à internet por meio de planos de dados mais baratos, acesso ilimitado às redes sociais, parte da internet mais acessada pelas pessoas e a possibilidade de mudar de operadoras se não se sentirem satisfeitos com a anterior. Tais facilidades atraem clientes de várias classes sociais, em busca de uma conexão rápida e barata.

No entanto, o dado que mais nos interessa é o que mostra a utilização da internet entre os estudantes. Segundo a pesquisa, no último trimestre de 2019, 88,1% dos acessos à internet foram de estudantes, contra 75,8% de não estudantes. Uma clara demonstração do potencial educacional da rede, ainda pouco aproveitado, pois mesmo que os números mostrem um percentual significativo, provavelmente, na prática, os acessos podem ser de forma livre, sem uma orientação de estudos e pesquisas, voltados para um aproveitamento maior da capacidade da rede. Não afirmamos, no entanto, que o estudante não tenha uma capacidade cognitiva para discernir entre sites confiáveis ou não para sua pesquisa, mas que ela poderia render mais se fosse devidamente orientada por um profissional da educação.

Estudos mais aprofundados são necessários para verificar quais outros fatores determinam esta disparidade no acesso à internet entre os alunos da rede pública e privada de ensino, pois ainda que às marcações socioeconômicas sejam basilares, elas sozinhas não explicam essa diferença no acesso à rede. Um fator interessante a ser pesquisado pode ter relação com a educação digital. Não é difícil manusear um equipamento de computador ou mesmo um celular, no entanto, é muito importante saber transitar no mundo digital, e uma educação nessa área, provavelmente faria com que os índices que separam os alunos da rede pública da privada no acesso à internet, fossem menores.

Conforme os dados da pesquisa do IBGE, o telefone celular é líder absoluto no acesso à internet para fins educacionais, 97,4%, em segundo lugar vêm os microcomputadores, 56,0%, seguidos por TVs (provavelmente *smart tvs*), 35,0% e tablets, 13,4%. Uma informação adjacente a esta e igualmente importante tem a ver com a rede de ensino dos alunos que utilizam os aparelhos celulares para acesso à internet para estudos. Em 2019, o telefone celular foi utilizado por 98,5% dos alunos da rede privada de ensino, enquanto 96,8% dos estudantes da rede pública fizeram uso do aparelho. Estes últimos dados, de certa forma, são animadores, pois pelo menos neste item, a distância entre alunos da rede pública e privada é muito pequena, o que não podemos dizer, no entanto, aos outros meios de acesso à internet:

microcomputadores, 81,8% contra 43,0%; TVs, 51,1% contra 26,8% e; tablets, 23,1% contra 8,5% de alunos da rede privada e pública, respectivamente.

3.3 **Os dados locais**

Os dados apresentados da pesquisa do IBGE até aqui, são um vislumbre macrossocial da realidade dos estudantes no Brasil, relativa ao uso da internet enquanto um meio para o ensino-aprendizagem. Contudo, fizemos nossa própria pesquisa, a nível local, obviamente, mas que serviu para verificarmos de forma micro, como os alunos da rede pública de ensino, estudantes do Colégio Estadual Alice Paccini Gélio, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, se relacionam com os meios digitais para fazer pesquisas e estudos relacionados aos campos do conhecimento ensinados diariamente nas aulas expositivas, no presente caso, o ensino de História (ANEXO C).

A pesquisa foi elaborada por formulário eletrônico, do Google Formulários, aplicada de forma remota, aos alunos de cinco turmas do ensino médio: 1002, 2003, 3001, 3002 e 3003, entre os meses de julho e agosto de 2021. O motivo pelo qual essa pesquisa foi aplicada pela internet se deve ao fato do Estado do Rio de Janeiro, bem como o restante do Brasil e do mundo, ainda estarem enfrentando a pandemia, provocada pelo novo coronavírus,[27] forçando uma mudança de comportamento social, segundo o qual, as aulas se tornaram remotas, dada às altas taxas de contaminação.[28]

Foram aplicados os formulários eletrônicos a turmas diversificadas, não somente do 3º ano, pois queríamos verificar se a realidade de uma turma, quanto ao acesso à internet e suas dificuldades, espelhava as demais, se era uma realidade comum ou pontual. No formulário, foram feitas dez perguntas que estavam relacionadas à regularidade e periocidade de acesso, sites e páginas mais acessados, objetivos pelos quais se acessava, a natureza da banda larga de onde acessavam, desempenho e dificuldade no acesso à internet, bem como se ela era paga ou acessada por terceiros.

Os resultados dessa pesquisa particular foram essenciais para ponderarmos os limites e objetivos no trabalho dos alunos com a internet. Queríamos saber se seria viável trabalhar com vídeos, já que é um dos recursos que mais consomem dados do pacote de internet, se os

[27] Covid-19 Casos e Óbitos (saude.gov.br) Pesquisado em 19/03/2022.
[28] Decreto 46970, de 13/03/2020. MostrarArquivo.php (pge.rj.gov.br) Pesquisado em 19/03/2022.

alunos teriam condições ou não, para efetuar de forma satisfatória, as tarefas que fossem solicitadas e finalmente, se através dos resultados, eles poderiam conhecer melhor a história, articulando os modos de consciência histórica, empatia, solidariedade e racionalidade e outras ferramentas do pensamento histórico ao pesquisarem sobre atores sociais de outras épocas e contextos históricos distintos.

Sobre o costume de se acessar à internet, a maior parte dos alunos que participaram da pesquisa informaram que sim, costumavam acessar com frequência a internet, 90,9%. Esta pergunta e consequentemente sua resposta estão relacionadas à segunda questão: “em qual período do dia eles acessavam à internet”. Novamente, a maioria dos estudantes confirmou que acessava sobretudo no período da tarde e da noite, 87%. Isso mostra que no período da manhã, turno onde eles estariam na escola ou em aulas remotas, não acessavam regularmente à internet. Ora, essa pergunta foi feita no objetivo de descobrir o acesso aos canais que regularmente eles mais utilizavam, as aulas remotas não estavam inseridas neste contexto, pois, durante este período, estavam conectados às aulas de seus professores.

Quanto ao quesito tempo, a quantidade de horas acessada por eles, a maioria dentre os que participaram da pesquisa responderam que acessavam a internet, em média, mais de 8 horas diariamente, 39,1%. No período em que acessavam à internet, a maioria fazia isso para assistir programas e vídeos, 39,1%, seguido por estudar, 30,4%. Sobre os vídeos assistidos, a maioria respondeu que utilizava a plataforma de vídeos YouTube, 68,2%, note-se que se tratava de uma pergunta em que eles poderiam escolher mais de uma opção. O WhatsApp ficou em segundo lugar, com 63,6%. Nos chamou a atenção essa parte da pesquisa, pois ela contrasta com o levantamento do IBGE em 2019, o qual, à época, era assinalado que a função de assistir vídeos na internet entre os brasileiros configurava em terceiro lugar, seguido pelo envio de mensagens de texto, por aplicativos como o WhatsApp, por exemplo.

Sobre a velocidade da internet, a maioria dos alunos achou boa, 48,5%; ou regular, 28,1%. Mesmo numa realidade de privações, os alunos ainda conseguem ter um acesso relativamente bom à internet, talvez devido ao fato do município de Belford Roxo ser um dos mais populosos da Baixada Fluminense, fazendo parte da região metropolitana da cidade, agregada à capital em termos econômicos, o que o caracteriza como um centro urbano também, despertando interesse econômico, o que se traduz em disponibilidade de melhores serviços de banda larga 3G e 4G. Essa questão está em consonância com a pergunta que fizemos relativa ao sinal de internet nas suas residências. Quando falamos em sinal de internet, nos referimos a constância e frequência dele, sem demasiadas interrupções do

serviço. Sobre este item, a percepção mais comum da maioria dos alunos foi de que o sinal em sua área residencial era considerado bom, 69,6%.

Uma observação muito importante sobre a nossa pesquisa com os alunos: apesar de ter sido feita com cinco turmas diferentes do ensino médio, o que resulta, em tese, em 214 alunos, somente 23 responderam ao questionário. A explicação mais plausível para a diferença entre a totalidade numérica dos alunos das cinco turmas e os que realmente responderam o questionário, é que nem todos possuíam acesso satisfatório e regular à internet. Não sabemos, mas um dos motivos do acesso limitado ou insuficiente seja por causa das dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias, impossibilitadas de comprar créditos de celular com regularidade ou por possuírem um aparelho para vários membros utilizarem. Quando a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ determinou as aulas remotas, nem todas as famílias possuíam acesso à internet. Alguns dependiam de celulares dos pais ou outros familiares, outros não tinham um pacote de dados nos seus planos de internet por operadora, satisfatório. Quando este problema foi notado, a SEEDUC/RJ tomou a iniciativa de fazer um aplicativo que o aluno acessasse sem a cobrança de pulsos de internet, totalmente gratuito. O problema, no entanto, era que para baixar o aplicativo, chamado Aplique-se,[29] o aluno precisaria estar conectado à internet.

Apesar da iniciativa da secretaria de educação em lançar o Aplique-se, com acesso simples e interface de fácil navegação, isso não resolveu muito o problema de acesso dos alunos, pois algumas aulas previamente gravadas para o aplicativo, utilizavam o consumo de dados padrão do pacote de internet. No entanto, uma das facilidades disponíveis no aplicativo, era a possibilidade de acesso irrestrito às apostilas com todas as matérias, de acordo com os temas bimestrais no currículo mínimo da SEEDUC/RJ. A plataforma, mesmo tendo sido um avanço significativo da secretaria, ela esbarrou na realidade socioeconômica das famílias, dificuldades técnicas das operadoras, disponibilidade satisfatória de sinal, entre outros entraves que demandam estudos mais profundos para maior compreensão.

Ainda no primeiro ano da pandemia, 2020, este problema já anunciava as dificuldades pelas quais os alunos e porque não dizer, os profissionais da educação passariam no sistema remoto de ensino na educação básica. Segundo matéria veiculada no portal de notícias G1, das Organizações Globo, em 9 de junho de 2020[30], já apontava que quase 40% dos alunos não possuíam computador ou tablete em casa para acessar as aulas remotas, o que, provavelmente,

[29] Applique-se (seeduc.rj.gov.br) Pesquisado em 19/03/2022.
[30] Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo | Educação | G1 (globo.com) Pesquisado em 19/03/2022.

trouxe alguma dificuldade nas aulas a distância. De fato, mesmo com aparelhos celulares, o acesso dos alunos à internet para estudos da educação básica no contexto da pandemia foi insatisfatório entre os mais carentes. A saída para que a iniciativa não se tornasse um caos, foi imprimir o material didático, as apostilas, para os alunos retirarem nas escolas regularmente e devolvessem com as tarefas e exercícios feitos nas próprias apostilas.

Concluímos esta parte do trabalho, chegando à conclusão que, mesmo fazendo parte de áreas metropolitanas dos centros urbanos mais importantes do país, não quer dizer que o aluno periférico e em situação de risco social, usufrui das facilidades disponíveis já apontadas nas pesquisas aqui demonstradas, sobre o acesso satisfatório à internet. Há gargalos e lacunas profundas a serem desobstruídos e superados, no entanto, estes gargalos e lacunas crescem e se perpetuam graças à combinação entre interesse econômico (ou a falta dele) das operadoras de internet, e falta de ação política na implementação de políticas públicas efetivas e de consistência para acabar ou minimizar de forma satisfatória com o problema de acesso e permanência dos alunos na internet, reconhecemos que muita coisa significativa foi feita, mas identificamos também que há muito ainda a ser feito.

3.4 **Sobre a escola e os alunos, uma visão geral**

O colégio no qual aplicamos o trabalho se chama Colégio Estadual Alice Paccini Gélio, localizado na Rua Concílio Ecumênico, S/N, no bairro de Parque São Vicente, no município de Belford Roxo, o qual faz parte da Baixada Fluminense, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. A escola foi fundada com o nome de: Grupo Escolar Alice Paccini Gélio em 29 de janeiro de 1971, data da publicação do ato de sua fundação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Segundo dados obtidos no Projeto Político Pedagógico da escola, o nome Alice Paccini Gélio foi uma homenagem à uma antiga moradora da área, que cedeu um terreno de aproximadamente 600m para a construção da futura escola[31].

Construída nesta área, segundo o próprio PPP foi doada, a estrutura da escola dispõe de três prédios: o prédio principal, com quatro salas de aula, sala da direção, sala dos professores, dois banheiros para professores e funcionários, sala de informática (pequena e com computadores obsoletos), secretaria escolar e sala de recursos humanos; o primeiro

[31] Os dados apurados foram obtidos por meio do PPP – Projeto Político Pedagógico de 2015, documento oficial da escola, que não está disponível na internet, mas acessível de forma pública à comunidade escolar da região.

prédio anexo possui, na parte superior, seis salas de aula, na parte inferior, um refeitório, uma cozinha para preparo dos alimentos servidos aos alunos, dois banheiros para os alunos (masculino e feminino), um auditório e um depósito para livros didáticos e objetos utilizados em aulas, como, por exemplo: mapas, materiais para aulas de biologia, entre outros. Por fim, o terceiro prédio anexo, o menor dos três, possui uma biblioteca, uma sala de animação cultural e uma sala que serve como almoxarifado e depósito de materiais de manutenção utilizados pelos trabalhadores da empresa de limpeza e conservação contratada pelo poder público. Há também uma quadra de esportes e áreas de convivência comuns dotadas de mesas e cadeiras de concreto, utilizadas como lazer e passatempo dos alunos entre os períodos e intervalos das aulas. Possui também um estacionamento com capacidade para aproximadamente sete veículos.

Numa iniciativa da atual gestão, foram instaladas *smart tvs* com acesso à internet em todas as salas de aula, , por meio de conexão banda larga de *wi-fi* que consegue atender de forma satisfatória à demanda das aulas dos professores que utilizam recursos áudio visuais. Das escolas mais próximas da região, é a que possui tais equipamentos em grande quantidade e em ótimo estado. Com relação à climatização, todas as salas possuem ar-condicionados novos, em quantidade de dois em cada uma delas.

A escola atende em média, seiscentos a setecentos alunos, dos dois seguimentos da educação básica: ensino fundamental e ensino médio. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação[32], o ente federativo estadual pode assegurar os dois níveis da educação básica, mas priorizar o ensino médio. Essa observação é pertinente, pois nos oito anos de trabalho como professor no município de Belford Roxo, notei a carência estrutural das escolas municipais, com relação à falta de recursos, como por exemplo, sala de informática, sala de jogos, entre outras coisas. E escutava o testemunho dos colegas que também trabalhavam na educação básica daquele município. A atuação da rede pública estadual em algumas localidades do município de Belford Roxo é estratégica, pois a rede municipal de educação não consegue atender de forma satisfatória a demanda do ensino fundamental.

A situação na área educacional de Belford Roxo pode ser considerada um espelho dos indicadores deste município em comparação aos demais do Estado do Rio de Janeiro e ao restante do país. Segundo dados do censo de 2010 do IBGE[33], o município ocupa o 82º lugar entre os noventa e dois municípios do Estado nas taxas de escolaridade entre 6 e 14 anos de idade, ficando na posição 4435, entre os 5570 municípios do país. Mesmo fazendo parte da

[32] Lei 9394 de 1996 L9394 (planalto.gov.br)
[33] IBGE | Cidades@ | Rio de Janeiro | Belford Roxo | Panorama Pesquisado em 19/03/2022.

área metropolitana do segundo estado mais rico do país, isso não garantiu ao município índices de desenvolvimento econômico e social satisfatórios.

Com relação ao trabalho e à renda, a população de Belford Roxo ocupa a posição 34 no Estado e 1530 no país. O salário médio mensal da população é de 2,1 salários-mínimos, com 39,3% dessa população ganhando em média ½ salário-mínimo. Apesar de ser um município com população jovem, mais de 80% na faixa etária entre 10 e 24 anos, o índice de pessoas ocupadas é de 7,1%. O que nos chamou atenção com estes dados, foi o fato de que tanto em nossas pesquisas quanto no dia a dia dentro da escola, os alunos do Colégio Estadual Alice Paccini Gélio não apresentarem tantas dificuldades econômicas, pelo menos relatadas por eles mesmos e nos acessos à internet para o desenvolvimento do trabalho solicitado, objeto desta dissertação.

Sobre os alunos do colégio, a maioria tem como responsável e chefe de família, uma pessoa do sexo feminino, não necessariamente mãe, mas avós, e tias também configuram como responsáveis menor de idade perante a escola. Nas reuniões de responsáveis, o número de mulheres é visivelmente superior ao de homens. Não há, no município, grandes shoppings, cinemas, museus ou centros culturais de grande porte, o que força o adolescente que deseja transitar por estes lugares a se deslocar para um dos três municípios limítrofes que possuem uma infraestrutura cultural mais adequada, como, por exemplo: Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti. No entanto, a Av. Boulevard, principal do bairro Parque São Vicente, se torna ponto de encontro de interação social à noite, principalmente nos finais de semana, pois a avenida foi projetada de forma que em toda a sua extensão, há uma praça longa, com pistas para ciclistas, academias da terceira idade ao ar livre e bancos para descanso e lazer. Sem contar com a quantidade de bares, lanchonetes e *food trucks* funcionando em toda sua extensão, em sua maioria à noite, o que faz com que muitos jovens tenham a praça como ponto de encontro.

Um problema grave que atinge a maior parte da Baixada Fluminense é a violência. Belford Roxo não está livre deste fenômeno social, ficando, aliás, entre os mais violentos do Estado do Rio de Janeiro. Segundo levantamentos da Plataforma Fogo Cruzado, veiculada no Jornal O Dia[34] no início de 2020, o município ficou em primeiro na ocorrência de disparos com arma de fogo, 544 registros no ano de 2019, 33% a mais em relação aos demais municípios da Baixada Fluminense. As forças policiais que atuam na área não ficam de fora

[34] Belford Roxo: a mais violenta | Rio de Janeiro | O Dia (ig.com.br) Pesquisado em 20/03/2022.

desse índice. Conforme reportagem do portal de notícias G1[35], o município de Belford Roxo ficou em sétimo no índice de letalidade policial, 14 a 15 mortes por 100 mil habitantes, 13,8% em relação às outras áreas conflagradas do Estado. Os dados da reportagem foram obtidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e são relativos ao ano de 2020.

Essa realidade se reflete na escola. O Colégio Estadual Alice Paccini Gélio fica entre áreas dominadas pelo tráfico de drogas e pela milícia. Quando há confrontos entre estes grupos ou entre eles e as forças policiais, o fluxo de alunos diminui, pois muitos deles moram nestas áreas dominadas pelo poder paralelo, que mesmo quando o Estado, por meio da Polícia Militar, intervém, não há um ambiente seguro para que os adolescentes possam frequentar as aulas regularmente. Presenciamos vários casos de violência próximos à escola e relatamos estes casos em conversas informais com os próprios alunos. A realidade constante na vida desses jovens é a violência, a falta de estruturas de lazer e diversão, carência de investimentos no social, o que acaba levando estes jovens a acreditar que seus destinos prováveis serão fazer parte deste universo violento ou ser morto a qualquer momento nele próprio. O imaginário produzido pela convivência constante num estado de medo acaba por cimentar na mente desses jovens a luta eterna e maniqueísta entre o bem e o mal, entre polícia e bandido, como se não houvesse outra possibilidade ou uma terceira via, uma saída possível para eles.

A escola, neste contexto, exerce o papel de mediador de conflitos, pois, a realidade apresentada diariamente para os alunos acaba os tornando violentos também, mesmo que não haja, na maioria das vezes, violência dentro da escola, ela se manifesta em palavras, comportamentos e gestos preconceituosos. Por isso, o papel da educação é muito importante nessa realidade, pois é a única porta que muitos deles encontram para modificar seu destino e reescrever suas histórias. Não havendo dias de violência, o índice de faltas semanais dos alunos é muito baixo, as turmas são cheias, isso demonstra, de certa forma, um gosto por estar num ambiente, ainda que por algumas horas, eles possam se sentir seguros, importantes e queridos. A escola como uma de suas funções mais importantes, é de dar esperança ao aluno.

[35] RJ tem 7 entre as 10 maiores cidades com as mais altas taxas de letalidade policial do país | Rio de Janeiro | G1 (globo.com) Pesquisado em 20/03/2022.

3.5 **O trabalho aplicado utilizando os vídeos do YouTube**

Apresentaremos, a seguir, o trabalho aplicado aos alunos, objeto dessa dissertação e, após isso, a os resultados obtidos. Antes disso, porém, é necessário fazer algumas observações importantes. No projeto apresentado em setembro de 2021, previámos trabalhar com duas turmas seriadas distintas, a 2003, relativa ao 2º ano do ensino médio, e a 3003, relativa ao 3º ano do mesmo seguimento. Os temas a serem trabalhados nas turmas seriam: "independência das Colônias Americanas" e "Guerra Fria", temas próprios do currículo escolar de História do 2º e 3º anos, respectivamente. No entanto, por causa das novas dinâmicas espaço-temporais trazidas pela pandemia, ou seja, aulas remotas e rodízio de alunos do segundo ano; um retorno às aulas presenciais gradual e vacilante, se tornou inviável trabalhar com a turma 2003, já que, assim como os alunos do 1º ano, as turmas do segundo ano foram dispostas em forma de rodízio para os alunos que optassem pelo retorno presencial às aulas. Portanto, o total de alunos que decidiu voltar não ia todos os dias da semana à escola, mas eram divididos em grupos por cores, as quais determinavam os dias em que eles poderiam ou não frequentar as aulas.

Essa foi uma forma encontrada, não só na escola em questão, mas na maioria das escolas da rede pública estadual, conforme diretrizes e determinações da Secretaria de Educação em acordo com a Secretaria de Saúde, a fim de evitar aglomeração de alunos dentro de sala. O terceiro ano, no entanto, não teve que cumprir este expediente pois, conforme motivos alegados pelas diretorias regionais de educação, eram alunos em anos finais. Muitos deles precisavam de aulas expositivas, pois estavam inscritos em exames vestibulares ou no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM para tentar uma vaga em cursos superiores nas universidades e faculdades públicas ou privadas. Aos alunos que optassem pelo retorno presencial, teriam que comparecer à escola todos os dias, por isso, de nossa parte, a mudança na parte prática do trabalho. Trabalhar com o aluno que estava durante toda a semana na escola se tornou mais prático e poderia render resultados mais objetivos.

O tema do trabalho também foi alterado. Ao invés de "Guerra Fria", optamos trabalhar com as "Revoluções Russas", também próprio da grade curricular do 3º ano e que, conforme nosso entendimento, poderia ser mais viável, pois poderíamos trabalhar num só objeto, as revoluções, fazendo com que eles refletissem sobre temas que sempre geram discussões na internet, como por exemplo, comunismo *versus* capitalismo, classes sociais, trabalho, pobreza, autoritarismo e empatia. Não se quer dizer com isso, que tais características não

estivessem presentes no tema da “Guerra Fria”, mas, ao falar sobre as revoluções que deram origem ao comunismo soviético, nosso objeto de análise se tornaria mais específico e, de certa forma, mais “enxuto” em comparação ao período amplo das tensões entre 1945 e 1989.

Por fim, a escolha dos alunos da turma 3003 se deu também por afinidade (embora não fosse o fator determinante). Eles, com algumas variações de alunos que saíram para outras escolas por causa de mudanças de bairro ou devido a alunos que ingressaram no decorrer do período, eram nossos discentes desde o 9º ano do ensino fundamental. Não afirmo aqui, que os resultados positivos ou negativos do trabalho tenham passado necessariamente por uma questão de afinidade, precisaria adicionar vários estudos sobre a relação entre aluno e professor em sala de aula se quisesse corroborar a ideia de que o conhecimento prévio sobre os educandos e a empatia entre eles e o professor poderia determinar os rumos de tarefas ou trabalhos, não é este o nosso objetivo. De toda maneira, reconhecemos que o tempo de convivência e conhecimento entre as partes foi importante para um entendimento do que se pedia como tarefa e o que se esperava como resultados.

3.6 **O trabalho e seu desenvolvimento conforme a metodologia *Webquest***

O trabalho submetido aos alunos foi feito em três etapas: aulas expositivas sobre o tema; período de confecção dos trabalhos pelos alunos e apresentação dos resultados em sala de aula em forma de seminário.

A seguir, de forma detalhada, apresentaremos as etapas dos trabalhos, conforme as datas e explicações necessárias para o entendimento do leitor.

3.7 **Aulas expositivas**

As aulas expositivas ocorreram em número de duas, nos dias 19 e 26 de outubro de 2021, dentro de sala de aula, utilizando recursos próprios do ambiente escolar, como por exemplo, livros didáticos, quadro branco etc. Utilizamo-nos também, de vídeos da internet com fotos sobre o tema, recurso pensado para prepará-los para apresentar a estrutura e as tarefas pelas quais eles pesquisariam e construiriam suas próprias apresentações.

No dia 19 de outubro, a aula fluiu de forma satisfatória, como uma aula normal de uma matéria comum da grade curricular deles, a diferença foi, no entanto, que este tema, as Revoluções Russas, aparece no currículo do 3º ano entre o 1º e o 2º bimestres, entre os meses de abril e maio. No entanto, nestes bimestres de 2021, que correspondem ao primeiro semestre, as aulas estavam de forma exclusivamente remota. Mesmo com apostilas, nem todos os alunos acessavam a plataforma, por causa das dificuldades já apontadas neste trabalho, impossibilitando um entendimento satisfatório do tema. Preferimos retornar a este tema pelos motivos já expostos aqui e por um outro fator ainda não explicado: a comparação dos conflitos que se sucederam às revoluções de outubro de 1917, entre grupos pró e contrarrevolução, com a realidade cotidiana dos locais onde eles moravam, tomados por grupos armados, disputando territórios e narrativas distintas.

Na aula do dia 26, apresentamos aos alunos de forma expositiva, como eles pesquisariam e apresentariam os trabalhos. Fizemos a apresentação dos canais que seriam utilizados por eles para fazer as tarefas propostas. Os canais escolhidos foram os mesmos apresentados no segundo capítulo dessa dissertação: ***Nerdologia, História ao Quadrado*** e ***Leitura ObrigaHistória.*** Além disso, os vídeos também foram o que previamente analisamos destes canais sobre as Revoluções Russas. A apresentação do trabalho aos quais os alunos elaborariam suas exposições foi feita conforme a forma *Webquest.*

Aqui aplicamos a metodologia de *Webquest*, conforme apresentado pelo pesquisador Fábio André Han. Em termos gerais, consiste-se em utilizar a internet em suas possibilidades, para propor estudos direcionados, com questões a serem pesquisadas de forma racional, direta e, o mais importante, que desenvolvesse no aluno o conhecimento crítico e autônomo (HAN, 2016, p. 97). O método *Webquest* é importante por dois motivos: o primeiro devido ao fato de os alunos atuais se relacionarem de forma diferente com seu mundo e com a escola. São mais conectados, usam e abusam de equipamentos eletrônicos como *tablets, celulares* e *notebook*s, ficando, assim, muito mais tempo conectados à internet por meio das plataformas e redes digitais. O segundo motivo, o que mostra um pouco da fragilidade das divisões conceituais muito dicotômicas, ainda que o aluno do século XXI seja reconhecido como "mais conectado", ele não aprende de forma correta e satisfatória e, ainda menos, domina os mecanismos de pesquisa temática em rede. Isto significa dizer que, o pretenso nativo digital nem sempre sabe utilizar a internet de forma apropriada. Isso são dados obtidos por uma pesquisa aplicada ao Pisa em 2018. Segundo a OCDE, conforme tais resultados, no Brasil, 47% dos alunos não conseguem distinguir na internet, uma notícia real de uma opinião, e só

um terço, cerca de 33%, foi capaz de distinguir na pergunta do Pisa, fatos de opiniões.[36] Isso não parece ser um problema especificamente brasileiro, vide a dificuldade interpretativa de alunos das *high schools* estadunidenses pesquisadas por Sam Wineburg e a forma como lidam com informações advindas da internet (WINEBURG, 2019).

Talvez alguns motivos estejam relacionados ao mau uso dos recursos digitais disponíveis, o que acaba por tornar a pesquisa vazia, nada mais como uma reprodução do velho método de aula, sem uma orientação para que o aluno não fique perdido na navegação da internet e perca o foco, o objetivo para o qual está estudando.

Ainda sobre o método *Webquest,* conforme criado na década de 1990, tem como um de seus objetivos, incentivar a imaginação do aluno, transformar a forma como se pesquisa, principalmente com relação à História, fomentando uma aquisição de conhecimento substancial (NASCIMEN|TO, 2018, p. 24). Esse método pretende também desafiar e motivar os alunos, fazendo-os com que as informações utilizadas sejam transformadas em conhecimento (COUTINHO e JÚNIOR, 2011, p. 46).

Numa tarefa proposta aos alunos na metodologia *Webquest,* o professor pode ser um facilitador e incentivador, ao propor trabalhos desafiadores, bem como fomentar liberdade de criação entre os alunos (NASCIMENTO, 2018, p. 29), outrossim, pode avaliá-los no decorrer das tarefas, durante o processo de desenvolvimento e criação dos estudantes (COUTINHO e JÚNIOR, 2011, p. 46). As atividades propostas por meio da metodologia *Webquest* foram atribuídas, levando-se em conta a curiosidade dos alunos sobre o tema e o que eles sabiam previamente sobre as Revoluções Russas na internet.

O quantitativo total de alunos foi de doze, todos da turma 3003, os quais fizeram a pesquisa de forma individual. Uma observação pertinente sobre a quantidade de participantes se refere ao esquema de revezamento na escola. Por causa da pandemia e das restrições sanitárias de distanciamento, apenas alunos que optaram pelo retorno das aulas presenciais participaram. Não divulgaremos nomes ou idades específicas dos alunos participantes da presente pesquisa orientada pelo método *Webquest*, mas a faixa etária dos participantes está entre 14 e 17 anos aproximadamente. A previsão entre o início e conclusão das atividades foi de 32 dias (com data de finalização em 30 de novembro de 2021), ao fim das quais, os produtos das pesquisas foram apresentados em forma de seminário.

Os temas apresentados para orientar as pesquisas nos vídeos dos canais já citados neste trabalho foram: 1) perspectiva, como as Revoluções Russas são apresentadas nos

[36] 'Nativos digitais' não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE - BBC News Brasil Pesquisado em 11 de junho de 2021.

vídeos; 2) empatia, pensar de forma mais parecida possível, como os revolucionários pensaram ao fazer as revoluções; 3) capacidade de conceituar e contextualizar, entender conceitos como divisões sociais, pobreza, riqueza, luta de classes, comunismo, entre outros e; 4) verificação das fontes, ter certeza de que os autores nos vídeos sugeridos, defendem suas teses baseados em fontes e documentos confiáveis ou não. Para este último item, foi necessária uma rápida explicação, ou lembrança sobe os conceitos de fontes e documentos históricos, importante para que os alunos pudessem identificar de forma correta como se constrói o conhecimento histórico.

3.8 **Período de confecção dos trabalhos pelos alunos**

Entre o dia 26 de outubro e 30 de novembro de 2021, aconteceu o período no qual os alunos fizeram as pesquisas, tiraram dúvidas em sala, debateram entre si e definiram falas e o que apresentariam no final de novembro. Neste período, como o objetivo de deixá-los livres, não fiscalizamos o desenvolvimento dos trabalhos com perguntas elaboradas em planilhas, mas nas aulas que antecederam a apresentação dos trabalhos, perguntávamos de forma geral, como eles estavam caminhando, se estavam encontrando alguma dificuldade, entre outras coisas.

Poucos alunos relataram alguma dificuldade e, na maioria das vezes, elas se restringiam não aos vídeos, mas às dificuldades em assisti-los, dado o consumo de dados que os vídeos exibidos pelas plataformas, como o YouTube, por exemplo, ocasionam. Um aluno me relatou que estava aguardando a mãe receber o pagamento no início do mês de novembro para comprar créditos para o celular dele, que era pré-pago. Pelo menos somente um aluno relatou problema parecido, os demais não relataram problemas estruturais ou aparentes que dificultassem sua pesquisa e elaboração do trabalho.

No dia 23 de novembro, uma semana antes do prazo final de apresentação dos trabalhos, decidimos fazer algumas perguntas gerais à turma, anotando suas respostas no caderno. Entre as perguntas que fizemos, a mais óbvia foi sobre a dificuldade para acessar e assistir aos vídeos. Fora o caso já citado do aluno, nenhum dos demais relatou qualquer dificuldade para acessar ou assistir os conteúdos dos vídeos indicados. Sobre a compreensão do conteúdo dos vídeos, se tiveram dificuldade em entender, somente dois alunos relataram

alguma dificuldade, mas, no geral, conseguiram compreender o contexto histórico e as relações de alteridade e empatia.

Por fim, perguntamos se ao assistir aos três vídeos, o que mais lhes chamou a atenção foram os textos, as imagens ou a explicação dos autores. O resultado que já esperávamos, a maior parte dos alunos, sete, gostaram mais das associações feitas nos vídeos dos acontecimentos pelas imagens e desenhos. Quatro deles gostaram da forma como o narrador contava os acontecimentos e um deles notou de forma positiva os textos apresentados durante as exibições dos vídeos, relacionados às fontes, tanto que este aluno em questão, abriu uma referência contida em um dos três vídeos, sobre os cem anos das revoluções de 1917 e a leu.

3.9 **Apresentação dos resultados**

Os resultados apresentados a seguir, foram colhidos no dia 30 de novembro de 2021, em sala de aula, na forma de seminário individual, o que pôde ser feito devido ao número reduzido de alunos, doze, que fizeram as tarefas propostas. Cada aluno dispôs de um tempo aproximado de sete minutos para expor suas impressões e opiniões sobre o tema e os vídeos assistidos nos canais recomendados. A seguir, vamos discorrer de forma gradual os resultados obtidos pelo retorno dos trabalhos dos alunos, em ordem dos canais.

Canal: Nerdologia.

Vídeo: “100 anos das Revoluções Russas”

Dos três aqui analisados, o vídeo do canal ***Nerdologia*** foi o que despertou mais interesse entre os alunos. A maioria, oito, entre os doze que fizeram o trabalho, considerou o tema apresentado no vídeo de fácil compreensão, dinâmico e bem-explicado. Principalmente, com relação aos links feitos durante a exibição do vídeo, com memes e a cultura pop. Dois alunos em questão, relataram que mal perceberam os 10 minutos e 8 segundos do vídeo passar, devido ao interesse despertado neles. Uma das poucas críticas com relação ao vídeo, foi que eles não conseguiram entender muito bem o conceito de comunismo, já que, segundo os discentes, o vídeo quase não falou sobre ideias e conceitos de forma mais aprofundada, mas tão somente superficial.

Com relação à empatia, eles entenderam o papel despótico de Nicolau II no contexto dos acontecimentos anteriores às revoluções, alguns fizeram ligações com os políticos e governos da atualidade, comparando a situação dos russos no início do século XX à maioria

da população atualmente, principalmente nas áreas em que muitos deles residem, nos seus bairros. Questionaram por que a maioria das revoluções acabam em conflitos armados ou guerras, o que demonstra, neste questionamento, a ideia do diálogo para resolução de problemas e divisões sociais. Apontaram que uma das principais causas das revoluções na Rússia foi a pobreza e a exploração pelas quais a população passava. Um aluno argumentou que a fome pode ser capaz de "desumanizar" as pessoas, tornando-as irracionais e agressivas.

Finalmente, apontaram algumas semelhanças da Rússia pré-revolução com algumas localidades conhecidas por eles, e que fazem parte da sua realidade, como, por exemplo, a falta de estrutura, a falta de emprego, os desentendimentos relativos às divisões em facções na sociedade. Nesse sentido, um aluno comparou, os conflitos urbanos entre milícia, tráfico e polícia militar, com os mencheviques, bolcheviques e outros grupos que participaram do período das revoluções.

Canal: Leitura ObrigaHistória

Vídeo: "Breve história da REVOLUÇÂO RUSSA"

Com relação ao canal ***Leitura ObrigaHistória***, as percepções foram mais comedidas entre os alunos. Cinco deles gostaram do vídeo do canal, no entanto, a primeira impressão foi relativa ao tempo do vídeo, 41 minutos, eles acharam um pouco longo, porém, não apontaram este fator como um ponto negativo que tirasse a qualidade do vídeo. Comentaram que o formato dele era parecido com os jornais que passam nos canais de TVs ou nos documentários. Interessante, pois souberam, de certa forma, diferenciar e reconhecer um vídeo feito de forma parecida com a de um telejornal. Outro ponto destacado pelos alunos foi a organização do vídeo que, mesmo longo, era bem editado.

Neste vídeo, muitos alunos entenderam, mesmo que de forma simplificada, o conceito de comunismo, pelo menos as suas bases e o contexto do mesmo nos eventos das revoluções da Rússia. Um aluno notou que a questão econômica foi um dos temas centrais na explicação do autor, segundo ele, se as pessoas da Rússia não vivessem em dificuldades, provavelmente não se juntariam aos revolucionários para derrubar o governo. Este aluno em questão, um caso notável, pois se interessa pelas questões econômicas da história, inclusive se reconhecendo como um "liberal", do qual tem conhecimento, ainda que básico, das bases de um liberalismo clássico. Em conversas com ele em outros tempos, fora de sala, nos perguntava sobre os teóricos liberais, como, por exemplo, Adam Smith e Tocqueville. Mesmo não concordando com as teorias comunistas, este aluno passou, nas suas palavras, a "compreender melhor a teoria comunista" após assistir ao vídeo em questão.

Algumas alunas ficaram interessadas na parte do vídeo que fala da contribuição das mulheres nas Revoluções Russas lembraram que, nos outros dois vídeos, o elemento feminino no desenrolar dos acontecimentos é silenciado ou inexistente. Lembraram também do papel das mulheres, não só neste contexto russo, mas principalmente no decorrer da história do século XX, como por exemplo, no Brasil. Nesse sentido, sublinharam os esforços para inserção da mulher na política, as conquistas femininas até a eleição da primeira mulher como presidente da República, em 2010. Na avaliação de três alunos, o canal ***Leitura ObrigaHistória*** deveria ter sido inserido nas aulas das plataformas online do aplicativo que a SEEDUC/RJ lançou na pandemia como auxílio aos alunos, o Aplique-se.

Canal: História ao Quadrado

Vídeo: "Revolução Russa 1 Da queda do Czar à Revolução Branca" e "Revolução Russa (Parte 2)"

Dos três canais, o ***História ao Quadrado*** foi o que recebeu mais críticas. Segundo todos os alunos que participaram do trabalho, a proposta do trabalho é boa, construir a história por meio dos desenhos. No entanto, eles acharam que o tema era muito mais complexo para ser abordado somente por desenhos, mesmo que divididos em dois vídeos. Ainda assim, a maioria reconheceu que os desenhos facilitaram um pouco o entendimento de alguns pontos que não ficaram muito claros nos vídeos dos dois canais. Outra crítica foi a de que não encontraram referências na descrição do vídeo, como ocorrera no ***Nerdologia*** e no ***Leitura ObrigaHistória.*** Segundo os alunos que repararam neste ponto, quatro para ser preciso, qualquer canal, mesmo os mais simples, deveriam colocar referências a livros ou textos neles, pois fica difícil checar as informações com as fontes.

Segundo a observação de um aluno, o canal parece ter sido criado para o ensino fundamental, pois, conforme sua análise, parece ter sido feito para "crianças" por causa dos desenhos apresentados. Notaram que, em comparação com os outros canais, este canal tem uma estrutura mais simples, com menos atrativos visuais. Explicamos, na oportunidade, que a maioria dos canais são produzidos com um custo baixo, porque não têm condições financeiras para se manter, não recebem ajuda de governos e o custo dos equipamentos é alto. Somente poucos canais possuem uma estrutura mais consistente e outros, quando obtém um crescimento em números de assinantes, chamam a atenção de patrocinadores, interessados em veicular seus produtos nos vídeos postados.

Finalmente, notaram que nos dois vídeos deste canal, alguns assuntos aparecem e em outros não, mas, mesmo assim, de forma muito rápida e com explicações simples nos desenhos. A leitura que fizeram do vídeo foi que, como suporte para estudos preparatórios

para avaliações da escola são bons. No entanto, para exames e provas externas, não se mostram muito eficientes, pois as explicações ficam só na superfície, não há um aprofundamento.

O modo como o trabalho foi desenvolvido foi satisfatório, com resultados que demonstram, de alguma forma, um entendimento por parte dos alunos, de conceitos e ideias complexas nos livros, mas que se tornam mais fáceis de entender nos vídeos. O interesse dos alunos foi grande na realização deste trabalho, pois era, segundo alguns, algo diferente, que poucos professores, até então, trabalhavam: os vídeos da internet. Alguns pediram para que sempre os conteúdos fossem trabalhados dessa forma, a maioria se lamentou, pois como concluintes do 3º ano do ensino médio, era um dos últimos conteúdos de que teriam acesso, orientados por um professor.

Cabe uma observação com relação à utilização dos recursos dentro da própria escola. Não optamos pelo uso dos equipamentos da escola, conforme os que relatei anteriormente, pois, regularmente, o sinal de *wi-fi* estava com problemas, o que invalidava uma exibição satisfatória dos vídeos sem que eles "travassem". Uma escola equipada não quer dizer necessariamente que os equipamentos funcionem de forma satisfatória. Outro motivo pelo qual não utilizamos as tecnologias disponíveis na escola em sala de aula, foi devido ao fato de o conteúdo-objeto do trabalho, "As Revoluções Russas", estar relacionado ao programado 4º bimestre letivo. Portanto, precisava aplicar o conteúdo próprio deste bimestre, pois as provas finais estavam próximas e nas quais, obrigatoriamente, constariam questões relativas ao conteúdo aplicado em sala de aula de acordo com o currículo do bimestre.

De forma geral, os resultados ficaram dentro do que esperávamos. Os alunos conseguiram ter noções sobre empatia com os atores históricos, souberam reconhecer as narrativas históricas distintas, conceitos políticos complexos, como comunismo e liberalismo, comparações de elementos do passado com os do presente e finalmente, saber a distinção entre o conhecimento histórico cientificamente consagrado e revisionismos históricos e interpretações distorcidas, as conhecidas *fake news*. O trabalho com vídeos dos canais de história no YouTube é promissor e talvez daqui a algum tempo, rivalize em quantidade e qualidade com os livros didáticos e manuais da matéria. Não afirmo com isso, que os canais de ensino de história tenham vindo para substituir os livros, quiçá, como mais um suporte a eles, num esforço para solidificar o conhecimento histórico e a empatia entre os educandos.

CONCLUSÃO

As possibilidades de utilização dos canais de ensino de história no YouTube são muitas, um trabalho desse porte, mesmo no nível de mestrado ou doutorado, não pode dar conta de tamanha massa de informação. Reconhecemos que existem excelentes trabalhos acadêmicos de profissionais altamente qualificados se debruçando sobre essas possibilidades de uso dos referidos site de vídeos, cada um focando em determinados pontos importantes e interessantes. Esta dissertação é tão somente mais um trabalho a se somar nesses esforços analíticos. Ele não seria possível se não existissem profissionais estudando este e outros temas relacionados à internet, desde que o primeiro vídeo relacionado à educação foi postado. Por isso, há um sentimento de gratidão de nossa parte, a tantas pesquisadoras e pesquisadores que estudaram este tema antes de nós.

Na jornada da construção deste trabalho, nos deparamos com conhecimentos novos, com teorias que sendo exploradas e aplicadas à educação só se terá a ganhar e, principalmente, o objeto principal da educação: o aluno. Dificuldades sempre existiram e com certeza existirão, no entanto, são nas dificuldades que oportunidades diferentes podem surgir para enriquecer o aprendizado, ajudar o educando a adquirir uma consciência histórica crítica, a qual servirá como um antídoto contra os mais diversos venenos do mundo contemporâneo da pós-verdade, como as *fake news*, por exemplo.

E por falar em consciência histórica, nada mais propício e adequado dentro da historiografia do que o diálogo com a História Pública. Na nossa pesquisa, conseguimos vislumbrar as diferentes faces dessa nova concepção de ensino de História. Resgatando os atores históricos no tempo, tirando-os dos empoeirados livros e manuais de História, trazendo-os de volta à vida. Os caminhos pelos quais a História Pública trilha nos traz alternativas muito férteis para incutir no aluno a consciência de que seus antepassados não estão mortos em todos os sentidos, mas que o passado fala conosco, nos ajuda a entender que nosso mundo não foi construído por seres celestiais ou alienígenas, mas por pessoas de carne, osso, com medos, intrepidez, dissimulação, boa vontade e resiliência, em outras palavras, seres humanos, como nós, como eles.

Ao pesquisar para a construção deste trabalho, pudemos conhecer essas possibilidades da consciência histórica por meio da História Pública. Os vídeos dos diversos canais do YouTube aos quais pesquisamos deram conta por meio de quem os estava produzindo de trazer o passado para os nossos dias, mas não um passado estático, impermeável, mas aquele

de várias narrativas, de diferentes atores históricos, alguns que a história dos “vencedores” tratou de silenciar, mas que a História Pública trouxe de volta. Vimos pelos vídeos, e não somente no YouTube, mas nos canais de streaming, como a Netflix, pessoas comuns como se fossem nossos parentes, mas de milhares de anos no passado, nos fazendo ter empatia, raiva, solidariedade pela sua história.

Não podemos afirmar que a História Pública por si só seja capaz de tornar o ensino de história mais proveitoso, mas começamos a perceber que ela pode ser uma boa ferramenta para se utilizar com as gerações Z e Alpha. Para além da teoria de Prensky, debatida neste trabalho, sobre nativos e imigrantes digitais, revista pelo próprio autor dez anos depois, as novas gerações que nascem num contexto quase cem por cento informacional, demandam novas formas de aplicabilidade do ensino. De forma alguma, no entanto, colocamos em dúvida os métodos e as metodologias já consagradas pela academia, mas assim como outros profissionais, sugerimos a abertura a novas possibilidades de ensino para um público cada vez mais heterogêneo, inserido num mundo mais dinâmico e veloz.

Essas gerações dos nossos dias sabem manusear uma variedade quase infinita de equipamentos digitais, mas isso não quer dizer que possam lograr êxito na compreensão dos laços complexos do tecido civilizacional, a humanidade não se resume a simples, porém complexa equação matemática das máquinas, 1.0.1.0.1., a linguagem binária, ela é muito mais do que isso. Somos seres de desejos, como disse certa feita o psicanalista Jacques Lacan, por isso, há muito mais camadas em nós e na civilização do que as equações binárias podem dar conta. Acreditamos que essa foi uma das várias inquietudes dos profissionais que construíram canais de ensino de história no YouTube: apresentar uma humanidade na história, e não somente a história.

Os canais os quais pesquisamos, sejam os que levantamos para termos uma visão macro ou os que separamos para observar numa escala micro, foram pensados e construídos por pessoas de boa fé, de boa vontade e com um forte desejo de divulgar o conhecimento científico para além das salas de aula, das escolas da educação básica ou superior, eles quiseram ou pelo menos relataram como um dos seus principais propósitos a ampliação e a multiplicação do saber, do conhecimento, ao que voltamos ao ponto, outra possibilidade da História Pública: a divulgação científica. Sua liberdade para construção da consciência histórica, um pouco mais livre das salas de aula.

Há de se ponderar, no entanto, que não basta somente ter boa fé para construir canais de ensino de história, os profissionais que se comprometem com essa tarefa, na maioria das vezes, não contam com apoio financeiro para a manutenção de seus canais, pois um bom

vídeo demanda a utilização de tecnologias no mínimo avançadas e essas tecnologias custam caro. Mesmo assim, com todas as dificuldades, os *youtubers*, como são conhecidos, conseguem produzir materiais de ótima qualidade; e quando faltam recursos, a imaginação e a superação são utilizadas por estes profissionais, que conseguem entregar um produto de boa qualidade, pronto para ser utilizado por professores em sala de aula.

A utilização desse material é o ponto que nos interessou e que nos guiou na construção deste trabalho, mas vamos voltar a este ponto em breve, por hora, uma reflexão se faz absolutamente necessária sobre os cuidados em utilizar canais de ensino de história na internet. Em nossa discussão no segundo capítulo, procuramos alertar para as armadilhas escondidas em canais que se dizem sérios ou que propõem uma "nova narrativa" dos fatos e eventos históricos, há muito joio no campo de trigo, por isso não podemos fechar nossos olhos às artimanhas de pessoas e grupos mal-intencionados, a serviço de uma ordem política e ideológica única e excludente, mascarados de conhecimento científico. Um dos canais que se encaixam nas características acima, que pesquisamos enquanto montávamos nosso trabalho, foi a Brasil Paralelo.

Nos referimos a este canal utilizando o artigo definido no feminino, pois sim, eles são uma empresa, não um canal como os mais de dezoito que pesquisamos, voltados para uma produção séria no campo do conhecimento. A Brasil Paralelo se utiliza de uma desculpa de viés cientificista, dizendo apresentar um outro lado da história, repetindo que a história é construída de narrativas, deixando de lado toda uma tradição acadêmica construída por especialistas sérios e comprometidos. Os criadores de tal empreendimento apresentam uma história manipulada, negacionista e revisionista até a última letra de seus vídeos.

Como se não bastasse a precariedade do sistema educacional brasileiro, em que falta estrutura física e administrativa em vários estados e municípios brasileiros, as estratégias negacionistas e revisionistas as quais estamos vivenciando, produções de sites como a Brasil Paralelo, confundem os alunos, tornando a tarefa de ensinar mais difícil e muitas vezes frustrante. O professor tem de lidar com dificuldades as quais nem mesmo seus anos de graduação previram.

No entanto, como podemos enquanto profissionais da educação, anular ou atenuar os estragos feitos por pessoas e organizações mal-intencionadas, levantando a bandeira do revisionismo e negacionismo histórico. Bom, não há soluções mágicas, muito menos queremos com este trabalho vender esta ideia, sabemos que cada profissional "mata um leão por dia" para poder defender suas boas práticas, sua ética ao ensinar e seu profissionalismo,

isso é uma batalha de cada um, batalha que muitas vezes lutamos sozinhos e remando contra a maré de ignorância do conhecimento.

De toda forma, ao elaborar, construir e aplicar este trabalho, desejamos oferecer uma possibilidade de instrumento na luta contra as ferramentas da era da pós-verdade, uma delas chamada: *fake news*. Entendemos, assim, que o trabalho de curadoria do professor seja o mais adequado e sirva como um antídoto contra narrativas negacionistas disfarçadas de conhecimento histórico. Não é fácil, é trabalhoso, muitas vezes envolto em sentimentos de frustração e mesmo de desistência, no entanto, seu resultado é gratificante.

Uma curadoria feita pelo professor, consiste na análise prévia de canais e assuntos neles contidos antes de apresentá-los para os alunos em sala de aula. Não há necessidade de fazer um trabalho quantitativo, não precisa pesquisar muitos canais de YouTube de ensino de história, mas a pesquisa tem que ser feita de forma minuciosa e cuidadosa, pois o êxito pode significar uma impermeabilização, pelo menos temporária, do aluno em relação às notícias falsas e às narrativas duvidosas dos fatos históricos. O professor, assim, se coloca como um anteparo, uma barreira, uma represa entre o aluno e o gigantesco volume de informações disponíveis na internet, muitas de verniz científico, mas que são verdadeiras armadilhas para implantar o ódio nas mentes dos adolescentes.

Ao aplicar nosso trabalho, nos deparamos com várias dificuldades, principalmente as relativas às consequências advindas da pandemia do novo coronavírus, as quais afastou ainda mais o vínculo entre professor e aluno, que já não era tão eficiente assim. Nossos alunos faziam parte de famílias e lares com as mais distintas privações e dificuldades, além das já mencionadas no capítulo três, relativas ao acesso e utilização dos meios digitais num contexto de aulas remotas por questões de segurança sanitária, que mesmo com o retorno gradual, graças às melhoras nos indicadores epidemiológicos, não foi suficiente para trabalhar de forma satisfatória.

Mesmo assim, aplicamos o trabalho que consistia em analisar um tema específico da grade curricular de História, no caso, as Revoluções Russas, ensinadas por meio de vídeos de três canais já mencionados neste trabalho. Antes, contudo, avaliamos estes vídeos, para verificar se realmente foram produzidos com um compromisso às metodologias históricas, pois mesmo que os formatos sejam distintos, eles não devem invalidar a historiografia, antes, devem torná-la acessível e compreensível aos alunos da educação básica, pois, só assim poderemos construir uma verdadeira consciência histórica no educando, salvando-o da onda negacionista contemporânea.

Elaboradas por meio do método *WebQuest*, o qual incentiva o aluno a procurar por si só, mas com a ajuda do professor, claro, questionamentos e respostas dentro da proposta de pesquisa sugerida, despertando no educando uma vontade comparável quase a de um pesquisador. Os resultados apresentados por este método foram satisfatórios, mesmo como dito antes, numa situação de limitações estruturais e organizacionais, a maioria provocadas pelo estado de coisas pelas quais a COVID-19 nos fez passar. Testificamos a viabilidade do uso dos canais de ensino de história em sala de aula, pois a maioria deles possuem características de natureza da História Pública, o que torna nosso trabalho muito mais produtivo.

Ao final, podemos perceber que a função de curadoria dos vídeos é viável para se filtrar conteúdos nocivos ao aprendizado, bem como a construir uma verdadeira consciência histórica. Lamentamos, porém, que a pandemia tenha limitado de forma física, uma melhor aplicabilidade do nosso trabalho, no entanto, num mundo que retoma de forma gradativa a sua "normalidade", outras possiblidades possam surgir para melhorar nossa proposta de utilização da internet para o ensino de história. O tema é amplo, as possibilidades estão disponíveis, como por exemplo o uso de *podcasts*, oficinas de construção e manutenção de canais do YouTube, uma alfabetização digital, entre tantas outras, são caminhos pelos quais outros profissionais podem e devem explorar.

Nosso trabalho não tem a pretensão de encerrar-se nele mesmo, mas de ser um ponto de partida, uma ideia que possa ser aproveitada e melhorada por outros colegas, num esforço coletivo de desenvolvimento do conhecimento e da consciência histórica em tempos sombrios.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cintia Beñák de. Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didática – histórica para o Ensino Fundamental II. Rio de Janeiro: UERJ, 2020.

ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica, *In:* Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, p. 20 – 28. 2011.

BAUER, Caroline Silveira. NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. Belo Horizonte: Varia História, vol. 32, n. 60, p. 807 – 835, 2016.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. Revista Brasileira de História, p. 29 – 42. 1989.

BONSANTO, André. Narrativas "historiográfico-midiáticas" na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. Rio de Janeiro: Liinc em Revista, vol. 17, n. 1, p. 2 – 18, 2021.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução Ricardo Giasetti, São Paulo: Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda. p. 17 – 35. 2009.

CAIMI, Flávia Eloísa. NICOLA, Bárbara. Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação. Rio Grande do Sul: OPSIS – UFRS. p. 60 -69. 2015

CARDOSO, Oldimar Pontes. A Educação para a Cidadania entre passado, presente e futuro. Educação & Realidade, v. 34, n. 1, p. 137-154, 2009.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Nativos digitais, imigrantes digitais: quinze anos depois. In. Visões sobre Aprendizagem Histórica. Org. BUENO, André. ESTACHESKI, Dulceli. CREMA, Everton. Rio de Janeiro/União da Vitória: LAPHIS/SobreOntens. 2016

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014). São Paulo, Editora Expressão Popular, p.17 – 21. 2018.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

CERRI, Luís Fernando. Os conceitos de Consciência Histórica e os desafios da Didática Histórica. Revista de História Regional, p. 93 – 112. 2001.

FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. Esboços: histórias em contextos globais, v. 27, n. 45, p. 207-227, 2020.

HAHN, Fábio André. É possível aprender história com a metodologia webquest? – *In:* Visões sobre Aprendizagem Histórica. Org. BUENO, André. ESTACHESKI, Dulceli. CREMA, Everton. Rio de Janeiro/União da Vitória: LAPHIS/Sobre Ontens. 2016.

HARARI, Yuval Noah. Homo Deus – Uma breve história do amanhã: Tradução: Paulo Griger. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

JÚNIOR, João Batista Bottentuit; COUTINHO, Clara Pereira. Recomendações de qualidade para o processo de avaliação de webquests = Recommendations of quality to assessment of webquests. EduSer - Revista de educação. ISSN 1645-4774. 3:2, p. 45-59. 2011.

KEYES, Ralph. A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea; tradução de Fábio Creder. Petrópolis, Editora Vozes Limitada, p.11 – 21. 2018.

LAITANO, Bruno Grigoletti. (Con) figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica. Esboços: histórias em contextos globais, v. 27, n. 45, p. 170-186, 2020.

LEE, Peter. "Nós fabricamos carros, eles tinham que andar a pé": compreensão das pessoas do passado. *In*: BARCA, Isabel (org.). Actas das Segundas Jornadas Internacionais em Educação Histórica. Universidade do Minho, p.19 – 36. 2001.

LUCCHESI, Anita; DA SILVEIRA, Pedro Telles; NICODEMO, Thiago Lima. Nunca fomos tão úteis. Esboços: histórias em contextos globais, v. 27, n. 45, p. 161-169, 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes. Rio de Janeiro, Editora Vozes Limitada, p.10 – 18. 2014.

MEISTER, Izabel Patrícia. Resenha da obra "*Homo zappiens: educando na era digital"* de Wim Veen e Bem Vrakking. São Paulo: PUC. p. 61 – 65. 2010

MOERBECK, Guilherme; ROCHA, Thaís. As dimensões da História Antiga na História Pública: a Antiguidade e seus públicos no Brasil. São Paulo: Letra & Voz, 2022, no prelo.

MOURAN, José Manuel. A educação que desejamos, novos desafios e como chegar lá. Campinas – SP: Papirus 2007.

NASCIMENTO. Éder Dias do, A Metodologia *Webquest* na aula de História. Universidade Estadual do Paraná – Unespar. Campo Mourão – PR. 2018.

NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. Revista História Hoje. v. 8. Nº 15. Porto Alegre: UFRGS. p. 203 – 221. 2019.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. Revista Ibicti. v. 11. Rio de Janeiro. p. 29 – 57. 2015.

OLINTO, Gilda. Desigualdades no acesso à internet no Brasil - grupo de trabalho: estratificação e desigualdades sociais. UFPE. p. 2 – 13, 2007.

OLIVEIRA, Genori da Silva. Geração alpha entre a realidade e o virtual: sujeitos digitais. Ijuí: Uniijuí, 2019.

PEREIRA DA SILVA, Sivaldo. Políticas de acesso à Internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. Cadernos Adenauer xvi, nº3: Internet e sociedade. Rio de janeiro: Fundação Konrad Adenauer, p. 151-171, 2015.

PRENSKY, Marc. Nativos e Imigrantes Digitais. SEK, S.A. 2010.

RANGEL, Maysa Fagundes Pereira. Comportamento infantil contemporâneo: características da geração Alpha da perspectiva dos pais. São Paulo: PUC. 2020.

REIS, Elismar Vicente e TOMAÉL, Maria Inês. A geração Z e as plataformas tecnológicas. *In.* VI Seminário em Ciência da Informação. Londrina. 2016. p. 36 – 50.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: Novos debates pela História – desafios ensino. Org. PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto. p. 175 – 197. 202.
1
SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. Revista eletrônica temática. a V nº 05. São Paulo. p. 1 – 11. 2009.

WANDERLEY, Sônia. O entrelugar do aprendizado escolar de História: uma perspectiva de História Pública. Revista História Hoje, v. 9, n. 18, p. 125–144, 2020.

WINEBURG, Sam. Porque o pensamento histórico não é sobre História. OPSIS. v. 19. Nº 2, p. 1–5. 2019.

ANEXO A - Quadro analítico dos canais de História no YouTube, Podcast e outros

Quadro 1

Canais	***Nerdologia***	***Historiar-se***	***Foca na História***
A quais conhecimentos o canal se destina?	História, Ciência, Filosofia, Política e cultura pop em geral	História e Educação	História e Mitologia
Quais são os públicos-alvo?	Público em geral	Estudantes e professores	Público em geral
Feito por historiador?	Sim, mas há biólogo e professores convidados de outras áreas	Sim	Não está claro, não tem como identificar
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Imagens Documentos	Documentos e referências bibliográficas	Não há fontes referenciadas
Periodicidade dos vídeos (em média)	Um vídeo de História por semana	Um vídeo por semana em média	Um vídeo por semana em média
Quantidade de visualizações (média)	200 mil por vídeo	2 mil por vídeo	20 a 40 mil por vídeo
Origem (ano de criação)	2010	2018	2016
Tempo médio de duração dos vídeos	10 minutos	20 minutos	Entre 5 e 10 minutos
Número de inscritos no canal	3,12 mil (08/05/2021)	5,25 mi (08/05/202)	779 mil (08/05/2021)
Utiliza memes?	Sim	Não	Não, mas utiliza animações
Quantidade média das interações (comentários)	1000	150	1000

Quadro 2

Canais	***Meteoro Brasil***	***História em Perspectiva***	***História Recente***
A quais conhecimentos o canal se destina?	Ciência, Sociedade e História	História e Educação	História e Educação
Quais são os públicos-alvo?	Público em geral	Estudantes	Estudantes
Feito por historiador?	Não, jornalistas	Sim	Sim
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Documentos Imagens Reportagens	Documentos Livros Imagens	Documentos Imagens
Periodicidade dos vídeos (em média)	2 vídeos por semana	1 vídeo por semana	1 vídeo por semana
Quantidade de visualizações (média)	100 a 200 mil por vídeo	100 a 300 mil por vídeo	170 a 500 por vídeo
Origem (ano de criação)	2017	2011	2017
Tempo médio de duração dos vídeos	10 a 20 minutos	7 a 20 minutos	10 a 20 minutos
Número de inscritos no canal	1,02 mil (08/05/2021)	11,5 mil (08/05/2021)	1,55 mil (08/05/2021)
Utiliza memes?	Sim	Sim	Sim
Quantidade média das interações (comentários)	600 a 2000	8 a 10	30

Quadro 3

Canais	***História e Tú***	***Débora Aladim***	***Marcus Ribeiro History News***
A quais conhecimentos o canal se destina?	História e Educação	História, Educação e Preparatórios para vestibulares	História
Quais são os públicos-alvo?	Público em geral	Estudantes	Público em geral
Feito por historiador?	Não está explícito, mas parece que sim	Sim	Sim
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Imagens Reportagens Documentos	Imagens Documentos Livros	Imagens
Periodicidade dos vídeos (em média)	2 vídeos por semana	1 vídeo por semana	1 vídeo por semana (irregular)
Quantidade de visualizações (média)	20 e 50 mil por vídeo	100 a 300 mil por vídeo	20 a 100 por vídeo
Origem (ano de criação)	2013	2013	2011
Tempo médio de duração dos vídeos	10 minutos	10 a 20 minutos	10 minutos
Número de inscritos no canal	305 mil (16/05/2021)	2,9 mil (16/05/2021)	152 (16/05/2021)
Utiliza memes?	Sim	Sim	Não
Quantidade média das interações (comentários)	200	400 a 1000	Poucos ou nenhum

Quadro 4

Canais	***Historiando***	***História Online***	***História ao Quadrado***
A quais conhecimentos o canal se destina?	História e Humanidades	História e Humanidades	História
Quais são os públicos-alvo?	Estudantes	Público em geral	Estudantes
Feito por historiador?	Sim	Sim	Sim
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Documentos Referências bibliográficas	Imagens Reportagens	Desenhos
Periodicidade dos vídeos (em média)	1 vídeo por semana	2 a 3 vídeos por semana	1 vídeo por semana
Quantidade de visualizações (média)	200 a 2000 por vídeo	300 e 2000 por vídeo	1000 a 20 mil por vídeo
Origem (ano de criação)	2017	2006	2007
Tempo médio de duração dos vídeos	10 a 20 minutos	5 a 40 minutos	5 e 10 minutos
Número de inscritos no canal	8,12 mil (16/05/2021)	171 mil (16/05/2021)	17,1 mil (16/05/2021)
Utiliza memes?	Não	Não	Sim
Quantidade média das interações (comentários)	20	50 a 100	100

Quadro 5

Canais	***Parabólica***	***História com a Prof.ª. Patrícia***	***Historiô***
A quais conhecimentos o canal se destina?	História e Filosofia	História	História (local)
Quais são os públicos-alvo?	Estudantes de pré-vestibulares	Público em geral	Público em geral (História pública)
Feito por historiador?	Sim	Sim	Sim
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Imagens Livros Documentos	Imagens	Imagens
Periodicidade dos vídeos (em média)	2 a 3 vídeos por semana	Só tem 5 vídeos, parece que o canal está parado há pelo menos seis meses	Poucos vídeos
Quantidade de visualizações (média)	2000 por vídeo	100 por vídeo	100 por vídeo (com pico de 44 mil)
Origem (ano de criação)	2015	2020	2017
Tempo médio de duração dos vídeos	20 minutos	10 a 12 minutos	5 a 15 minutos
Número de inscritos no canal	589 mil (29/05/2021)	70 (29/05/2021)	1,95 mil (29/05/2021)
Utiliza memes?	Sim	Sim	Sim
Quantidade média das interações (comentários)	50 a 100	5	10

Quadro 6

Canais	***Não Confunda***	***Arqueologia pelo Mundo***	***História em Gotas***
A quais conhecimentos o canal se destina?	História	Arqueologia e História	História
Quais são os públicos-alvo?	Estudantes e público em geral	Público em geral	Estudantes e público em geral
Feito por historiador?	Sim	Não, arqueóloga	Sim
Quais tipos de fontes utiliza mais?	Imagens Documentos	Imagens Documentos	Imagens Documentos
Periodicidade dos vídeos (em média)	1 vídeo por semana	1 vídeo por semana	2 a 3 vídeos por semana
Quantidade de visualizações (média)	160 a 2000 por vídeo	2000 por vídeo	90 a 100 por vídeo
Origem (ano de criação)	2008	2008	2015
Tempo médio de duração dos vídeos	10 a 30 minutos	15 a 20 minutos	4 a 8 minutos
Número de inscritos no canal	1,04 mil (29/05/2021)	49,9 mil (29/05/2021)	13,6 mil (29/05/2021)
Utiliza memes?	Sim	Não	Não
Quantidade média das interações (comentários)	10 a 20	40 a 80	6 a 10

ANEXO B - Análise dos vídeos a serem utilizados

Canais	Nerdologia	História ao Quadrado	Leitura Obrigahistória
Questões do pensamento Histórico	As Revoluções Russas	Revolução Russa	Revolução Russa
Nivel I (Eventos e Narrativas)	As revoluções de outubro, criação da Duma e dos Sovietes, a guerra civil após as revoluções. Exposição dos fatos de forma simples, dando ênfase aos elementos de causa e consequência.	A revolução de 1905, o Domingo Sangrento, os bolcheviques e os mencheviques. A narrativa se dá em forma de história em quadrinhos, que são desenhadas enquanto acontece a explicação do autor.	Antecedentes da sociedade russa no século XIX, as revoluções russas até 1917, o tratado de Brest-Litovsk.
Há uma preferência por um tipo de evento? Como as narrativas históricas estão organizadas? A seleção de eventos e as narrativas encaminham o "leitor" à reflexão histórica? De que maneira?	Não há preferência por um tipo somente de evento, procuram apresentar os mais relevantes. As narrativas se organizam em ordem cronológica e relativa aos fatos políticos. Os fatos e as narrativas podem fazer o leitor refletir historicamente, pois muitas vezes apresentam comparações temporais e sociais, principalmente quando apresentam as desigualdades sociais do período absolutista do império russo.	O foco e as principais referência dos vídeos gira em torno muito mais nos eventos do pós revolução de 1917, as primeiras reformas implementadas pelo estado soviético após os eventos da revolução. As narrativas se organizam em formas de história em quadrinhos, com traços muito simples e colorido ao final. O vídeo é produzido de forma muito técnica, destacando de forma rasa os principais acontecimentos. Mesmo na apresentação do narrador, não se encontra uma fala mais enfática que leve à reflexão social, por exemplo.	Não há preferência por determinado evento, no entanto há delimitação do evento de assinatura do tratado de Brest-Litovsk como o fim da narrativa dos acontecimentos. A narrativa histórica disposta no vídeo estão em ordem cronológica, recuando até meados do século XIX para contextualizar a sociedade russa. Mesmo o autor narrando os fatos de forma quase acadêmica, durante o vídeo ele procura embasar os eventos com teorias e contextos da época. A reflexão histórica se dá pela narrativa das dificuldades sociais e econômicas da Rússia pré e pós revolução.

Nível II (Quanto aos conceitos de segunda ordem)			
Tempo (como é organizado, qual tipo de temporalidade, qual a ênfase que se dá a essa dimensão).	O tempo é organizado como o de curta duração, focado nos eventos da revolução de 1917, mas regredindo um pouco para contextualizar a situação política da Rússia pré-revolução. O vídeo também explica e diferencia o calendário juliano (usado pelo império russo na época) e o gregoriano, para marcar o desenrolar dos fatos.	O tempo é apresentado como de curta duração, o período da revolução ou das revoluções russas, 1905 a 1917. O tema é dividido em três vídeos sequenciais. Não há muito retorno aos antecedentes, apesar de a parte imagética dos desenhos estarem bem divididos em conceitos, contexto histórico e acontecimentos.	A temporalidade que organiza o vídeo é de curta duração, delimitando de forma muito clara o início e o fim das narrativas, segunda metade do século XIX e o ano de 1917. Mesmo que o vídeo tenha um espaço de duração de 41 minutos, o autor prefere essa delimitação de tempo para organizar as ideias, os conceitos e os contextos.
Causa e Consequência (como está organizada a relação de causalidade em relação aos temas tratados; há preocupação em se tratar as questões processualmente).	Causa e consequência é utilizado sempre no vídeo, praticamente a construção do mesmo tem por base o conceito de causalidade. Um evento é narrado em consequência de uma causa anterior a ele, principalmente dando ênfase nas ações do Czar Nicolau II.	A relação causal é muito utilizada nos três vídeos, como dito antes, divididos em esquemas de desenhos conceituais, onde um acontecimento necessariamente leva a uma consequência.	Recuando a situações e eventos ainda no século XIX, a relação de causa e consequência fica mais bem construída. Os acontecimentos e as narrativas se entrelaçam numa trama produzindo sentido aos fatos.
Motivações (como se comportam os agentes históricos quanto ao tema apresentado – individuais, coletivos...o que motiva à ação? Em que medida o contexto da época é utilizado para se julgar a ação que é deflagrada pelos agentes históricos?)	As motivações apresentadas no vídeo relativas aos atores históricos são em sua maioria individuais, mas há coletividades, como por exemplo, as ações dos mencheviques e da Duma. Os contextos da época muito utilizados são a	Os sujeitos da narrativa dos vídeos são motivados por questões políticas. Há menção a indivíduos, como Stalin, Lenin e Trotsky, bem como às ideologias dos grupos por eles representados: mencheviques e bolcheviques. Um dos principais	As motivações dos agentes históricos apresentados no vídeo são políticas e ideológicas, os conceitos socialistas sempre aparecem dando um pano de fundo teórico às discussões apresentadas pelos agentes. Se utiliza com certa

	guerra com o Japão e a Primeira Guerra Mundial, que de certa forma, são gatilhos para ações de alguns agentes históricos.	conceitos utilizados para contextualizar a explicação é a questão social, principalmente as lutas de classes.	regularidade, os escritos e as teorias socialistas de Marx e Engels para explicar as ações das pessoas envolvidas na narrativa.
Mudança e continuidade (o que se transforma, o que permanece; em que níveis e dimensões; há a preocupação dos canais em tratar disso?)	O vídeo não trata muito de mudança e continuidade, foca mesmo no evento histórico da revolução, no entanto, há alguns memes que de certa forma, "cutucam" o presente autoritarismo do atual governo russo; uma montagem de Twitter com a bandeira russa dizendo que não existe mais absolutismo na Rússia: "LAST!!!! ... Não, pera..." aos 4 minutos e 15 segundos de apresentação.	Como o vídeo dá mais ênfase ao período imediatamente pós revolução, nota-se um paralelo das condições sociais antes e depois das revoluções, a questão econômica assim, é explorada com mais frequência neste sentido.	O autor procura apresentar os fatos fazendo lnks com o panorama político da atualidade, às vezes explicando alguns conceitos mais teóricos. No entanto, o vídeo foca mais nos acontecimentos próprios das revoluções russas do que fazer paralelos com os dias atuais.
Empatia (em que medida os canais levam a uma reflexão que aproxime o leitor da compreensão dos fatos históricos que era dada em uma certa época?)	A empatia se dá ao trabalhar o tema da pobreza, autoritarismo de Estado, luta de classes e tomada de poder dos trabalhadores. A reflexão neste sentido faz o espectador se questionar se nos dias atuais as desigualdades ainda estão presentes, bem como o autoritarismo.	Por explorar mais os eventos e as ações imediatamente após 1917, o vídeo dá destaque às condições precárias vividas pela população, no entanto, talvez pela natureza da apresentação, em quadrinhos simples, ele tenha um pouco mais dificuldade em despertar uma empatia.	A empatia se dá de forma muito peculiar neste vídeo, quando o autor cede parte do seu tempo para outra professora explicar o papel das mulheres nos eventos e nas tramas das revoluções russas. O lugar de fala das mulheres que participaram das revoluções é apresentado e representado por uma mulher.
Significado/relevância (em que medida o	O vídeo foi feito em 2017, marco de cem	Os vídeos produzidos em 2020 possuem um	O vídeo foi feito em outubro de 2017,

tema é tratado em termos de sua relevância para a época e para o mundo atual e em que medida adquire significados nas diferentes interpretações que se pode fazer dele – há espaço para essas múltiplas interpretações nas formas como os vídeos são apresentados?)	anos das revoluções russas. Como relevância podemos destacar a própria Rússia atual governada por Vladimir Putin, cuja reputação política no Ocidente está mais próxima da de um Czar russo do que um revolucionário bolchevique. Há um vídeo da BBC Brasil, publicado no seu canal do YouTube em julho de 2021, contando a história do líder russo e como sua imagem foi construída dentro e fora da Rússia, fazendo-nos pensar sobre as formas de autoritarismo ainda existentes no mundo.	significado importante no sentido de que apresenta um tema complexo, tratado de forma muito simples em sua exposição. Não é possível afirmar, no entanto, que sua relevância esteja associada às comemorações do centenário das revoluções, pois foram feitos três anos após o marco centenário. De qualquer forma, os vídeos podem ser uma forma mais simples e introdutória para se apresentar este tema muito comum na historiografia contemporânea.	praticamente cem anos após a revolução. A relevância se dá justamente por isso, o centenário dos acontecimentos de outubro de 1917. Seu significado se torna essencial dada a organização, técnica, teoria, bibliografia e indicações das fontes que serviram de base para a produção do conteúdo. Num tempo e numa plataforma recheada de notícias e vídeos falsos, esse vídeo traz mais um conhecimento válido para o ensino aprendizagem.
Nível III (fontes)			
Quantas fontes, de que tipo, produzidas por quais agentes... são apresentadas de tal forma de deem suporte ao que se está apresentando como tema?	As fontes são imagéticas. O historiador narra os eventos apresentando imagens: fotos da época; gráficos comparativos; fotos de documentos; memes e referência à cultura pop em filmes, por exemplo. Como o filme estrelado por Sean Conery; “Caçada ao Outubro Vermelho”, recurso utilizado para fazer referência às revoluções de outubro (aos 6 minutos e 51 segundos). Bem como ao clássico filme de Sergei	Não há referência ou bibliografia indicada nos vídeos do canal sobre o tema, só mesmo a apresentação explicada por um professor de história, que não podemos afirmar ser ele quem faz os desenhos, não há nenhum indicativo disso, e mesmo ao fim da apresentação quando ele se mostra, não diz nada sobre a autoria dos desenhos em quadrinhos.	O vídeo utiliza mais de vinte fontes indicadas na bibliografia no link da descrição, trechos de documentos da época são lidos inseridos em determinados temas, como por exemplo, a carta de abdicação do Czar Nicolau II. Um recurso interessante utilizado no vídeo pelo autor é apresentar notas de rodapé no decorrer da exibição, toda vez que se faz necessário explicar um conceito ou dar alguma informação adicional. Há

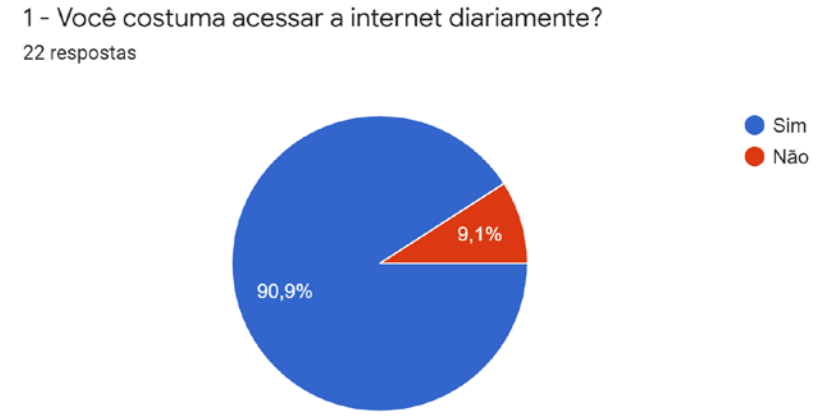
	Eisenstein: "O Encouraçado Potequin", fazendo agora referência direta ao fato histórico da revolta dos marinheiros (aos 3 minutos e 51 segundos).		também a utilização de fotografias e filmes curtos da época, alguns colorizados digitalmente.
Nível IV (Consciência Histórica)			
Como o trabalho dos eventos, narrativas, conceitos e fontes articulam, de diferentes maneiras as possibilidades interpretativas entre passado - presente – e futuro. Isso, claro na perspectiva de um leitor do vídeo.	A articulação da narrativa, fontes e eventos do vídeo apresenta de forma simples, muito embasada em imagens, uma visão mais palatável sobre os acontecimentos, principalmente se o leitor do vídeo for um adolescente, muito afeito a imagens e poucos ou nenhum texto. Percebe-se o esforço para que a narrativa histórica possa ser entendida de forma direta, principalmente nas referências com a cultura pop e com acontecimentos políticos contemporâneos.	Uma articulação possível pode se dá ao destaque feito durante os três vídeos às condições precárias do povo russo à época das revoluções, tema usado pelo autor como motivador dos conflitos. No entanto, voltamos a dizer que pela natureza do vídeo, feito só em imagens de quadrinhos, não se pode afirmar que há uma relação entre passado e presente, muito menos uma menção à situação política da atual Rússia.	Sendo o vídeo apresentado na forma jornalística, ou seja, o autor narra os acontecimentos como se descrevesse fatos acontecidos nos dias atuais, as interpretações podem ficar a cargo da imaginação do espectador. Imaginar como foram os eventos, as reações das pessoas, a passividade ou intrepidez dos agentes envolvidos e que mudaram os rumos da história russa e mundial.
Nível V (linguagem histórica)			
Como os autores dos vídeos articulam os remas que apresentam dentro de uma linguagem histórica (técnica) aceitável? Utilizam-se de jargões, conceitos, termos que emprestem precisão	A apresentação do tema pelo autor do vídeo claramente editado para não ser prolixo e muito longo, se dá de forma técnica, no entanto não muito formal. Mesmo quando não se pode fugir de	Não há jargões e muito menos gírias ou linguagem informal, o professor apresenta o tema como se tivesse dando aula para um curso pré vestibular, explicando de forma simples e direta cada	O autor não utiliza de gírias ou jargões, procura narrar os fatos de forma bem técnica, teórica, mas utilizando-se de um linguajar simples e direto, fugindo de uma retórica empolada e difícil de

técnica ao que apresentam.	algum termo técnico, o autor se preocupa por explicar da forma mais simples possível.	conceito e contextualizando eles.	entender.

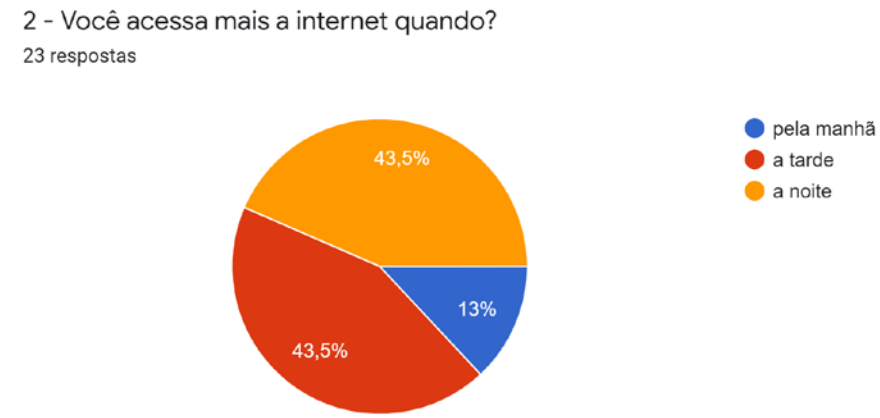
ANEXO C - Pesquisa local relativa ao acesso à internet

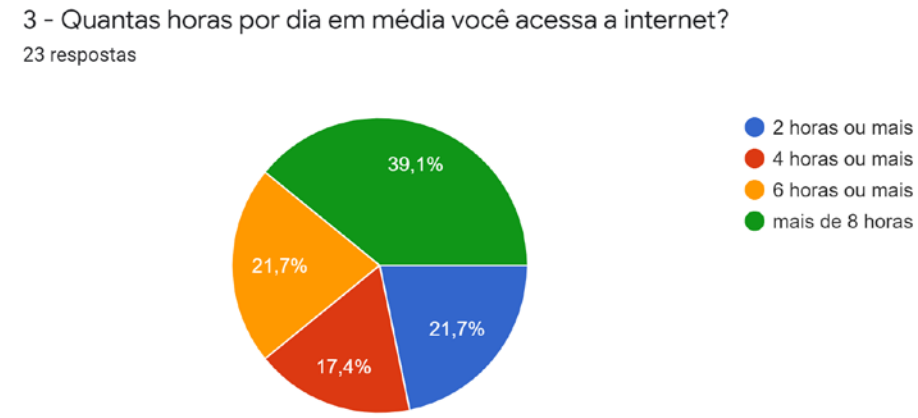
Pesquisa local relativa ao acesso à internet

Sobre a regularidade de acesso à internet:

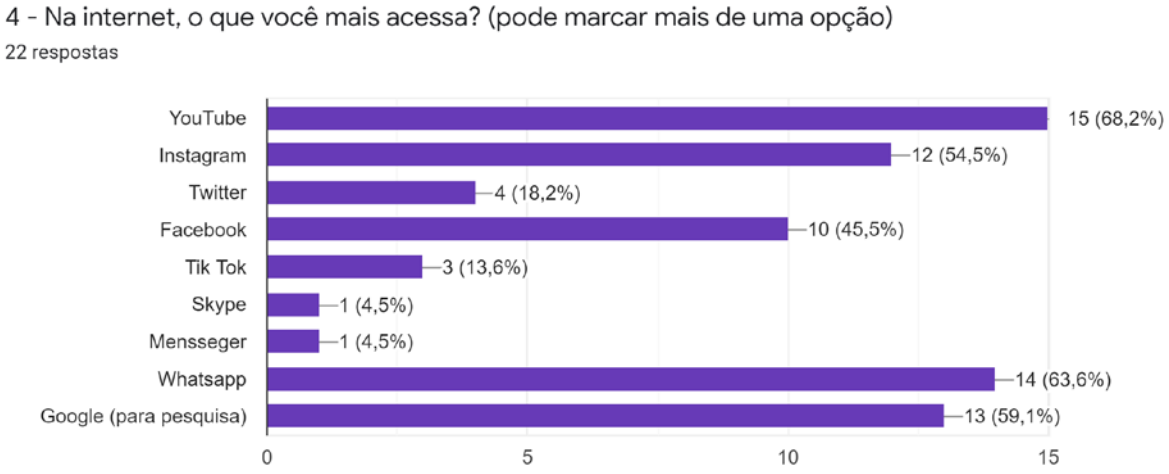


Sobre a periocidade de acesso à internet:

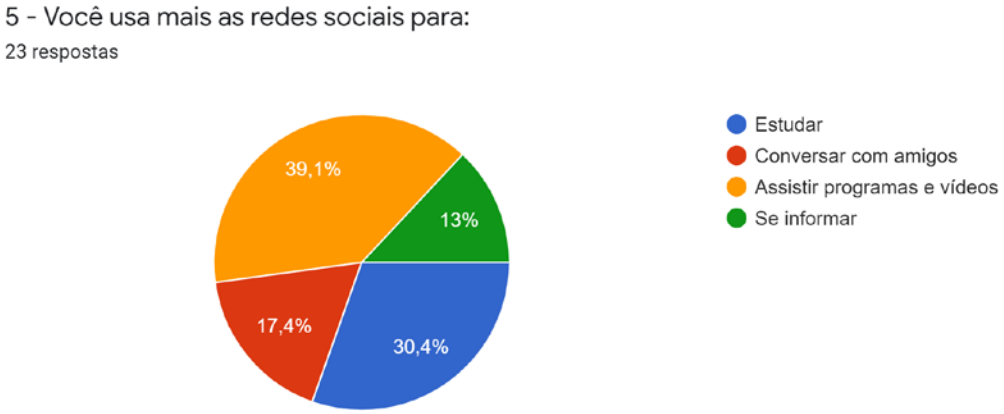




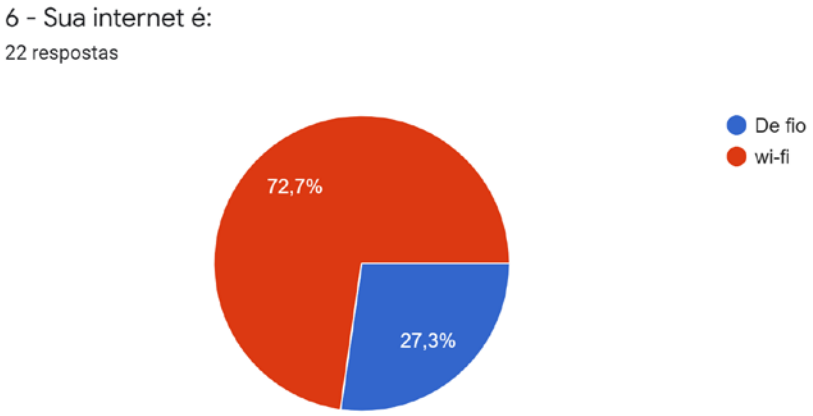
Sobre as ferramentas mais acessadas:



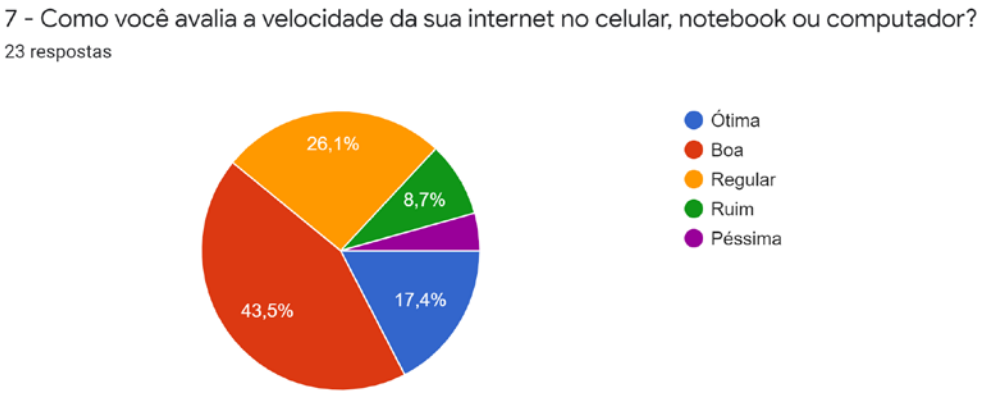
Sobre os objetivos para se usar a internet:



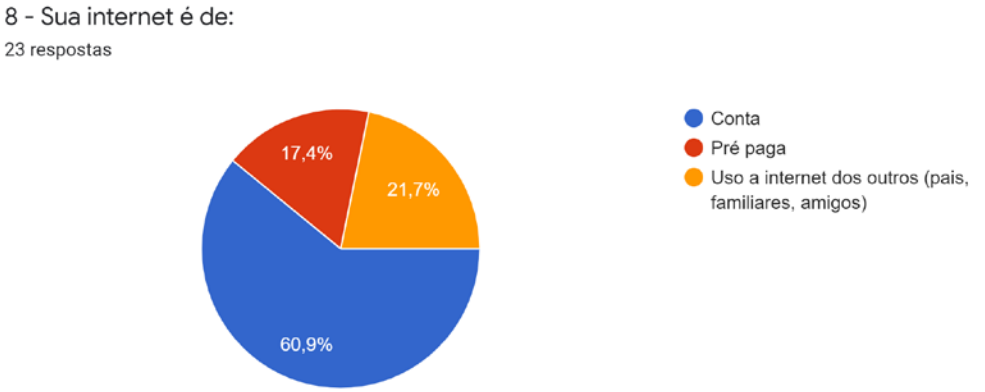
Sobre a natureza do fluxo de dados:



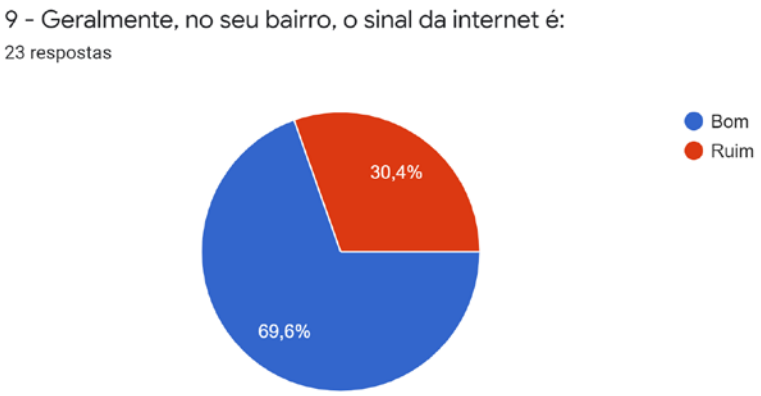
Sobre a autoavaliação do desempenho da internet:



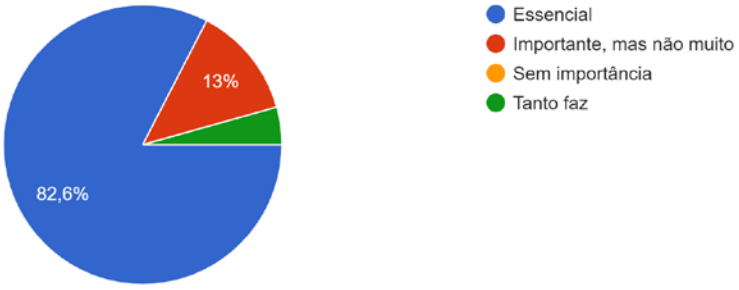
Sobre a provisão econômica da internet:



Sobre a dificuldade de acesso à internet:



Sobre a opinião do aluno a respeito da utilidade da internet:

10 - Você acha que o uso da internet para estudos e pesquisas é:

23 respostas